



Pentecostalismo no Brasil. Cem anos

Ricardo Mariano

Pentecostalismo. Uma religião dos pobres

Maria das Dores Campos Machado

O pentecostalismo e as mulheres

Gedeon Freire de Alencar

Teologia da Prosperidade e neoliberalismo

E mais:

>> Vladimir Safatle:

O Bem está mal acompanhado

>> Amir Khair:

Reestruturação geopolítica e os países emergentes

Pentecostalismo no Brasil. Cem anos

Surgido no ano de 1901, nos Estados Unidos, o pentecostalismo começou a se manifestar no Brasil, a partir de 1910, com a Igreja Congregação Cristã no Brasil.

A IHU On-Line desta semana analisa esta história centenária e debate a trajetória, as marcas e os rumos das igrejas pentecostais e neopentecostais.

Contribuem, neste debate, o historiador e doutor em História da Igreja, **Alderi Souza de Matos**, a professora da UERJ, **Cecília Mariz**, o sociólogo e presbítero da Assembleia de Deus Betesda, **Gedeon Freire de Alencar**, o jesuíta e professor da Unisinos, **Inácio Spohr**, o jornalista **Marcos Sá Correa**, a professora da Escola de Serviço Social da UFRJ, **Maria das Dores Campos Machado**, o professor da Umesp, **Leonildo Silveira Campos**, e o sociólogo **Ricardo Mariano**.

Completam a edição três entrevistas e dois artigos.

Amir Khair, especialista em finanças públicas, analisa a crise do Euro e seus possíveis impactos na economia internacional e, especialmente, nos assim chamados países emergentes.

Beatriz Domingues, professora da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, discorre sobre o livro, clássico, sobre as reduções jesuíticas de José Peramás. A professora estará na Unisinos, na próxima quinta-feira, a convite do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, proferindo a conferência *Platão e os Guarani: uma leitura da obra de José Peramás*. O evento faz parte da preparação do **XII Simpósio Internacional IHU: A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade**, a ser realizado de 25 a 28 de outubro de 2010, comemorando os 400 anos das reduções missionárias.

O filósofo **Vladimir Safatle**, professor na USP, reflete sobre os valores do “Bem” e do “Mal” para a filosofia moral. Segundo ele, “não precisamos de valores como ‘Bem’ e ‘Mal’ para fundar uma filosofia moral, até porque estamos longe de ter um acordo a respeito do que ‘Bem’ pode significar. Talvez precisamos de uma filosofia moral fundada na noção de ‘conservação das condições de conflitos sobre valores’”.

Enfim, **Omar Lucas Perroux Fortes de Sales**, doutorando em teologia, resenha o livro de Gianni Vattimo *Addio alla verità*, recentemente publicado e ainda não traduzido para o português. E o jornalismo econômico como porta-voz do capital financeiro é o tema do artigo de **Bruno Lima Rocha**.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

Expediente

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da **Revista IHU On-Line**: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (graziela@unisinos.br). Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br) e Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br). Revisão: Vanessa Alves (vanessaam@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling, Greyce Vargas (greyce@unisinos.br) e Juliana Spitaliere. **IHU On-Line** pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br. Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br - ramal 4121.



LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



Ministério
da Cultura



Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Ricardo Mariano: O pentecostalismo no Brasil, cem anos depois. Uma religião dos pobres

PÁGINA 08 | Alderi Souza de Matos: Pentecostalismo: traços históricos

PÁGINA 12 | Cecília Mariz: Mais-valia: O pentecostalismo e a emancipação das mulheres

PÁGINA 15 | Gedeon Freire de Alencar: “A Teologia da Prosperidade e o neoliberalismo são irmãos siameses”

PÁGINA 17 | Inácio Spohr: Os pentecostais e a democracia da cultura religiosa brasileira

PÁGINA 19 | Marcos Sá Correa: Uma opção de vida mais organizada para os pobres

PÁGINA 22 | Maria das Dores Campos Machado: O pentecostalismo e as mulheres

PÁGINA 26 | Leonildo Silveira Campos: IURD: teatro, templo e mercado

B. Destaques da semana

» Brasil em Foco

PÁGINA 31 | Amir Khair: Reestruturação geopolítica favorece países emergentes

» Entrevista da Semana

PÁGINA 34 | Vladimir Safatle: O “Bem” está mal acompanhado

» Livro da Semana

PÁGINA 36 | Omar Lucas Perrout Fortes de Sales: VATTIMO, Gianni. *Addio alla verità*

» Coluna do Cepos

PÁGINA 40 | Bruno Lima Rocha: O jornalismo econômico como porta-voz do capital financeiro

» Destaques On-Line

PÁGINA 42 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Agenda de Eventos

PÁGINA 48 | Beatriz Domingues: Platão e os Guarani: uma leitura da obra de José Peramás

» IHU Repórter

PÁGINA 54 | Marluza Marques Harres



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

O pentecostalismo no Brasil, cem anos depois. Uma religião dos pobres

Para Ricardo Mariano, ao longo dos últimos cem anos, a expansão pentecostal no país contribuiu para transformar o campo religioso brasileiro, para consolidar o pluralismo religioso e para constituir um mercado religioso competitivo no país

POR GRAZIELA WOLFART

“Com exceção das denominações que priorizam o evangelismo de massas e realizam cultos em grandes catedrais (...), as igrejas pentecostais tendem a formar comunidades religiosas relativamente estáveis e pequenas. Isto é, elas são compostas por congregações e pequenos templos em que todos se conhecem, residem no mesmo bairro e compartilham coletivamente crenças, saberes, práticas, emoções, valores, os mesmos modos e estilos de vida, moralidade e posição de classe. (...) São laços gerados por meio do contato pessoal, de relações face a face, estabelecidas em frequentes e sistemáticas reuniões coletivas realizadas semanalmente, ano após ano. Eles tendem, assim, a formar relações fraternais de amizade, de confiança mútua e também de solidariedade com os ‘irmãos necessitados’”. A definição é do sociólogo Ricardo Mariano. Na entrevista que concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**, ele entende que “depois de um século de presença no país, o pentecostalismo prossegue crescendo majoritariamente na base da pirâmide social, isto é, na pobreza”. Na sua visão, o baixo prestígio social do pentecostalismo deriva “de seu relativo sectarismo e de sua crença na posse exclusiva do monopólio dos bens de salvação ou da verdade divina. Modos de ser e de pensar que se chocam com traços básicos da modernidade”.

Ricardo Mariano é graduado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, onde também realizou o mestrado e doutorado em Sociologia. Hoje, é professor na PUCRS. Entre suas obras, citamos *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil* (São Paulo: Edições Loyola, 2005). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais as principais transformações que o pentecostalismo promoveu no cenário religioso e social brasileiro?

Ricardo Mariano - Ao longo dos últimos cem anos, a expansão pentecostal no país contribuiu para transformar o campo religioso brasileiro, para consolidar o pluralismo religioso e para constituir um mercado religioso competitivo no país. O avanço pentecostal no Brasil contribuiu para intensificar o declínio numérico da Igreja Católica e da Umbanda e para “pentecostalizar” parte do protestantismo histórico e do próprio catolicismo. O chamado “avanço das seitas” pentecostais, nos termos do papa João Paulo II, e a formação do pluralismo religioso levaram a religião hegemônica a rever sua prédica e suas

estratégias institucionais e a reavaliar sua relação com as demais religiões presentes em solo nacional, em detrimento do ecumenismo. O crescente evangelismo eletrônico pentecostal tem tido significativo impacto no mercado de comunicação de massa, sobretudo em função das iniciativas empresariais nessa área por parte da Igreja Universal¹ e, em menor grau, da Internacional

¹ Igreja Universal do Reino de Deus - IURD: igreja cristã protestante de tendência neopentecostal, com sede mundial no Rio de Janeiro - no Templo da Glória do Novo Israel, localizada no bairro carioca de Del Castilho. Fundada em 1977, por Edir Macedo, a Igreja Universal do Reino de Deus se tornou o terceiro maior grupo pentecostal do Brasil e está presente em vários países - mais de 170, segundo a instituição -, sendo mais disseminada nos países de língua portuguesa. É considerado o movimento evangélico mais influente do Brasil na atualidade. (Nota da IHU On-Line)

da Graça de Deus² e da Renascer em Cristo³, entre outras. Sua atuação tem se ampliado igualmente nos mercados

² Igreja Internacional da Graça de Deus: Igreja evangélica neopentecostal fundada pelo Missionário Romildo Ribeiro Soares (conhecido como Missionário R.R. Soares) em 1980, na Rua Lauro Neiva, no Município de Duque de Caxias, Rio de Janeiro. Romildo fundou a sua própria denominação logo após se separar de seu cunhado, o então pastor Edir Macedo (hoje bispo). Atualmente, possui um programa televisivo denominado *Show da Fé*, que é transmitido em horário nobre na Rede Bandeirantes e nas tardes e madrugadas da RedeTV!. (Nota da IHU On-Line)

³ Igreja Apostólica Renascer em Cristo: denominação protestante neopentecostal fundada em São Paulo, em 1986, por Estevam Hernandes e Sônia Hernandes. A Igreja Renascer possui uma rede de TV, uma gravadora, rede de rádio, uma editora e uma linha de confecções; no Brasil há cerca de 1200 templos e mais de dois milhões de seguidores. A Renascer é a segunda maior denominação neopentecostal brasileira. (Nota da IHU On-Line)

editorial e fonográfico. O ativismo pentecostal na política partidária, por sua vez, tornou-se um elemento constitutivo da democracia brasileira nas últimas três décadas. A cada eleição, seus líderes pastorais, com raras exceções, procuram transformar seus rebanhos religiosos em rebanhos eleitorais, visando ampliar seu poder político, defender valores cristãos tradicionalistas e seus interesses institucionais na esfera pública *stricto sensu*. Tratam, portanto, de instrumentalizar a política partidária, justificando o ativismo político como recurso para defender suas bandeiras religiosas e corporativas. Por consequência, a cada eleição, esses religiosos se veem mais e mais instrumentalizados eleitoralmente por partidos e candidatos de todas as colorações ideológicas. Suas miríades de templos e pequenas congregações passaram a integrar o cenário urbano das cidades brasileiras, sobretudo de suas periferias.

IHU On-Line - Quais os maiores limites e desafios do pentecostalismo hoje, cem anos após seu surgimento no país?

Ricardo Mariano - Depois de um século de presença no país, o pentecostalismo prossegue crescendo majoritariamente na base da pirâmide social, isto é, na pobreza. Embora contenha um contingente de classe média, recruta a maioria de seus adeptos entre os pobres das periferias urbanas. Um de seus principais desafios, portanto, consiste em tornar-se atraente para as classes médias e mais escolarizadas. Nesse terreno, porém, enfrenta uma série de adversários religiosos mais bem-sucedidos, uma vez que as preferências religiosas das classes médias recaem sobre o catolicismo, o kardecismo⁴, o

4 A Doutrina Espírita, espiritismo ou kardecismo, segundo a definição de seu codificador, o pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivaill, que adotou o pseudônimo Allan Kardec, é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal. O termo mais apropriado para designar esta Doutrina é a denominação Espiritismo, conforme orientação expressa no primeiro livro da codificação da Doutrina, *O Livro dos Espíritos*. Já o termo "kardecismo" foi introduzido por parte dos seus seguidores como forma de distingui-la de outras crenças e religiões existentes, principalmente no Brasil, sendo, entretanto, sob a luz do próprio Espiritismo um termo equivo-

“A cada eleição, seus líderes pastorais, com raras exceções, procuram transformar seus rebanhos religiosos em rebanhos eleitorais, visando ampliar seu poder político, defender valores cristãos tradicionalistas e seus interesses institucionais na esfera pública *stricto sensu*”

protestantismo histórico, o esoterismo, entre outras. Sua estreita base social circunscrita às classes populares faz com que o pentecostalismo, não obstante sua vertiginosa expansão numérica e seu crescente poder político e midiático, mantenha-se numa posição claramente subordinada no campo religioso brasileiro. Seu baixo prestígio social deriva igualmente de seu relativo sectarismo e de sua crença na posse exclusiva do monopólio dos bens de salvação ou da verdade divina. Modos de ser e de pensar que se chocam com traços básicos da modernidade.

IHU On-Line - Qual é a igreja que melhor representa hoje a proposta pentecostal?

Ricardo Mariano - O pentecostalismo é um movimento religioso muito diversificado internamente, marcado por grande pluralidade teológica, litúrgica, estética, organizacional (modelos de governo eclesiástico distintos) e comportamental. Pode-se afirmar que há, na verdade, múltiplos pentecos- cado, já que poderia induzir ao entendimento de que o papel de Allan Kardec extrapola os limites da codificação e sistematização didática dos ensinamentos da Doutrina ou que existam várias correntes de pensamento dentro do Espiritismo. (Nota da IHU On-Line)

talismos. Portanto, não há uma igreja representativa de seu conjunto. Por outro lado, em termos de sua amplitude demográfica, a Assembleia de Deus ocupa uma posição privilegiada, uma vez que concentrava 47,5% dos pentecostais brasileiros em 2000, segundo os dados do Censo Demográfico do IBGE. Mas, dividida em duas grandes convenções nacionais, a Assembleia de Deus⁵ apresenta grande variação interna nos planos doutrinário, eclesiástico, dos usos e costumes, da relação com os meios de comunicação de massa e com a política partidária. Isso se deve, em parte, à sua ampla distribuição geográfica pelo país, à sua composição em diferentes ministérios dotados de relativa autonomia e às idiosincrasias de suas lideranças pastorais locais. Em suma, a própria Assembleia de Deus contém enorme diversidade interna, variando dos que se mantêm apegados aos velhos usos e costumes de santidade pentecostal e se opõem à instrumentalização política da igreja e dos fiéis aos novos defensores da Teologia da Prosperidade⁶, e daí por diante.

IHU On-Line - Como a Igreja Universal do Reino de Deus se posiciona em relação ao pentecostalismo?

Ricardo Mariano - Publicamente, os dirigentes da Universal classificam sua igreja como uma denominação neo-pentecostal e enfatizam que ela prega a Teologia da Prosperidade. Reconhecem, portanto, que a Universal faz parte de uma determinada vertente pentecostal no país. De modo geral, eles mantêm uma relação estritamente concorrencial com as demais igrejas pentecostais. E criticam aberta-

5 A Assembleia de Deus é uma denominação evangélica, sendo a maior do Brasil no ramo pentecostal e uma das maiores no mundo. Chegou ao Brasil por intermédio dos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, que aportaram em Belém, capital do Estado do Pará, em 19 de novembro de 1910, vindos dos Estados Unidos. (Nota da IHU On-Line)

6 Teologia da prosperidade, também conhecida como confissão positiva, palavra da fé, movimento da fé e evangelho da saúde e da prosperidade, é um movimento religioso surgido nas primeiras décadas do século XX nos Estados Unidos da América. Sua doutrina afirma, a partir da interpretação de alguns textos bíblicos, como Gênesis 17.7, Marcos 11.23-24 e Lucas 11.9-10, que os que são verdadeiramente fiéis a Deus devem desfrutar de uma excelente situação na área financeira, na saúde, etc. (Nota da IHU On-Line)

mente as concorrentes por pregarem um “Evangelho água com açúcar”. O principal episódio de aproximação deliberada por parte da cúpula da Universal com igrejas e líderes pentecostais ocorreu imediatamente após a prisão de Edir Macedo, em 1992. Tendo punições maiores por parte da Justiça, a liderança da Universal e da Rede Record abriu espaço da programação de sua tevê para os pastores e televangelistas assembleianos Silas Malafaia⁷ e Jabes de Alencar⁸. E, em 1993, participou da criação do Conselho Nacional de Pastores do Brasil (CNPB), comandado pelo bispo Manoel Ferreira, líder da Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil, que também ganhou um programa de tevê na Record. Tal aproximação foi curta e, de lado a lado, fortemente instrumental. Desde então, da parte da Igreja Universal tende a prevalecer uma relação de caráter concorrencial com as outras igrejas evangélicas.

IHU On-Line - Como a realidade social brasileira contribui para o Brasil ter se tornado o maior país pentecostal do mundo?

Ricardo Mariano - Vários fenômenos têm contribuído, em maior ou menor medida, para o crescimento pentecostal desde meados do século passado. No plano jurídico, a separação entre Estado e igreja e a garantia de liberdade religiosa permitiram a inserção e criação de novos grupos religiosos no país, bem como sua expansão e legitimação. O que, por sua vez, possibilitou a formação e consolidação do pluralismo e de um mercado religioso. Nos planos social e econômico, a enor-

“Da parte da Igreja Universal tende a prevalecer uma relação de caráter concorrencial com as outras igrejas evangélicas”

me desigualdade social, a explosão da violência e da criminalidade urbana, as altas taxas de pobreza, a elevada proporção de lares monoparentais, chefiados por mulheres pobres, a precariedade da situação de grande parte dos trabalhadores no mercado de trabalho, sobretudo no informal, favorecem uma religião que tende a direcionar sua missão de salvação aos sofredores e desprivilegiados. Não é à toa que o lema proselitista da Igreja Universal é “Pare de sofrer: Nós temos a solução”. Nos planos cultural e religioso, a disseminada religiosidade popular, marcada por crenças e práticas de cunho mágico e taumatúrgico de matriz cristã, o elevado contingente de católicos não praticantes e a relativa fragilidade institucional da Igreja Católica, caracterizada pelo baixo número de vocações sacerdotais e de padres, facilitam o trânsito religioso e o trabalho evangelístico dos pentecostais. E, no campo político, os pentecostais têm sido demandados a participar da política partidária e influir na esfera pública por candidatos, partidos e governantes.

IHU On-Line - Como definir as redes de sociabilidade tecidas pelas igrejas pentecostais?

Ricardo Mariano - Com exceção das denominações que priorizam o evangelismo de massas e realizam cultos em grandes catedrais, que costumemente contam com a presença de clientelas flutuantes, as igrejas pentecostais tendem a formar comunidades religiosas relativamente estáveis e pequenas. Isto é, elas são compostas por congregações e pequenos templos em que todos se conhecem, residem no mesmo bairro e compartilham cole-

tivamente crenças, saberes, práticas, emoções, valores, os mesmos modos e estilos de vida, moralidade e posição de classe. Portanto, não se tratam de redes de sociabilidade virtuais (que, aliás, estão crescendo nesse meio religioso com a expansão de redes religiosas e de relacionamento na Internet) nem compostas por laços impessoais, típicos das organizações burocráticas. São laços gerados por meio do contato pessoal, de relações face a face, estabelecidas em frequentes e sistemáticas reuniões coletivas, realizadas semanalmente ano após ano. Eles tendem, assim, a formar relações fraternais de amizade, de confiança mútua e também de solidariedade com os “irmãos necessitados”. Isso não significa a ausência de conflitos interpessoais, disputas, fofocas. Pelo contrário, a intimidade também gera suas tiranias e problemas, que podem ser desencadeados igualmente por decisões arbitrárias de lideranças autoritárias.

IHU On-Line - Qual a contribuição do pentecostalismo para o diálogo entre as religiões?

Ricardo Mariano - Até o momento, pode-se afirmar que as igrejas pentecostais brasileiras não prestaram serviços relevantes para ampliar o diálogo religioso para além das fronteiras de seu movimento religioso. De modo geral, o propósito sectário de salvar os “ímpios” ou de evangelizar as pessoas de outras religiões em nada contribui para o diálogo inter-religioso. Nas últimas décadas, a demonização pentecostal dos cultos afro-brasileiros tem redundado em diversas manifestações de intolerância religiosa pelo país afora. Além disso, seu proselitismo provavelmente é um dos responsáveis pela queda numérica da Umbanda desde a década de 80, o que contribui, em alguma medida, para a diminuição da diversidade religiosa no país.

IHU On-Line - Quais os rumos que as igrejas pentecostais tendem a tomar nos próximos anos?

Ricardo Mariano - Sem incorrer em futurologia, pode-se afirmar que elas tendem a se acomodar crescentemente ao “mundo” que, retoricamente, tanto combatem, mas mantendo sempre

7 Silas Malafaia (1962): pastor pentecostal, graduado como psicólogo. Conferencista convidado em várias igrejas, também organiza eventos como o Congresso Pentecostal Fogo para o Brasil. Pastor Silas também é o vice-presidente do Conselho Interdenominacional de Ministros Evangélicos do Brasil (CIMEB), entidade que abriga pastores de diversas denominações evangélicas do país. É o presidente da Editora Central Gospel. (Nota da IHU On-Line)

8 Jabes de Alencar: pastor (afastado) da Igreja Assembleia de Deus Bom Retiro (que tem sede internacional na cidade de São Paulo - SP). Em função de problemas de saúde, deixou a presidência da igreja no último mês de abril para se tratar nos Estados Unidos. Dayan Alencar, filho de Jabes, assumiu interinamente o cargo, sendo mentoriado pelo pastor Silas Malafaia. (Nota da IHU On-Line)

certa defasagem, por conta de suas inclinações sectárias ancoradas no velho literalismo bíblico e numa moralidade sexual cristã de caráter tradicionalista. Tal adaptação, aliás, vem ocorrendo de forma acelerada desde os anos 50. Evidências disso existem aos montes, tais como a adoção proselitista dos meios de comunicação de massa, que antes eram considerados demoníacos, o paulatino abandono dos usos e costumes de santidade (antes bíblicamente fundamentados e, por isso, sagrados), a incorporação dos ritmos e estilos musicais da moda, o ingresso na política partidária (proibido atualmente por poucas igrejas), a valorização positiva dos bens e riquezas materiais, como demonstra soberbamente a Teologia da Prosperidade, que vem se disseminando por boa parte do campo evangélico. O aumento da escolaridade dos fiéis e das novas lideranças pastorais, por exemplo, tenderá a promover modificações nas relações entre o rebanho e seus pastores, de modo a reduzir as distâncias hierárquicas, e a incitar cada vez mais a busca por melhor formação teológica. Um dos caminhos prováveis que várias igrejas pentecostais deverão percorrer é o de diminuição do fervor missionário em favor da qualificação pastoral e de sua prédica, mais ao gosto das classes médias, tendendo, com isso, a assemelhar-se, um pouco, com denominações protestantes tradicionais. Tal opção, porém, tende a gerar cismas diversas, justificadas com o propósito de resgatar o fervor primitivo, romper com a erudição teológica, ou com um Evangelho de “muito saber”, mas “frio” e de “pouco poder”. Cismas que são importantes para tentar manter seu extenso recrutamento entre os mais pobres. Por várias razões, é provável também que seu crescimento diminua nas próximas décadas. Por enquanto, o terreno brasileiro para sua expansão é dos mais férteis.

LEIA MAIS...

Ricardo Mariano já concedeu outra entrevista à IHU On-Line:

* “O dinheiro é o sangue da igreja”, publicada nas Notícias do Dia do sítio do IHU, de 01-09-2009, disponível em <http://migre.me/E0sk>

Pentecostalismo: traços históricos

Para o historiador e doutor em História da Igreja, Alderi Souza de Matos, o pentecostalismo produziu transformações gigantescas no protestantismo brasileiro

POR GRAZIELA WOLFART

O professor do Instituto Presbiteriano Mackenzie, Alderi Souza de Matos, faz uma retrospectiva histórica do pentecostalismo no Brasil e no mundo. Ele explica que o pentecostalismo é “filho de um movimento surgido nos Estados Unidos, chamado Holiness, ou santidade; este, por sua vez, é filho do metodismo, que é filho do anglicanismo. Essa seria a genealogia do movimento pentecostal”. Na entrevista que concedeu à IHU On-Line por telefone, Alderi, afirma que “as pregações ao ar livre, os cultos evangelistas com apelos fortemente emocionais, um novo estilo de música, as manifestações físicas, com pessoas levantando as mãos e batendo palmas, dizendo glória, aleluia etc., tudo isso é herança do movimento pentecostal”. Seguindo sua análise, o professor esclarece que “no protestantismo tradicional sempre houve uma extrema valorização da vida espiritual, das realidades transcendentais em contraste com as realidades do mundo material, que era considerado de menor importância para o crente. O neopentecostalismo defende que não tem problema em aceitar esse mundo, de querer ser rico e importante, porque isso é bênção de Deus”. E acrescenta: “a riqueza e o sucesso são apontados como provas da fidelidade a Deus e das bênçãos de Deus sobre a vida das pessoas, criando uma espiritualidade individualista, egocêntrica, onde a pessoa só busca seus projetos e objetivos pessoais, deixando de lado os interesses da comunidade. No entanto, há coisas positivas também. Muita gente foi beneficiada pelo trabalho das igrejas pentecostais. Muitas famílias e comunidades foram transformadas”.

Alderi Souza de Matos possui graduação em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul, de Campinas-SP, graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, graduação em Direito pela Faculdade de Direito de Curitiba, mestrado em Novo Testamento pela Andover Newton Theological School e doutorado em História da Igreja pelo Boston University School of Theology. É autor de, entre outros, *Os Pioneiros Presbiterianos do Brasil (1859-1900): Missionários, Pastores e Leigos do Século 19* (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004); *A caminhada cristã na história: a Bíblia, a igreja e a sociedade ontem e hoje* (Viçosa - MG: Editora Ultimato, 2005); *Fundamentos da teologia histórica* (São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2008); e *Uma igreja peregrina: história da Igreja Presbiteriana do Brasil de 1959 a 2009* (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2009). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais as origens do pentecostalismo e como foi seu ingresso no Brasil?

Alderi Souza de Matos - O surgimento do chamado pentecostalismo moderno - porque houve algumas manifestações do tipo pentecostal em outros séculos da história da Igreja - surgiu nos primeiros anos do século XX, exatamente a partir de 1901, em diferentes pontos dos EUA. Houve uma primeira manifestação no estado do Kansas, na cidade de Topeka, mas o que deu realmente notoriedade e fama para o movimento pentecostal inicial e o que começou a torná-lo um movimento internacional foi o famoso Avivamento da Rua Azusa¹, em Los Angeles, em 1906. Esse episódio se deu sob a liderança de um pastor negro chamado William Seymour². Como tinham pessoas de muitas etnias e nacionalidades participando deste avivamento da Rua Azusa, isso contribuiu para a rápida difusão do movimento, não só nos Estados Unidos, mas em outros países. Tanto é que, quatro anos depois, o pentecostalismo chegou no Brasil. No entanto, dentro de pouco tempo, houve outra cidade dos Estados Unidos que se tornou um grande centro do movimento pentecostal: Chicago.

IHU On-Line - Quais os principais pontos que marcam a história do pentecostalismo no Brasil?

Alderi Souza de Matos - Aqui, no Brasil, o movimento começou em 1910, com a Igreja Congregação Cristã no Brasil, através de um pregador chamado Luigi Francescon³, o pioneiro

1 Em 1905, um pequeno grupo de crentes afro-americanos famintos por avivamento foi expulso da Segunda Igreja Batista de Los Angeles. Eles começaram a se reunir e a juntar um crescente número de participantes. O primeiro culto na Missão da Rua Azusa aconteceu no dia 14 de abril de 1906. Por três anos, o avivamento continuou 24 horas por dia, sete dias por semana, com uma participação de, às vezes, até 1000 pessoas. (Nota da IHU On-Line)

2 **William Joseph Seymour** (1870-1922): pastor estadunidense, iniciador do movimento religioso denominado de Pentecostalismo. (Nota da IHU On-Line)

3 **Luigi Francescon** (1866-1964): religioso italiano, fundador da denominação evangélica Congregação Cristã no Brasil. Radicado em Chicago, foi membro da Igreja Presbiteriana Italiana e aderiu ao pentecostalismo em 1907. Em janeiro de 1910, esteve em Buenos Aires,

pentecostal no Brasil. No ano seguinte, em 1911, chegou o segundo grupo, Assembleia de Deus. Francescon baseou suas atividades em São Paulo, e a Assembleia de Deus, em Belém do Pará. Daniel Berg⁴ e Gunnar Vingren⁵, dois missionários suecos que tinham sido batistas e depois se tornaram pentecostais, foram os fundadores da Assembleia de Deus no Brasil. Isso significa que essas duas igrejas agora estão completando seu centenário. Segundo Paul Freston⁶, um sociólogo muito conhecido nos meios evangélicos e um grande estudioso do protestantismo brasileiro, há três ondas, três períodos de implantação do pentecostalismo no Brasil. A primeira onda é representada por essas duas igrejas antigas. A segunda onda é dos anos 40 e 50, quando o pentecostalismo se tornou mais urbano, e surgiram igrejas como a do Evangelho Quadrangular⁷, a Igreja Pentecostal

onde fundou a primeira denominação pentecostal da América Latina, a Assembleia Cristã na Argentina, e de março a setembro do mesmo ano esteve no Brasil, onde fundou as primeiras igrejas pentecostais brasileiras em Santo Antonio da Platina (Paraná) e São Paulo. Veio 11 vezes ao Brasil até 1948. Em 1940, o movimento tinha 305 “casas de oração”, e, dez anos mais tarde, 815. (Nota da IHU On-Line)

4 **Daniel Hogberg** (1884-1963), mais conhecido como Daniel Berg: missionário evangelista pentecostal sueco, que atuou no início do século XX na Amazônia e Nordeste brasileiro. Juntamente com Gunnar Vingren, iniciou o movimento que deu origem à “Assembleia de Deus” no Brasil, hoje com mais de 57 milhões de fiéis no mundo (17 milhões no Brasil), sendo a maior igreja evangélica do país e uma das maiores do planeta. No segmento pentecostal, a Assembleia de Deus é a mais importante igreja, sendo considerada a “Mãe do Pentecostalismo Mundial”. (Nota da IHU On-Line)

5 **Gunnar Vingren** (1879-1933): missionário evangelista pentecostal sueco. Atuou no início do século XX na Amazônia e Nordeste brasileiro. De seu trabalho, surgiram as Assembleias de Deus no Brasil, hoje com mais de 57 milhões de fiéis em todo o mundo. (Nota da IHU On-Line)

6 **Paul Freston**: inglês naturalizado brasileiro, doutor em sociologia e professor do programa de pós-graduação em ciências sociais na Universidade Federal de São Carlos e professor catedrático de sociologia no Calvin College, EUA. (Nota da IHU On-Line)

7 **Igreja do Evangelho Quadrangular**: denominação cristã evangélica pentecostal. A partir de 2000, teve uma adesão de mais de 5.000.000 de pessoas, com quase 30.000 igrejas em 123 países. Isto incluiu 1.844 igrejas com 218.981 membros nos Estados Unidos, país onde a igreja foi fundada. Possui sede em Los Angeles, Califórnia. (Nota da IHU On-Line)

o Brasil para Cristo⁸ e, um pouco depois, a Igreja Deus é amor⁹. E a partir dos anos 70, a terceira onda, que é o neopentecostalismo, começou com a Igreja Universal do Reino de Deus, de Edir Macedo¹⁰, que foi fundada em 1977, no Rio de Janeiro. Outras dessa onda são a Igreja Internacional da Graça de Deus e a Igreja Mundial do Poder de Deus¹¹; inclusive os nomes são muito parecidos.

IHU On-Line - Quais os movimentos religiosos na história da Igreja que antecederam o pentecostalismo e explicam seu surgimento? Por exemplo, qual a influência do metodismo para o pentecostalismo?

Alderi Souza de Matos - O pentecos-

8 **Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo**: denominação pentecostal fundada em 1955. Foi iniciada por Manoel de Mello e Silva (1929-1990), um trabalhador da construção civil que veio do sertão pernambucano para São Paulo, converteu-se ao protestantismo na Assembleia de Deus e algum tempo depois aderiu à Cruzada Nacional Evangelização, hoje nomeada Igreja do Evangelho Quadrangular. Foi ordenado ministro pela International Church of the Foursquare Gospel, igreja estadunidense que organizou os trabalhos missionários que fundaram a Igreja Quadrangular no Brasil. (Nota da IHU On-Line)

9 **Igreja Pentecostal Deus é Amor** - IPDA: uma das denominações evangélicas brasileiras, originária da segunda onda do Pentecostalismo. Foi fundada, em 1962, pelo missionário David Martins Miranda, com sede na cidade de São Paulo, SP - Brasil. A sua membresia foi estimada em 774.830 (conforme Censo 2000 feito pelo IBGE), distribuída em 11.000 igrejas, sendo assim a quinta maior igreja em número de membros do ramo pentecostal no Brasil, ficando atrás da Assembleia de Deus, Congregação Cristã no Brasil, Igreja Universal do Reino de Deus e Igreja do Evangelho Quadrangular, e em nono lugar entre as igrejas Protestantes Brasileiras. (Nota da IHU On-Line)

10 **Edir Macedo Bezerra** (1945): empresário e religioso brasileiro, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus -IURD e proprietário da Rede Record de Televisão. A IURD tem hoje mais de 2 milhões de fiéis em mais de cento e setenta países da Europa, Ásia, Oceania, África e Américas. Promotora e defensora da Teologia da Prosperidade, a IURD cresceu e tornou-se a quarta maior corrente religiosa do país, segundo o Censo de 2000. (Nota da IHU On-Line)

11 **Igreja Mundial do Poder de Deus**: igreja evangélica de tendência neopentecostal, dissidente da Igreja Universal do Reino de Deus. Foi fundada na cidade de Sorocaba, em março de 1998, por Valdemiro Santiago (ex-bispo da IURD). Sua sede, o Grande Templo dos Milagres, funciona no galpão de uma antiga fábrica que tem 43 mil metros quadrados de área construída, localizada na Rua Carneiro Leão, no Brás, em São Paulo. Seu enfoque principal é a Bíblia Sagrada. (Nota da IHU On-Line)

talismo está dentro de um gênero de manifestação religiosa que chamamos de entusiasmo religioso. Entusiasmo vem de “en” (prefixo que significa *dentro*) e “Theos”, que é *Deus*, e significa Deus dentro, sendo uma palavra de origem religiosa. E as manifestações entusiásticas ou carismáticas, como também são chamadas, têm ocorrido no cristianismo desde seus primórdios. A primeira que se conhece na história da igreja foi o movimento montanista, na segunda metade do segundo século, mais ou menos por volta do ano 170. Esse movimento ocorreu na Ásia menor, atual Turquia, numa região chamada Frigia, e o fundador foi o profeta cristão Montano, que se considerava o porta-voz do Espírito Santo, e anunciou para breve o fim do mundo. Ele era acompanhado por duas profetisas: Maximila e Priscila. Era um movimento tipicamente carismático, apelando para novas revelações, relativizando o valor da igreja, dos bispos e da própria Bíblia. Mas, depois, ao longo do tempo, da Idade Média, houve muitos movimentos desse tipo, movimentos pequenos, que acabavam sendo objeto de forte repressão por parte da igreja oficial, e não duraram muito tempo. Com certeza, depois da Reforma Protestante, multiplicaram-se essas manifestações entusiásticas, principalmente em conexão com avivamentos. O pentecostalismo tem uma genealogia. É filho de um movimento, surgido nos Estados Unidos, chamado Holiness, ou santidade; este, por sua vez, é filho do metodismo, que é filho do anglicanismo. Essa seria a genealogia do movimento pentecostal.

IHU On-Line - Passados cem anos da entrada do pentecostalismo no Brasil, que elementos o senhor destaca na trajetória deste movimento religioso em nosso país?

Alderi Souza de Matos - O pentecostalismo produziu transformações gigantescas no protestantismo brasileiro. Até o surgimento do pentecostalismo, o protestantismo era composto pelas chamadas igrejas tradicionais ou históricas da Reforma. A partir do pentecostalismo, houve uma mudança radical, primeiro um crescimento exponencial do protestantismo

“O pentecostalismo está dentro de um gênero de manifestação religiosa que chamamos de entusiasmo religioso”

brasileiro por causa do crescimento pentecostal, e depois os pentecostais introduziram, no protestantismo brasileiro, inclusive nas igrejas históricas em maior ou menor grau, uma série de crenças e práticas que hoje influenciam bastante principalmente o chamado evangelicalismo brasileiro. As pregações ao ar livre, os cultos evangelistas com apelos fortemente emocionais, um novo estilo de música, as manifestações físicas, com pessoas levantando as mãos e batendo palmas, dizendo glória, aleluia etc., tudo isso é herança do movimento pentecostal. No que diz respeito ao neopentecostalismo, essa explosão imensa representada por igrejas gigantescas, como a Igreja Universal do Reino de Deus e sua nova teologia, diferente do pentecostalismo tradicional, que é a Teologia da Prosperidade, trouxe todo um conjunto novo de valores e práticas que os pentecostais e os protestantes desconheciam até então. No protestantismo tradicional sempre houve uma extrema valorização da vida espiritual, das realidades transcendentais em contraste com as realidades do mundo material, que era considerado de menor importância para o crente. O neopentecostalismo defende que não tem problema em aceitar esse mundo, de querer ser rico e importante, porque isso é bênção de Deus.

Legado

O legado do pentecostalismo é misto. Ele trouxe contribuições valiosas, mas também trouxe elementos extremamente problemáticos e preocupantes para o protestantismo brasileiro, por exemplo, o personalismo, o culto da personalidade através desses líderes, que são quase que idolatra-

dos por muitas igrejas e que fazem questão de criar entre seus fiéis uma profunda veneração por eles. São líderes como o Edir Macedo e o Estevam Hernandes¹², da Igreja Renascer em Cristo. A riqueza e o sucesso são apontados como provas da fidelidade a Deus e das bênçãos de Deus sobre a vida das pessoas, criando uma espiritualidade individualista, egocêntrica, onde a pessoa só busca seus projetos e objetivos pessoais, deixando de lado os interesses da comunidade. No entanto, há coisas positivas também. Muita gente foi beneficiada pelo trabalho das igrejas pentecostais. Muitas famílias e comunidades foram transformadas.

IHU On-Line - Como entender que a maioria mundial de evangélicos pentecostais seja de brasileiros? O que faz do Brasil o maior país pentecostal do mundo?

Alderi Souza de Matos - Acredito que seja a índole do brasileiro. Esse jeito emotivo, sentimental da nossa cultura, do nosso caráter nacional, é

¹² Estevam Hernandes Filho (1954): ministro protestante de linha neopentecostal, líder e fundador da Igreja Apostólica Renascer em Cristo, na qual ocupa a posição de apóstolo. Casado com Sônia Hernandes, bispa da mesma igreja. Em setembro de 2006, a Justiça bloqueou os bens do casal, que vinha sendo investigado em um processo que corria em segredo de justiça, por supostos crimes de estelionato, lavagem de dinheiro e falsidade ideológica, por criar uma suposta “igreja-laranja” - a “Internacional Renovação Evangélica”. Em dezembro de 2006, o casal teve sua prisão preventiva decretada e estiveram foragidos até o dia 19 daquele mês. Em 9 de janeiro de 2007, Estevam e Sônia Hernandes foram detidos nos Estados Unidos por estarem carregando US\$56 mil escondidos em meio a bíblias e terem declarado à alfândega que não carregavam mais de US\$10 mil. Os dois foram acusados de “cash smuggling” (evasão de divisas). Tiveram que pagar fiança no valor de US\$100 mil, passando a responder o processo em liberdade vigiada. Na audiência que decidiria o caso, Sônia e Estevam se declararam culpados e se disseram arrependidos. O juiz Frederico Moreno sentenciou o casal a uma pena leve de 140 dias de reclusão, em regime fechado, em fases intercaladas, pelo motivo de um dos dois ter que cuidar dos filhos durante a ausência do outro. No Brasil, o casal ainda responde processos por suposta lavagem de dinheiro, falsidade ideológica e estelionato. Após a ordem de prisão decretada pela Justiça de São Paulo contra o casal ter sido cassada pelo Supremo Tribunal Federal, em março de 2008, Estevam e Sônia ficaram livres para retornar ao Brasil assim que liberados pela Justiça Americana. (Nota da IHU On-Line)

especialmente propício para esse tipo de manifestação. Em outros países latino-americanos, os pentecostais também têm crescido muito, mas realmente o fenômeno do pentecostalismo brasileiro é algo impressionante em termos mundiais. O Brasil sempre foi um país de muita abertura na área religiosa para todos os tipos de manifestações, até por causa da nossa formação histórica. Temos, de um lado, a igreja católica e, de outro, a religiosidade do índio e do africano, que vieram para cá, e que tem pontos de contato com a religiosidade pentecostal. O terreno estava pronto, estava preparado através de uma história de vários séculos para o surgimento e o crescimento do movimento pentecostal no Brasil. Nosso catolicismo era muito afetivo, muito pouco dogmático, com muito pouca preocupação com doutrina, com conhecimento da Bíblia, era um catolicismo mais “do coração”, baseado nas festas, nas devoções aos santos, à Maria. E depois tem a influência da espiritualidade africana, da indígena, tudo isso criou um ambiente muito favorável, além dessa tolerância e liberdade religiosa que passou a existir no Brasil a partir do século XIX. Tudo isso facilitou muito a implantação e esse crescimento gigantesco do pentecostalismo.

IHU On-Line - Qual a importância do pentecostalismo, nestes cem anos, para as transformações na sociedade brasileira?

Alderi Souza de Matos - Não sei se ele trouxe alguma transformação tão importante assim para a sociedade como um todo. Sua contribuição maior foi mais nesse plano individual e familiar. Aliás, essa é uma crítica que se faz: com um crescimento tão grande, como provoca um impacto tão mínimo na cultura e na sociedade brasileira? É uma contradição. As igrejas históricas, embora muito menores, deram uma contribuição social muito maior, por exemplo, através das suas escolas, da educação, coisa que o pentecostalismo não tem valorizado. Não vemos escolas pentecostais.

IHU On-Line - Quais os principais de-

safios atuais da tradição pentecostal?

Alderi Souza de Matos - O principal é adquirir maior maturidade, porque notamos que esses novos movimentos têm comportamentos imaturos. Por exemplo, o que mencionei antes sobre o culto da personalidade, colocando líderes num pedestal, como se fossem semideuses. Isso é um profundo sinal de imaturidade de algumas igrejas. Houve outras igrejas pentecostais que, no começo, faziam isso, e que, depois, evoluíram, amadureceram, e, hoje, não têm mais esse tipo de prática, como a Assembleia de Deus. Elas precisam enfrentar os desafios do amadurecimento e ter uma fé mais centrada nas escrituras e menos na experiência individual, além de ter um maior compromisso com a sociedade brasileira.

BAÚ DA IHU ON-LINE

Leia mais entrevistas que a IHU On-Line já realizou sobre o tema do pentecostalismo. O material está disponível na nossa página eletrônica (www.ihu.unisinos.br):

* *Mídia e religião no Brasil*. Entrevista com Leonildo Silveira Campos, publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU em 16-12-2009 e disponível em <http://migre.me/FE4w>

* *Quem são os demônios da Igreja Universal?* Entrevista com Ronaldo de Almeida, publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU em 2-11-2009 e disponível em <http://migre.me/FE5v>

* *Quando ter uma religião já não é mais obrigatório*. Entrevista com Denise dos Santos Rodrigues, publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU em 17-10-2009 e disponível em <http://migre.me/FE6v>

* *‘O dinheiro é o sangue da Igreja’*. Entrevista com Ricardo Mariano, publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU em 1-9-2009 e disponível em <http://migre.me/FE7l>

* *Neopentecostais e religiões afro-brasileiras. Uma guerra instituída?* Entrevista com Vagner Gonçalves da Silva, publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU em 14-4-2009 e disponível em <http://migre.me/FE8L>

* *O dinheiro e as dídivas no neopentecostalismo*. Entrevista com Drance Elias da Silva, publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU em 3-11-2007 e disponível em <http://migre.me/FE9q>

* *A Igreja Universal do Reino de Deus e a Umbanda*. Entrevista com Antonio Vieira, publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU em 23-3-2007 e disponível em <http://migre.me/FEaB>



Orações Ilustradas.

Acesse em www.ihu.unisinos.br

O pentecostalismo e a emancipação das mulheres

Segundo Cecília Mariz, o pentecostalismo moderniza subjetividades, apesar de todo seu discurso encantado aparentemente antimoderno

POR GRAZIELA WOLFART

Em entrevista concedida, por e-mail, à IHU On-Line, a professora da UERJ, Cecília Mariz, aponta como uma das novidades do movimento pentecostal “a popularização de um conceito talvez presente nas igrejas protestantes brasileiras, mas pouco difundido, de que ter uma religião é praticar essa religião”. Ela destaca que as igrejas pentecostais “chamam atenção de que a mulher deve obedecer, antes de tudo, a Deus, e sua submissão ao homem não pode jamais levá-la a infringir a lei de Deus”. Para a professora, a “ênfase na submissão a Deus faz com que essas igrejas levem os fiéis a romper, em parte, com o machismo tradicional, relativizando o modelo patriarcal da sociedade mais ampla, na medida em que cobram dos homens um compromisso com Deus, com a mulher e filhos, e dão mais autonomia e espírito crítico às mulheres”. Ao relacionar pentecostalismo com o alcoolismo, Cecília Mariz explica, com base em suas pesquisas, como a superação à adição ao álcool ser torna possível na igreja pentecostal por várias razões, entre elas, que “a experiência de dependência ao álcool oferece plausibilidade à ideia de uma possessão demoníaca”.

Cecília Loreto Mariz possui graduação em Ciências Sociais, mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco, e doutorado em Sociology of Culture and Religion pela Boston University. Atualmente, é professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. É uma das organizadoras de *Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno* (Aparecida: Idéias & Letras, 2009). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como as relações de gênero aparecem nas religiões pentecostais? Qual o papel da mulher e o que muda em relação ao catolicismo e ao protestantismo?

Cecília Mariz - Em termos do discurso oficial sobre o papel masculino e feminino e a relação de gênero, as igrejas pentecostais, inclusive neopentecostais, tendem, em linhas gerais, a adotar um modelo bastante similar entre si e ao modelo tradicional patriarcal. Afirmam que homens e mulheres desempenham papéis diferentes e complementares na unidade familiar (homem/provedor e mulher/cuidadora), cabendo ao primeiro exercer a liderança dessa unidade, ou seja, ser a “cabeça da família”. No entanto, chamam atenção de que a mulher deve obedecer, antes de tudo, a Deus, e sua submissão ao homem não pode jamais levá-la a infringir a lei de Deus. Da mesma forma, o homem não deve jamais esquecer sua submissão à lei

de Deus. Essa ênfase na submissão a Deus faz com que essas igrejas levem os fiéis a romper, em parte, com o machismo tradicional, relativizando o modelo patriarcal da sociedade mais ampla na medida em que cobram dos homens um compromisso com Deus, com a mulher e filhos, e dão mais autonomia e espírito crítico às mulheres. Dessa forma, o discurso oficial das igrejas pentecostais tampouco difere daqueles da Igreja Católica e protestantes históricas. As diferenças surgem na diversidade da interpretação das lideranças específicas e dos fiéis e no grau de flexibilidade e possibilidade de adaptação desse modelo à vida cotidiana. Essa variação depende menos dos discursos oficiais de cada igreja do que do contexto social onde vivem fiéis e lideranças. No entanto, observam-se diferenças do discurso oficial entre essas igrejas quanto ao papel masculino e feminino dentro da própria comunidade eclesial. As igre-

jas protestantes e pentecostais tendem, em geral, a ser mais abertas do que a Igreja Católica quanto à aceitação da liderança feminina. No catolicismo, apenas homens celibatários podem ser sacerdotes. Dessa forma, a Igreja Católica rejeita não apenas a mulher como líder, mas rejeita que o sacerdote compartilhe sua vida com uma mulher e viva dentro do que seria considerado na sociedade mais ampla o mundo feminino por excelência, a família. Embora a aceitabilidade da liderança feminina nas igrejas protestantes históricas e nas pentecostais também varie muito, podemos encontrar várias igrejas pentecostais fundadas por mulheres. A crença na efusão cotidiana do Espírito Santo igualmente em homens e mulheres, permite que multipliquem lideranças femininas muitas vezes não oficiais e que muitas dessas possam fundar novas igrejas quando se sentem inspiradas a isso. O discurso pentecostal oferece toda le-

gitudinalidade para esse fenômeno.

IHU On-Line - Que relações podemos estabelecer entre pentecostalismo e alcoolismo?

Cecília Mariz - Em pesquisa sobre o tema, notei, em um bairro de camada popular, que, em 1/4 das famílias se relatava problemas de alcoolismo, e em 1/3 se afirmava já ter tido esse problema no passado. Também notei que, nesse bairro, a população em geral das diversas religiões percebia que a conversão a uma igreja pentecostal seria talvez a forma mais eficaz para deixar a bebida. Entre os conversos é comum escutar testemunhos de homens e mulheres, mas, na maior parte, de homens que sofriam desse mal. Os testemunhos de mulheres em geral eram sobre os problemas e sofrimentos decorrentes da adição de seus maridos e filhos. A superação à adição ao álcool certamente ser torna possível na igreja pentecostal por várias razões. Na igreja, o fiel aprende um novo estilo de vida sem álcool, é apoiado por toda uma comunidade abstêmica, ingressa numa nova rede de amigos, redefine sua identidade, recuperando uma autoestima, além de ter acesso a um estado modificado de consciência sem necessitar o uso de álcool ou droga, apenas pelo êxtase e dons do Espírito. Outro ponto que acho importante relacionar o alcoolismo com o pentecostalismo é que a experiência de dependência ao álcool oferece plausibilidade à ideia de uma possessão demoníaca. Em seus relatos, os dependentes descrevem uma força que os obrigam a beber, mesmo quando tinham decidido não mais beber e mesmo quando sabiam que estavam se autodestruindo. O limite da vontade e liberdade individual era uma experiência concreta para esses sujeitos e para aqueles próximos a eles.

IHU On-Line - Como o valor família aparece nas religiões pentecostais?

Cecília Mariz - A família de fato é central nas igrejas pentecostais, especialmente quando comparamos, no Brasil, o discurso religioso sobre o papel do homem e o machismo da cultura dominante. Como falei na resposta à

“As igrejas protestantes e pentecostais tendem, em geral, a ser mais abertas do que a igreja Católica quanto à aceitação da liderança feminina”

primeira questão, ao se tornar pentecostal, o homem passa a perceber que deve ter maior compromisso com sua família, mulher e filhos, do que com seus colegas de trabalho, de bar e lazer.

IHU On-Line - Que paralelos podemos estabelecer entre o catolicismo e o pentecostalismo no Brasil?

Cecília Mariz - Há vários tipos de catolicismo, e assim vários paralelos podem ser traçados. No Brasil, podemos ver um catolicismo rural não muito romanizado, um catolicismo carismático, um catolicismo da libertação, entre outros. A grande diferença da Igreja Católica em relação às igrejas protestantes em geral, e pentecostais inclusive, é seu projeto de não divisão, de se manter uma. As diferentes lideranças católicas podem discordar em quase tudo entre si, mas devem concordar em se submeter ao Papa. O princípio comunitário é bastante forte no universo católico. Dessa forma, o catolicismo é antimoderno, pois é contra o individualismo. A obediência e humildade são valores; o indivíduo deve se submeter a uma autoridade (o Papa que representa a comunidade eclesial) mesmo que a julgue errada e até mesmo pecadora, ou seja, tudo pela união da comunidade eclesial. Já o pentecostalismo possui a tradição individualista protestante, reforçada pelo acesso direto dos indivíduos ao sagrado e pela experiência com os dons do Espírito Santo. Essa experiência reforça a autonomia individual e a possibilidade de crítica a autoridades, permitindo que rompam com elas e

fundem outras igrejas. Mas há também várias semelhanças entre o pentecostalismo e o catolicismo. Com a visão muito encantada, vivendo num mundo repleto de milagres, o pentecostalismo se aproxima mais do catolicismo popular rústico, catolicismo sincrético com religiões espíritas, e com o catolicismo popular, e se afastam das igrejas protestantes históricas. Por outro lado, sua ênfase na leitura da Bíblia e seu discurso crítico em relação à sociedade mais ampla os aproxima de um catolicismo da libertação (embora o conteúdo das críticas à sociedade sejam distintas) e de igrejas protestantes históricas.

IHU On-Line - Qual a principal novidade que o pentecostalismo trouxe para o cenário religioso e social brasileiro?

Cecília Mariz - O sucesso do pentecostalismo tem despertado muito essa pergunta. Em minha opinião, a novidade seria a popularização, em meio a camadas que não tiveram acesso à escolarização formal, de uma fé individual, exclusiva, reflexiva (pois crítica de forma intelectual tradições religiosas com quem compete), e ainda ascética e ética. Nesse sentido, o pentecostalismo moderniza subjetividades, apesar de todo seu discurso encantado aparentemente antimoderno. Tal como o pietismo analisado por Weber¹, vejo o pentecostalismo como fornecendo um carisma racionalizante. Sem dúvida, em minha opinião, possui uma afinidade eletiva ao mundo moderno, embora seja crítico do estilo de vida dominante nesse mundo. Outra novidade pentecostal seria a popularização de um conceito talvez presente nas igrejas protestantes brasileiras, mas pouco difundido, de que ter uma religião é praticar essa reli-

¹ Max Weber (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o espírito do capitalismo* (Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004) é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. Cem anos depois, a IHU On-Line dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004, intitulada *Max Weber. A ética protestante e o espírito do capitalismo 100 anos depois*, disponível para download em <http://migre.me/FDyb>. De Max Weber o IHU publicou o Cadernos IHU em formação nº 3, 2005, chamado *Max Weber - o espírito do capitalismo*. (Nota da IHU On-Line)

“Ao se tornar pentecostal, o homem passa a perceber que deve ter maior compromisso com sua família, mulher e filhos, do que com seus colegas de trabalho, de bar e lazer”

gião. Dessa forma, acredito que essa novidade pentecostal esteja também sendo responsável pelo aumento do número dos que se declaram sem religião. Mas precisamos de mais dados para ter mais suporte empírico para essa hipótese.

IHU On-Line - Como as religiões pentecostais lidam com o sofrimento humano?

Cecília Mariz - Embora o pentecostalismo pareça se destacar pela rejeição ao sofrimento, especialmente como vemos, por exemplo, no lema da Igreja Universal do Reino de Deus “pare de sofrer”, e também em várias igrejas numa clara afirmação de que Deus quer que todos sejam prósperos, saudáveis e felizes nesse mundo, a promessa de libertar o ser humano do sofrimento é comum a todas as religiões. Não é exclusividade pentecostal. De uma forma ou de outra, todas estão preocupadas em oferecer a superação do sofrimento. No entanto, observa-se que cada religião procura superar o sofrimento de forma diferente, pois cada uma tem distintos conceitos das causas do sofrimento e de caminhos para felicidade. Algumas religiões prometem a felicidade, realizando os desejos insatisfeitos, resolvendo os problemas. Outras prometem, livrando os indivíduos dos desejos, já que esses seriam as causas da infelicidade e problemas. No entanto, observando empiricamente, o indivíduo que se declara feliz não é aquele que não tem problemas ou que não tem desejos. O que declara sofrer menos não é o que tem menos dificuldades, mas o que dá sentido para essas dificuldades. Assim, o feliz é o que dá um sentido para seus problemas. Todas as religiões oferecem sentido e assim são capazes de gerar felicidade. Quando analisamos as histórias de vidas de conversos, podemos

observar que o que ocorre não é o fim dos problemas, mas uma mudança na forma de percebê-los. Esses passam a ser vistos não mais como causas de sofrimentos e dores, mas etapas de progresso, desafios a ser superados. As dificuldades enfrentadas passam a ser vistas como úteis, passageiras, reveladoras da força de Deus, como fonte de fortalecimento, e não como instrumentos de destruição do indivíduo, nem como dores inúteis e insuperáveis. Como argumentam Weber e Berger², a falta de sentido gera muito sofrimento. Não apenas dores e problemas precisam ter sentido, mas também se não tiverem sentido, a alegria, sucesso no amor, riqueza, saúde podem gerar estresse, sofrimentos, tais como culpas, medo de perder, sentimento de ser objeto de inveja, de perseguição etc. As diferentes religiões oferecem diferentes estratégias para dar plausibilidade ao sentido que atribuem aos problemas. A efusão do Espírito pode gerar experiências de um estado modificado de consciência que tornem plausíveis os sentidos que atribuem à vida, especialmente para aqueles que foram criados em um universo encantado da cultura popular brasileira. Talvez essa possibilidade de maior plausibilidade seja o diferencial pentecostal em nosso contexto.

LEIA MAIS...

Cecília Mariz já concedeu outra entrevista à IHU On-Line:

* “O ideário das novas comunidades é o ideário comunitário do cristianismo primitivo”, publicada na revista IHU On-Line número 307, de 08-09-2009, disponível em <http://migre.me/ENTX>

² Peter Ludwig Berger (1929): sociólogo e teólogo luterano austro-americano, conhecido por sua obra *A Construção Social da Realidade*, publicada em coautoria com Thomas Luckmann. (Nota da IHU On-Line)

Leias as Notícias do Dia em
www.ihu.unisinos.br

“A Teologia da Prosperidade e o neoliberalismo são irmãos siameses”

Pentecostal é quem aceita a contemporaneidade da doutrina do Espírito Santo. Mas a complicação é imediata: qual doutrina?, questiona Gedeon Freire de Alencar

POR GRAZIELA WOLFART

O sociólogo Gedeon Freire de Alencar reconhece as contribuições do pentecostalismo para a sociedade brasileira, principalmente em relação ao aumento do número de alfabetizados e à diminuição da violência doméstica. No entanto, ele faz críticas ao pentecostalismo quando afirma que o mesmo “reproduz as opressões sociais, e elas ficam pioradas porque, neste caso, têm uma ‘marca espiritual’”. E aqui ele cita “o machismo, a discriminação de gêneros e sexos, apatia nas lutas sociais, um processo de acomodação de status e uma ênfase exagerada na solução dos problemas pessoais em detrimento da comunidade”. Quando questionado sobre o diálogo inter-religioso, Gedeon argumenta que “todas as religiões têm dificuldade de relacionamento, pois estabelecer uma relação é identificar no outro algum valor o suficiente para ele/a ser visto e ouvido. O ecumenismo é bonito na teoria, mas é piada utópica”. Na entrevista que segue, concedida, por e-mail, à IHU On-Line, o presbítero da Assembleia de Deus Betesda, de São Paulo, defende que “teologia da prosperidade e neoliberalismo é, como diz o provérbio popular, a casa e o botão. São irmãos siameses. Um não existiria sem o outro”. Para ele, ter mais público quantitativamente é o grande critério de validação das igrejas pentecostais. “Daí quem é o elemento fundante e final da coisa: o consumo”

Sociólogo, presbítero da Assembleia de Deus Betesda, em São Paulo, Gedeon Freire de Alencar é diretor pedagógico do Instituto de Estudos Contemporâneos - ICEC. É mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista, com a tese *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, e todo louvor a Deus. Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. Também é membro da Associação Brasileira de História da Religião e da Rede de Teólogos e Cientistas Sociais do Pentecostalismo na América Latina e Caribe. É autor do livro *Protestantismo Tupiniquim: Hipóteses Sobre a (não) Contribuição Evangélica à Cultura Brasileira* (São Paulo: Arte Editorial, 2005). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como o senhor descreve a relação entre as religiões pentecostais e a sociedade brasileira?

Gedeon Freire de Alencar - Os pentecostalismos (no plural), como qualquer outra expressão religiosa, têm acertos e erros na sua relação com a cultura. Como nos lembra Weber, em seu clássico texto *Rejeições religiosas do mundo e suas direções*, ou teoria dos conflitos, as religiões de salvação têm uma relação de tensão e concessão com o mundo. Portanto, com os pentecostalismos não poderia ser diferente. Sem julgamento de valores, vejamos, por exemplo, a relação entre alfabetização e pentecostalismo.

Nas regiões mais pobres da sociedade aonde o pentecostalismo chegou, houve uma melhora na questão da alfabetização, ou, de outra forma, se não fosse o pentecostalismo, nosso índice seria pior. Na questão da violência doméstica, idem.

IHU On-Line - Quais as principais críticas que o senhor faz ao pentecostalismo hoje?

Gedeon Freire de Alencar - Reproduz as opressões sociais e elas ficam pioradas porque, neste caso, têm uma “marca espiritual”. E aqui cito o machismo, a discriminação de gêneros e sexos, apatia nas lutas sociais, um

processo de acomodação de *status* e uma ênfase exagerada na solução dos problemas pessoais em detrimento da comunidade.

IHU On-Line - Como se dá a relação entre o pentecostalismo e as religiões afro?

Gedeon Freire de Alencar - Péssima - por culpa de ambas. Sei que corro o risco de desagradar a todos, mas não vou fugir da questão. Primeiro, todas as religiões têm dificuldade de relacionamento, pois estabelecer uma relação é identificar no outro algum valor o suficiente para ele/a ser visto e ouvido. O ecumenismo é bo-

nito na teoria, mas é piada utópica. Segundo, teologicamente, ou sendo mais simplista, fenomenologicamente apenas, é impossível uma relação entre as duas. Nenhuma reconhece a outra, mesmo como mero fenômeno social. Terceiro, ambas são concorrentes, pois suas memberships estão na mesma camada social. Quarto, a criminalização da questão superou os limites da civilidade. Ambas são majoritariamente religiões de pobres e, esta, dentre outras, foi a razão da perseguição externa. O pentecostalismo foi absurdamente perseguido em seus primeiros anos, nos EUA e também no Brasil, pelas igrejas tradicionais, ditas cristãs, muito mais por racismo e sexismo. Uma perseguição imoral, anticristã, vergonhosa. Mas este mesmo pentecostalismo (no caso o neopentecostal), agora hegemônico e poderoso, repete de forma vergonhosa a mesma perseguição. Uma coisa é querer se diferenciar religiosamente, “se vender” como a religião melhor, mais correta etc. Outra coisa é criminalizar o outro; perseguir mesmo. Por outro lado, os cultos afros são muito competentes em termos estéticos e culturais, mas absurdamente incompetentes em racionalidade econômica. Para completar, são estupidamente divididos e inimigos entre si. Alguns optaram por um demagógico discurso vitimista e só conseguem se manter porque vivem ancorados nas sinecuras estatais. Com a desculpa (ou a culpa mesmo) de que é “cultura” e não religião, deram um tiro no pé: virou cultura alegre, vistosa, interessante para turista, mas se folclorizou. Enfeite de solenidade, alegoria de carnaval, não conseguiu articular militância e fidelização de seus membros. É dizimado mais por seus próprios elementos internos que externos. Pelo andar da carruagem só vai sobrar em museu.

IHU On-Line - Que relação podemos estabelecer entre a teologia da prosperidade e o neoliberalismo econômico?

Gedeon Freire de Alencar - Toda teologia tem a cara de seu tempo - mesmo que teólogos se digam ins-

“Toda teologia tem a cara de seu tempo - mesmo que teólogos se digam inspirados (apenas) por Deus”

pirados (apenas) por Deus. O teólogo é um leitor de seu tempo. Alguns são bons leitores, outros péssimos. Então, teologia da prosperidade e neoliberalismo é, como diz o provérbio popular, a casa e o botão. São irmãos siameses. Um não existiria sem o outro. Não vou me atrever a avaliar a teologia ou a economia, pois entendo pouco dos dois, mas diria apenas mais uma coisa: por que o neoliberalismo não nasceu, por exemplo, no final da década de 20? Não existia, absolutamente, ambiente para isso. Da mesma forma como a teologia da prosperidade jamais teria surgido, no Brasil, na década de 70. Não havia condições econômicas e sociais propícias. Isso poderia ser dito de outras teologias e de outras épocas similares.

IHU On-Line - Em que sentido podemos perceber nas religiões neopentecostais uma ética relativista e uma estética consumista, como o senhor apontou em uma entrevista já em 2006¹?

Gedeon Freire de Alencar - Um dos critérios - quase único - de nosso tempo é o quantitativo. “O fetiche de quantidade”, como disse Renato Mezan², no caderno *Mais, Folha de São Paulo*, semana passada. Tudo é medido em números, e estes funcionam como oráculo divino. Por que este li-

¹ Leia a entrevista publicada na revista *Eclé-sia*, número 115, de março de 2006, disponível no sítio do IHU em <http://migre.me/Egdp> (Nota da IHU On-Line)

² Renato Mezan: psicanalista brasileiro, autor de diversos livros na área. É professor titular da PUCSP e articulista do jornal *Folha de São Paulo*. Dentre suas obras, destacam-se *Freud - A Trama dos Conceitos* (editora Perspectiva); *Freud, Pensador da Cultura* (Companhia das Letras, 2006 - publicado originalmente em 1985); e *Escrever a Clínica*. (Nota da IHU On-Line)

vro é bom? Porque vendeu muito. E este é melhor que outro porque vendeu mais ainda. Então, por que este louvor, música, pregação e igreja são melhores e estão certos, mais que outra(s)? Porque vendeu mais. Têm mais gente. Ter mais público quantitativamente é o grande critério de validação. Daí quem é o elemento fundante e final da coisa: o consumo. Por isso, benções são consumidas, louvores vendidos, pregações compradas. Igrejas são da moda - e o céu (ou o inferno para quem acredita...) é o limite. Conclusão - perdão pelo lugar comum - tudo é relativo. A ética é então muito mais conveniência que convicção; muito mais funcionalidade que fundamento. Qual a ética que rege este modelo? A do possível, dos fins justificando os meios. Não se tem mais *a priori* um bem maior definido e fundante, mas uma relatividade funcional de que, dependendo da “necessidade”, vale qualquer coisa. Se posso pagar a benção, comprar o louvor, transformar em moda a adoração, toda embalada para consumo de indivíduos, quem é que pode, em última instância, definir o objetivo? E Deus - seja lá ele quem for - não se meta a querer mudar o projeto.

IHU On-Line - Como entender a ênfase escatológica pregada pelas religiões pentecostais?

Gedeon Freire de Alencar - Nas igrejas pentecostais mais periféricas (domingo passado, vi isso pessoalmente) a mensagem escatológica ainda é forte, já nas igrejas de classe média e, principalmente, nas neopentecostais, o discurso escatológico está fora de moda. Simples, se Jesus voltar agora vai estragar a festa! O pentecostalismo, fenômeno típico da passagem do século XIX para o XX é absolutamente escatológico. Nasce no período das grandes guerras. Ademais, como religião de pobres, o sonho é escapar da miséria. É fácil para um intelectual de esquerda ridicularizar isso como alienação, mas, fazendo algum esforço para compreender “de dentro”, a doutrina escatológica também pode ser uma esperança. O céu é um projeto

“Se posso pagar a benção, comprar o louvor, transformar em moda a adoração, toda embalada para consumo de indivíduos, quem é que pode, em última instância, definir o objetivo? E Deus - seja lá ele quem for - não se meta a querer mudar o projeto”

de justiça e paz.

IHU On-Line - Como a Assembleia de Deus se posiciona em relação ao pentecostalismo?

Gedeon Freire de Alencar - A Assembleia de Deus é uma igreja pentecostal. Aliás, não existe a Assembleia de Deus no singular, mas Assembleias. São muitas, variadas, autônomas, e, às vezes, inimigas entre si. Mas, majoritariamente são pentecostais, e como o universo assembleiano é vasto, há desde assembleias clássicas e tradicionais às mais neopentecostais e folclóricas possíveis. Teoricamente, pentecostal é quem aceita a contemporaneidade da doutrina do Espírito Santo. Mas a complicação é imediata: qual doutrina? Por exemplo, o falar em línguas e o exorcismo. Muitas igrejas hoje não têm mais estas marcas, ou só tem uma, como a Igreja Universal do Reino de Deus, que só dá ênfase ao exorcismo. Enfim, há muito que pentecostalismo não é mais apenas uma designação doutrinária, mas uma definição sociológica, e mesmo esta, atualmente, não é consenso.

Os pentecostais e a democracia da cultura religiosa brasileira

Inácio Spohr considera que foi o advento do pentecostalismo que proporciona as condições necessárias para um efetivo diálogo entre religiões no Brasil

POR GRAZIELA WOLFART

“Hoje, africanistas, católicos, evangélicos históricos, pentecostais, neopentecostais, espíritas, entre outros grupos, formam uma complexa rede de religiões que, de certa forma, democratiza a cultura religiosa brasileira”. A opinião é de Inácio Spohr, professor na Unisinos. Na entrevista que concedeu, por e-mail, à IHU On-Line, ele explica o conceito de Teologia da Prosperidade, pregado nas religiões pentecostais, afirmando que pode ser entendido como “um conjunto de princípios que afirmam que o cristão verdadeiro tem o direito de obter a felicidade integral durante a sua vida presente sobre a Terra. Mais: tem o direito de exigí-la diante de Deus”. Para Spohr, o pentecostalismo “vem a ser um fato novo e decisivo em um país também em uma situação sócio-cultural-econômica nova, que não tem medo de usar a mídia e os recursos econômicos para manter-se no ar”. E completa: “o avanço do pentecostalismo está intimamente vinculado à relação entre religião e sucesso na vida presente neste mundo. Vivemos em tempos em que religião e mercado se encontram. Desde logo, pentecostais, bem como alguns setores de outras religiões (até mesmo da igreja católica), buscam adequar práticas pastorais especificamente a um mundo globalizado e consumista”.

Inácio José Spohr possui graduação em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, e mestrado em Ciências Sociais pelo Instituto Latinoamericano de Estudios Sociales, de Santiago do Chile. Atualmente, é professor na Unidade de Ciências Humanas da Unisinos. Inácio Spohr, jesuíta, coordena o Programa Gestando o Diálogo Inter-Religioso e o Ecumenismo - GDIREC, que integra a Ação Social na área do pluralismo cultural e das relações étnico-raciais da Unisinos. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual a principal contribuição do pentecostalismo para a sociologia das religiões no Brasil?

Inácio Spohr - Creio que podemos situar esta questão na área da “democracia religiosa cultural”. A história de nosso país remete a uma longa experiência de religiosidade oficial católica (sob a fórmula do padroado), que inicia com o período da coloni-

zação portuguesa e se estende até o fim do reinado de Dom Pedro II, em 1889. A instalação do regime republicano rompe a união Igreja/Estado: o Estado brasileiro se torna laico. No entanto, a predominância e a visibilidade católicas no imaginário religioso brasileiro seguem informalmente por muitas décadas mais. De certo modo, alcança até os nossos dias. Nem mes-

mo a chegada do protestantismo de migração, entre os quais está a Igreja Luterana, consegue desfazer a imagem de que somos um “país católico”. A possibilidade de um Brasil multirreligioso se consolida tão somente a partir de 1910, com o advento das religiões pentecostais e, sobretudo, desde o período pós II Guerra Mundial, mediante a instalação e rápido crescimento do neopentecostalismo em nosso país. Considero, portanto, que foi o advento do pentecostalismo que proporciona as condições necessárias para um efetivo diálogo entre religiões no Brasil. Hoje, africanistas, católicos, evangélicos históricos, pentecostais, neopentecostais, espíritas, entre outros grupos, formam uma complexa rede de religiões que, de certa forma, democratiza a cultura religiosa brasileira.

IHU On-Line - Em que consiste a teologia da prosperidade pregada pelas religiões pentecostais e quais as possíveis consequências sociais que ela pode provocar?

Inácio Spohr - Nenhuma resposta no tocante à Teologia da Prosperidade é fácil de ser dada. Há muita controvérsia nesta área, tanto entre analistas quanto entre as lideranças das igrejas pentecostais e neopentecostais. No entanto, penso que a teologia da prosperidade pode ser entendida como um conjunto de princípios que afirmam que o cristão verdadeiro tem o direito de obter a felicidade integral durante a sua vida presente sobre a Terra. Mais: tem o direito de exigí-la diante de Deus. O caminho que o fiel deve seguir para alcançar a graça da felicidade plena na vida presente consiste, em primeiro lugar, em depositar sua confiança incondicional em Jesus (mediante a confissão pública da fé) e, em segundo lugar, deve se dispor a pagar o dízimo, bem como de ser extremamente generoso nas ofertas à igreja. Em suma, ao fiel compete pagar dízimos e ser generoso nas ofertas. A Deus cabe abençoar e conceder as graças necessárias para que o fiel seja feliz, tanto no tocante a sua vida familiar e social quanto a posse de bens econômicos. Os pastores neopentecostais garantem: *Deus cumprirá sua parte! Ele ficará na*

“O quadro religioso brasileiro (...) está enriquecido de ideias e argumentos um tanto fundamentalistas (e, talvez, racistas), que não permitem certas aproximações”

obrigação de cumprir Sua Palavra (MACEDO, Edir. *Mensagens*. Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 1995, p. 23).

IHU On-Line - Como entender o poder de conversão do pentecostalismo e seu crescimento no Brasil?

Inácio Spohr - Também aqui cabe um olhar sobre “que passou” ou “passa” no Brasil. A segunda metade do século XX coincide, em nosso país, com uma profunda transformação social e cultural: deixamos de ser um país eminentemente agrário para sermos um país maciçamente urbano. Dito desse modo, a mutação rural-urbana pode ser entendida como algo normal e até necessária: faz parte do processo modernizante do país. No entanto, as condições sócio-econômicas e culturais deixaram grande parte da população brasileira diante de situações absolutamente distintas das de sua origem. De algum modo, o meio urbano possibilita a ampliação dos contatos, gera novos contextos de práticas religiosas, bem como oferece a possibilidade de passar de uma religiosidade de “família” para uma religiosidade por “opção”. No meio urbano, os controles sociais são menores do que no meio rural. A tudo isto se somam outros fatores. Cito, de forma breve, o peso da influência e maciça utilização da mídia (sobretudo do rádio e da televisão) e a competente administração empresarial dessas igrejas pentecostais e neopentecostais, em oposição à prática religiosa tradicional das igrejas cristãs mais antigas. O pentecostalismo, desde logo, vem a ser um fato novo e decisivo em um país tam-

bém em uma situação sócio-cultural-econômica nova, que não tem medo de usar a mídia e os recursos econômicos para manter-se no ar.

IHU On-Line - Qual o diferencial do pentecostalismo em relação ao catolicismo e ao protestantismo?

Inácio Spohr - Creio que fundamentalmente condições sociais, administração empresarial e uso intenso da mídia (como referi acima), por si só, não explicam o sucesso das religiões ditas pentecostais, em detrimento das religiões cristãs tradicionais, entre estas, a Igreja Católica. São importantes, mas não são suficientes para o tamanho do sucesso. Acredito que o diferencial mais relevante entre catolicismo e pentecostalismo se vincula mesmo à Teologia da Prosperidade. Por outra, noto que o avanço do pentecostalismo está intimamente vinculado à relação entre religião e sucesso na vida presente neste mundo. Vivemos em tempos em que religião e mercado se encontram. Desde logo, pentecostais, bem como alguns setores de outras religiões (até mesmo da Igreja Católica), buscam adequar práticas pastorais especificamente a um mundo globalizado e consumista.

IHU On-Line - O que é ser evangélico pentecostal/neopentecostal no Brasil de hoje?

Inácio Spohr - Em termos gerais, diria que o pentecostalismo (sobretudo o neopentecostalismo), põe o fiel diante de uma série de aspectos que exigem dele um compromisso permanente e totalizante, que reorganiza toda a vida do crente. O evangelismo pentecostal:

- Estimula os membros das igrejas a serem participativos ativos e efetivos nos cultos, no pagamento do dízimo e ofertas;
- Exige do fiel elevado nível de autoconfiança: deve crer e confiar na sua capacidade individual;
- Remete a uma postura exigente ante Deus: o fiel pede aquilo que lhe pertence por direito (o próprio indivíduo decide seu destino. Não é Deus nem o Diabo...);
- Deve saber mostrar inconformidade com a própria situação: doença, de-

“O pentecostalismo se insere em um contexto religioso e cultural que o leva a contribuir, de maneira decisiva, com o quadro numérico e qualitativo dos fiéis que aderem a esta ou aquela igreja”

semprego, ser assalariado e/ou mal remunerado etc., não fazem parte da vida do fiel. É Deus quem tem que assumir sua posição diante do fiel e lhe conceder os bens que Ele, por Jesus, prometeu nas Escrituras.

IHU On-Line - Qual a contribuição do pentecostalismo para o trânsito religioso brasileiro e para o diálogo inter-religioso?

Inácio Spohr - Em linhas gerais, o pentecostalismo se insere em um contexto religioso e cultural que o leva a contribuir, de maneira decisiva, com o quadro numérico e qualitativo dos fiéis que aderem a esta ou aquela igreja. A evolução desse contexto, sobretudo face ao avanço das igrejas fundadas nas décadas finais do século XX, obriga as religiões, quer queiram ou não, a dialogarem entre si. As cartas estão sobre a mesa, os fiéis escolhem de acordo com as suas necessidades espirituais e, quiçá, necessidades sociais e econômicas. As religiões se veem obrigadas a “conversar” com esta realidade. Já a atualidade de um diálogo inter-religioso “ao redor de uma mesa”, penso ser deveras difícil. O quadro religioso brasileiro, por ora, está eivado de ideias e argumentos um tanto fundamentalistas (e, talvez, racistas), que não permitem certas aproximações. A demonização dos orixás, por exemplo, traz à tona o tamanho da dificuldade. Mas, como membro de grupo inter-religioso (em São Leopoldo), sinto-me em condições de acreditar na continuidade e profundidade do diálogo com as religiões.

Uma opção de vida mais organizada para os pobres

A partir da experiência de produzir um documentário sobre uma igreja pentecostal, Marcos Sá Correa percebeu que, no fundo, as pessoas compravam ordem na vida ao pagar o dízimo

POR GRAZIELA WOLFART

Ao lado de João Moreira Salles, o jornalista Marcos Sá Correa fez, há dez anos, um dos melhores filmes sobre os pentecostais até hoje realizados no Brasil. Chama-se *Santa Cruz* e analisa a implantação da igreja pentecostal autônoma Casa de Oração Jesus é o General, na periferia carioca, em Santa Cruz. Para falar sobre essa experiência e sobre o que representou esse documentário para a compreensão do movimento religioso pentecostal, a **IHU On-Line** entrevistou por telefone o jornalista Marcos Sá Correa. Em suas respostas, ele lembra da experiência vivida e confirma uma hipótese que ele levantava há mais tempo: a de que “as pessoas compravam ordem na vida. Tinha toda a parte religiosa e mística, e isso não se discute. A adesão à Igreja, mesmo custando um dízimo, trazia um benefício mensurável para a vida das pessoas em termos de ordem familiar, o que para o grupo virava ordem pública”. Ele explica que a “busca de uma ordem terrena muda de maneira muito clara todos os lugares onde o pentecostalismo se instala. Não por acaso são áreas não só de pobreza, mas de desordem extrema. Essas igrejas, com todas as suas infinitas variações, no seu conjunto, oferecem uma opção de vida mais organizada para os pobres”.

Marcos Sá Correa é jornalista e fotógrafo. Formou-se em História e escreve na revista *Piauí* e no jornal *O Estado de S. Paulo*. Foi editor de *Veja* e de *Época*, diretor do *JB*, de *O Dia* e do site *NO*. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como surgiu a ideia de fazer um filme sobre o pentecostalismo e qual a importância da obra no sentido de retratar esse fenômeno religioso brasileiro?

Marcos Sá Correa - Esse documentário faz parte de uma série de seis episódios, que, naquela época, em 1999, eu comecei a imaginar, junto com João Moreira Salles¹, que é o documentarista. A série tentava ter uma linha de coerência, que era

para mostrar reflexos do ano de 1500 na história do Brasil do ano 2000. E uma das coisas que começaram com o descobrimento foi a evangelização. Na época, eu viajava muito pelo interior, sobretudo no estado do Rio de Janeiro, e ficava impressionado com a velocidade de expansão do movimento pentecostal, e também com a maneira marcante como a pessoa, chegando em qualquer vilarejo do interior, onde nunca tinha estado, sobretudo em finais de semana, identificava, sem fazer nenhuma pergunta, quem eram os evangélicos do lugar.

¹ João Moreira Salles (1962): cineasta brasileiro. De sua filmografia destacam-se *Santiago* (2006), e *Entreatos* (2004). (Nota da IHU On-Line)

Eles estavam vestidos de maneira mais arrumada e carregavam uma bíblia. Isso me intrigava muito, porque contrariava tudo o que se convencionava no Brasil ao pensar sobre os pobres. Pobre era quem só podia receber, não tinha nada a dar, portanto era objeto de políticas quase sempre só assistencialistas. No caso do movimento evangélico, tínhamos o fenômeno da adesão espontânea a um tipo de religião que cobrava dízimo. Então o pobre estava disposto a pagar por alguma coisa. O que era esta “coisa”? Notávamos que o sistema político brasileiro também criou, em relação ao pobre, uma convenção pela qual ele se arruma melhor na desordem; quanto menos ordem for oferecida a ele, mais ele tem facilidade de arrumar as coisas na sua vida. Esse era o conceito de favelização que se propagou e que começa a ser discutido hoje, mas, durante vinte anos, foi mais ou menos canônico. Se deixasse o pobre com um mínimo de ordem social, com um mínimo de polícia, de administração pública, ele tinha mais chance de se arrumar na vida. Essa é uma longa discussão, mas tem por trás aquela ideia de que o Brasil é uma sociedade injusta, todos os instrumentos da sociedade são feitos para perpetuar a injustiça. Então, se esses instrumentos deixassem de influir na vida do pobre, ele se dava melhor. E o pobre contrariava tudo isso, aderindo a um movimento que exigia dele uma série de sacrifícios que, no conjunto, representava uma enorme disciplina. Isso me chamava atenção, mas nunca tinha parado para pensar nisso, era só curiosidade que me batia no curso de várias viagens.

O começo

Queríamos fazer um documentário no qual nós entrevistássemos muito pouco. Decidimos acompanhar uma igreja que estivesse nascendo e ver o que acontecia com a vida das pessoas que estavam aderindo a ela. Evidentemente, isso incluía restrições. Era uma igreja pobre, dos pobres, pequena, num lugar afastado do Rio de Janeiro. Foi difícil escolher, porque eu tinha uma recomendação de encontrar um

“Era um grupo social que não estava organizando só uma igreja. A igreja era organizada num mutirão e, por sua vez, ela organizava a vida cotidiana daquele grupo de pessoas”

pastor para acompanhar. Cuspei a descobrir qual o método para encontrar uma igreja nascendo. Fui informado que uma das maneiras mais fáceis era procurar na Junta Comercial. Como essas igrejas não tinham nada para se institucionalizar, não tinham uma cúria, uma hierarquia, elas geralmente se oficializam registrando a casa nova de oração como um estabelecimento. Era incrível, mais de uma igreja por dia se cadastrava na Junta. Entrevistei uns dez casos diferentes e acabei escolhendo o pastor Jamil, porque ele me pareceu o mais simplório e sincero, parecia mesmo dedicado àquilo, com poucas características que confundissem ele com a caricatura do pastor de TV. Inclusive ele era pouco eloquente, e tudo isso me pareceu conveniente. Nos plantamos lá dentro, passamos a ser tão frequentadores da igreja e das casas das pessoas que, curiosamente, por mais que uma filmagem implique numa parafernália grande de gente, som, luz, nós éramos tratados como se fôssemos uns deles. Depois de um tempo, eles não posavam para a câmera, não faziam nada ou quase nada porque nós estávamos ali. Isso foi muito bom.

Comprar ordem na vida

Outra coisa que me trouxe satisfação pessoal é que a hipótese, sem forçarmos nada, estava retratada. E minha hipótese é de que as pessoas compravam ordem na vida. Tinha toda

a parte religiosa e mística, e isso não se discute. A adesão à igreja, mesmo custando um dízimo, trazia um benefício mensurável para a vida das pessoas em termos de ordem familiar, o que para o grupo virava ordem pública. Então, a mulher do bêbado conseguiu que o marido deixasse a bebida, ele arrumava emprego, e, meses depois, a vida daquele grupo estava melhorando. Como eles têm a necessidade e a imposição de ler a Bíblia, víamos grandes esforços de alfabetização para lê-la, pois se trata de um texto complexo. Eles tinham alfabetização própria. A leitura regular da Bíblia fazia com que eles tivessem um vocabulário muito mais rico do que se esperava encontrar naquele tipo de população. De fato, era um grupo social que não estava organizando só uma igreja. A igreja era organizada num mutirão e, por sua vez, ela organizava a vida cotidiana daquele grupo de pessoas.

IHU On-Line - Quais as principais marcas da pregação da igreja pentecostal autônoma Casa de Oração Jesus é o General?

Marcos Sá Correa - Sendo uma igreja pentecostal, havia uma evidente necessidade de mostrar que a pessoa estava recebendo a graça da glossolalia. Eles começavam a falar em línguas. Não digo que aquilo era insincero, mas era um esforço de autoconvencimento. Não levanto sequer a hipótese de estarem fazendo aquilo para a câmera. Estavam fazendo isso para o grupo, para os outros, para mostrar que ali a graça estava presente. Outro elemento da pregação que me parecia muito marcante é como apareciam espontaneamente declarações como “eu não pagava a luz, tinha gato, mas tirei o gato da minha casa”. As pessoas tentavam traduzir a doutrina em atos concretos. Isso aparecia toda a hora em pequenas histórias, e não eram provocadas, surgiam naturalmente durante o culto.

IHU On-Line - Como justificar que a igreja tenha escolhido Santa Cruz, na periferia carioca, para se instalar, ou seja, em que sentido o contexto e o cenário locais foram favoráveis para ela?

Marcos Sá Correa - Essa igreja se pro-

“As pessoas tentavam traduzir a doutrina em atos concretos”

pagava de maneira mais geral nas periferias do Rio de Janeiro. Eu estive em dez periferias diferentes, em dez favelas de periferia, onde o movimento era mais forte. Acabamos ficando em Santa Cruz por causa do pastor Jamil, porque o momento era muito bom, a igreja estava nascendo naquele instante. O que lembro ter me impressionado foi, durante a minha primeira conversa com o pastor, que as pessoas, os vizinhos interrompiam ele a toda a hora, sobretudo as crianças, para perguntar ou pedir coisas. Eu achava que estava diante de uma pessoa que tinha uma relação realmente boa com aquele grupo.

IHU On-Line - Como o senhor define o impacto da religiosidade pentecostal nas periferias das grandes cidades?

Marcos Sá Correa - Essa busca de uma ordem terrena muda de maneira muito clara todos os lugares onde o pentecostalismo se instala. Não por acaso são áreas não só de pobreza, mas de desordem extrema. Essas igrejas, com todas as suas infinitas variações, no seu conjunto, oferecem uma opção de vida mais organizada para os pobres.

IHU On-Line - O que mais lhe impressionou pessoalmente na experiência de contato com os fiéis e os líderes da igreja?

Marcos Sá Correa - Foi uma convivência longa, em muitos casos com pessoas de vida muito difícil. O que mais me impressionou foi ver o esforço imenso que as pessoas faziam para se distinguir como gente ordeira moradora da favela, apesar de toda a falta de oferta e de soluções sociais para seus casos. Era todo um movimento de criar uma identidade, que era marcada pela diferença. Por outro lado, essa diferença não era perseguida pelos outros, mas tolerada.

IHU On-Line - Como o senhor descreve o pastor Jamil e como sua personalidade se relaciona com a postura do pentecostalismo?

Marcos Sá Correa - O pastor era um

ex-operário que se converteu porque sofreu um acidente. Ele trabalhava com metalurgia pesada e caiu numa caldeira, que, naquele momento, por erro, estava desligada, e ele não sofreu nada. Achou que tinha sido salvo por um milagre e resolveu dedicar a vida a isso. Até onde minha vista alcançou, ele não tirava nenhum benefício monetário da igreja. Ele fazia arrecadações muito modestas, e elas aparentemente se convertiam em ações para a igreja, como festinhas e pintura da casa. Ele não parecia ter qualquer outro interesse naquilo. Era uma pessoa de tamanha sinceridade, o que achávamos curioso. Não estou dizendo que as outras pessoas estivessem representando, mas acredito que tivesse um alto grau de autossugestão, pela frequência com que elas começavam a falar línguas. Ele dizia: “eu não tenho essa graça, nunca tive”. E não fingia nada. Era um leitor da Bíblia, não se metia a interpretações muito elaboradas. Era uma pessoa simples, e essa simplicidade me atraiu originalmente para ele, pois acho que o pastor de televisão já tem um estereótipo. Se fosse muito falante, eu teria medo que esse personagem se confundisse com o que já temos demais. Com o Jamil foi o contrário. Ele jamais iria fazer grandes piruetas. Apenas tocava aquilo dia e noite com grande afinco, sem malabarismos verbais. Era alguém convincente.

IHU On-Line - O senhor sabe se a igreja ainda existe?

Marcos Sá Correa - Existe, sim. Mantemos contatos telefônicos eventuais com o pastor Jamil. A igreja é muito difícil de achar hoje, porque, há dez anos, a favela estava nascendo, e, hoje, ela é grande. Depois da montagem final e antes da exibição para qualquer outro grupo, nós exibimos e discutimos o documentário com eles, que aprovaram, gostaram. Foi exibido na igreja e, na época, os prêmios que o documentário ganhou que envolviam dinheiro foram doados para a igreja.

Participe dos eventos do IHU
www.ihu.unisinos.br

O pentecostalismo e as mulheres

Maria das Dores Campos Machado destaca que, enquanto, nas mulheres, a conversão ao pentecostalismo as ajuda a se ver como indivíduo, no caso dos homens, os torna mais domésticos e familiares

POR GRAZIELA WOLFART

“**N**o caso da América Latina, as pesquisas indicam que o crescimento, nas últimas décadas, dos grupos pentecostais no interior de países como Guatemala, Venezuela, Peru e Brasil resultou numa ampliação da participação desses segmentos na política institucional e na mobilização de lideranças religiosas com o objetivo de influenciar as políticas públicas”. A informação é da professora Maria das Dores Campos Machado, da Escola de Serviço Social da UFRJ. Na entrevista a seguir, concedida à IHU On-Line por e-mail, ela destaca que tem observado, em suas pesquisas, que “através dos valores religiosos, muitas mulheres conseguem se estruturar para enfrentar os desafios para a entrada no mercado formal e informal do trabalho. Distante dos movimentos sociais e, em especial do feminista, estas mulheres encontram, na doutrina pentecostal, os elementos discursivos para justificar iniciativas individuais em direção à esfera econômica e ao mercado de trabalho”. Segundo Maria das Dores, “os homens, ao se converterem, tendem a abandonar o modelo de masculinidade predominante na sociedade e a se aproximar de um modelo mais andrógino, que é favorável às mulheres e ao grupo doméstico como um todo”.

Maria das Dores Campos Machado possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, e mestrado e doutorado em Sociologia pela Sociedade Brasileira de Instrução - SBI/IUPERJ. Realizou pós-doutorado no Instituto de Desarrollo Económico y Social de Buenos Aires e, atualmente, é professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É autora de *Carismáticos e Pentecostais: Adesão Religiosa e Seus Efeitos Na Esfera Familiar* (Campinas: Editora Autores Associados/Anpocs, 1996); e *Política e Religião: a participação dos evangélicos nas eleições* (Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006). Também é coorganizadora de *Os votos de Deus: Evangélicos, política e eleições no Brasil* (Recife: Massangana, 2006). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Que relações podemos estabelecer entre pentecostalismo e política?

Maria das Dores Campos Machado - Em primeiro lugar, é necessário contextualizar bem essa relação - pentecostalismo e política - indicando a configuração social e o momento histórico a que estamos nos referindo. Afinal, o pentecostalismo existe há mais de um século e hoje pode ser encontrado em vários continentes do mundo. Os estudos comparativos demonstram, por exemplo, características diferenciadas, função das matrizes culturais das distintas sociedades nacionais, assim como mudanças ao longo deste período no interior de uma mesma sociedade. No caso da Améri-

ca Latina, as pesquisas indicam que o crescimento nas últimas décadas dos grupos pentecostais no interior de países como Guatemala, Venezuela, Peru e Brasil resultou numa ampliação da participação desses segmentos na política institucional e na mobilização de lideranças religiosas com o objetivo de influenciar as políticas públicas. Estudos sobre as políticas no campo da saúde reprodutiva e dos direitos sexuais no Chile, Brasil, Argentina, Equador, Uruguai, entre outros países, revelam que a implementação de serviços como a distribuição gratuita da pílula do dia seguinte, a educação sexual nas escolas, ou ainda o lançamento de programas governamentais de combate à homofobia

têm gerado uma grande mobilização de pastores pentecostais. No caso do Brasil, percebemos que vários grupos pentecostais, além de participar do debate público sobre estas temáticas - através de suas mídias eletrônicas e impressas e da mídia secular - têm também demonstrado muito interesse em se fazer representar no poder legislativo e lançando mão dos instrumentos jurídicos para frear as tentativas dos movimentos feministas e das comunidades LGBT¹ de criar uma po-

¹ LGBT ou ainda, LGBTTTs: acrônimo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (o 's' se refere aos simpatizantes). Embora refira apenas seis, é utilizado para identificar todas as orientações sexuais minoritárias e manifestações de identidades de gênero divergentes do sexo designado no nascimento. (Nota da IHU On-Line)

lítica sexual desvinculada da tradição cristã. E, embora eu esteja citando os exemplos no campo do comportamento e da sexualidade, é bom ficar claro que os interesses destes grupos pela política e especificamente pelo legislativo não são só de ordem moral, mas têm também caráter corporativo e econômico. Nas diferentes casas legislativas, os parlamentares tendem a atuar no sentido de defender os interesses de seu grupo e de ampliar o poder de barganha junto ao executivo com vistas à troca de favores e concessões, como a dos canais de televisão. Temos, entretanto, que ter cuidado, pois entre as principais características deste braço do protestantismo encontram-se a heterogeneidade e a intensa competição interna. Assim, alguns grupos apresentam uma política mais ousada de atuação na esfera pública - caso da Igreja Universal do Reino de Deus - e outras vão mais ou menos a reboque num movimento mimético. De qualquer maneira, o envolvimento de parlamentares pentecostais em escândalos econômicos na metade desta década parece ter provocado um refluxo no número de representantes destes segmentos no poder legislativo federal.

IHU On-Line - Como as relações de gênero aparecem nas religiões pentecostais?

Maria das Dores Campos Machado - Como quase todas as tradições religiosas, a ordem de gênero dos grupos pentecostais tende a ser assimétrica. Entretanto, a doutrina apresenta elementos igualitários que favorecem uma revisão dos arranjos tradicionais uma vez que fortalecem a autoridade moral dos/as fiéis e estimulam o processo de individuação das mulheres. Tenho trabalhado com este processo de revisão da subjetividade feminina nos segmentos populares a partir da ampliação do pentecostalismo nas periferias urbanas e o que me parece mais importante é chamar atenção para o fato de que através dos valores religiosos, muitas mulheres conseguem se estruturar para enfrentar os desafios para a entrada no mercado formal e informal do trabalho. Dis-

**“É bom ficar claro
que os interesses
destes grupos
pela política e
especificamente pelo
legislativo não são só
de ordem moral, mas
têm também caráter
corporativo
e econômico”**

tante dos movimentos sociais e, em especial do feminista, estas mulheres encontram na doutrina pentecostal os elementos discursivos para justificar iniciativas individuais em direção à esfera econômica e do mercado de trabalho. Então, embora não se compare com a proposta feminista de ampliação de autonomia feminina, este processo acaba por apresentar um resultado que a meu ver não é desprezível: estimular a educação feminina e fomentar a transformação das mulheres do segmento popular em atores econômicos e enquanto tal com mais margem de negociação nas suas relações sociais e afetivas. Os limites desta reconfiguração da subjetividade feminina nas camadas populares são dados pela própria doutrina religiosa que enfatiza o casamento, mas também pela cultura machista que impera na sociedade mais ampla e, em especial, nos setores de pouca escolaridade. De qualquer forma, este processo de revisão por parte das mulheres se dá em sintonia com mudanças nas percepções dos pentecostais sobre o papel social das mulheres na contemporaneidade.

Mulheres pastoras

Uma recente pesquisa quantitativa, *Spirit and Power*, realizada em dez países do mundo, demonstra

que, embora 61% dos pentecostais brasileiros concordem com a afirmação de que a mulher deve obedecer ao marido, em outras circunstâncias sociais - como no mercado de trabalho, na hierarquia religiosa e no mundo da política -, a maioria expressa visão mais igualitária da participação dos homens e das mulheres. Assim, 64% dos pentecostais aceitam a ideia de que as mulheres podem atuar como pastoras ou sacerdotes, e 69% acreditam que as mulheres inseridas no mercado de trabalho podem manter uma relação apropriada e terna com os maridos e filhos. Quando a questão é a participação dos homens e das mulheres na política institucional, menos da metade dos pentecostais (36%) compartilha da opinião de que a liderança masculina é melhor que a feminina. Na mesma direção, apenas 29% dos pentecostais compartilham da assertiva de que os homens devem ter mais direito às vagas do mercado de trabalho do que as mulheres². Estes dados me parecem muito interessantes e corroboram os estudos qualitativos que indicam mudanças no interior das próprias hierarquias religiosas, com a consagração de mulheres para o pastorado e a tendência ainda tímida de lideranças femininas criarem novas igrejas pentecostais.

IHU On-Line - Na sua tese de doutorado, sobre “Carismáticos e pentecostais” (1994), a senhora aborda a hipótese de que a conversão das mulheres ao pentecostalismo significou uma diminuição ou mesmo abolição de conflitos familiares, provocando uma nova harmonização familiar. Pode explicar essa relação?

Maria das Dores Campos Machado - A conversão fornece uma nova visão de mundo e uma nova forma de interpretar e lidar com os problemas cotidianos. Neste sentido, ela cria possibilidades do/a adepto/a a experimentar outras atitudes frente as adversidades. Ou seja, ao ampliar os recursos ideológicos dos sujeitos

²Os dados da pesquisa “Spirit and Power: A 10-Country Survey of pentecostals” podem ser encontrados no site The Pew Forum on Religion & Public Life: <http://pewforum.org/> (Nota da entrevistada)

sociais, ela pode favorecer mudanças nas atitudes destes sujeitos. No caso das mulheres casadas de pouca escolaridade e renda baixa, a adesão a um grupo religioso que, embora, crescente, segue sendo minoritário em nossa sociedade, representa uma primeira ruptura com a tradição social e, na maioria dos casos, uma experiência de individuação das mulheres em relação não só aos maridos, mas também à família mais ampla. A crença da superioridade moral dos integrantes de sua comunidade acaba por gerar um sentimento de autoconfiança e encoraja atitudes inovadoras no relacionamento. É claro que os resultados deste processo na vida conjugal e familiar dependem também da disposição dos demais membros do grupo doméstico e em especial do cônjuge. E quando a mulher consegue a conversão do esposo, ampliam-se as chances de uma revisão do arranjo familiar em termos mais igualitários. Porque os homens, ao se converterem, tendem a abandonar o modelo de masculinidade predominante na sociedade e a se aproximar de um modelo mais andrógino, que é favorável às mulheres e ao grupo doméstico como um todo. Ou seja, enquanto, nas mulheres, a conversão ajuda a se ver como indivíduo, no caso dos homens, os torna mais domésticos e familiares. De qualquer maneira, meus estudos têm demonstrado que as mulheres nas igrejas pentecostais aprendem a se ver como indivíduos responsáveis pela sua vida e buscam criar espaço próprio de sociabilidade, diminuindo a dependência emocional em relação aos familiares. Mais seguras e autoconfiantes, elas criam novas formas de lidar com o marido. Muitas vezes ignorando as limitações e defeitos dos cônjuges, elas abandonam as constantes cobranças e correm atrás do que querem. Neste sentido, muitas não mudam seus parceiros no primeiro momento, mas, ao mudarem seus próprios comportamentos, acabam por alterar as relações entre eles. É o caso de mulheres que, insatisfeitas com as precárias condições econômicas da família, deixam de ficar cobrando do marido e vão à luta no mercado de trabalho.

“O envolvimento de parlamentares pentecostais em escândalos econômicos na metade desta década parece ter provocado um refluxo no número de representantes destes segmentos no poder legislativo federal”

IHU On-Line - Como explicar a existência de uma maior tolerância das mulheres pentecostais que passam a entender melhor os seus maridos, e lutam por sua conversão?

Maria das Dores Campos Machado - Na doutrina pentecostal, os fiéis encontram não só parâmetros morais para suas atitudes, mas também uma série de crenças que criam disposições para uma atitude conversionista junto aos demais. Sentindo-se especial, um/a escolhido/a de Deus, o/a fiel se vê como responsável pela espiritualidade e salvação dos demais membros da família. A crença de que as atitudes negativas dos que relutam em aceitar as normas religiosas são fruto da intervenção de forças malignas, possibilita que o/a fiel estabeleça certa distância entre o comportamento e ou ação dos sujeitos e estes mesmos sujeitos. Trata-se de um artifício ideológico que resulta na diminuição da responsabilidade do cônjuge sobre seus atos, o que acaba por criar uma zona de maior tolerância em relação ao parceiro. Com isso, o que poderia ser intolerável para muitas mulheres, como o alcoolismo ou a traição masculina, pode ser interpretado como uma luta entre as forças do bem e do mal - Deus e o Diabo - e assim sendo, cabe à mulher pentecostal não só a tolerância, mas a batalha para ganhar a sua alma para o Senhor. Particularmente, acredito

que este tipo de visão é muito atraente para aquelas pessoas que dispõem de poucos recursos cognitivos e sem muitas chances de interação com movimentos sociais e ou instituições que possuem outras visões de mundo.

IHU On-Line - Quais as principais diferenças entre carismáticos e pentecostais?

Maria das Dores Campos Machado - Lembro que quando comecei a estudar de forma comparativa estes dois movimentos, na primeira metade da década de 90, havia uma tendência dos pesquisadores afirmarem que os movimentos carismáticos eram tipicamente das camadas médias, enquanto a base social do pentecostalismo encontrava-se nos segmentos mais pobres da sociedade. Assim sendo, não fazia muito sentido a comparação. De lá para cá, as percepções em relação a estes movimentos religiosos mudaram muito. Em parte porque estes movimentos romperam as fronteiras originais das camadas sociais: enquanto os carismáticos começaram a ganhar adeptos entre os católicos mais pobres, os pentecostais conseguiram ampliar o número de seus membros nos segmentos médios. Na realidade, as iniciativas do Papa e das autoridades católicas locais em enquadrar o movimento carismático (que nasceu nos anos 60 sob influência dos pentecostais nos Estados Unidos) se, por um lado, reforçaram alguns elementos da tradição católica e, em especial, o marianismo, por outro, não conseguiram eliminar alguns traços de continuidade entre os dois movimentos: a ênfase na experiência religiosa pessoal, o caráter emocional e o intenso uso do corpo nos cultos. De qualquer maneira, percebe-se que a hierarquia católica empenhou-se em traçar uma linha fronteira em relação aos pentecostais, e o elemento fundamental nesta linha é a devoção à Virgem Maria. Explorei esta questão no meu livro *Carismáticos e Pentecostais: os efeitos da vida religiosa na vida familiar*, e creio que muito do que ali foi dito serve ainda hoje para caracterizar estes dois movimentos que são particularmente atrativos para as mulheres. Com um discurso de valorização da vida familiar, uma ênfase nos

problemas cotidianos e a incorporação de algumas interpretações do campo da psicologia, estes dois movimentos oferecem às mulheres um espaço a um só tempo de sociabilidade e de experiências religiosas. Ambos fomentam nas mulheres a autoconfiança, mas percebe-se que, no caso do Movimento carismático católico, a construção da autoridade moral e o processo de individualização das fiéis ocorrem num terreno bem mais delimitado, uma vez que as posições do Vaticano em relação à contracepção são bastante desfavoráveis ao pleno exercício da sexualidade humana e, em uma sociedade machista, tendem a penalizar ainda mais o segmento feminino. Os pentecostais são mais pragmáticos, e as decisões no campo da anticoncepção são uma prerrogativa do casal, o que aproxima a fiel pentecostal das tendências em curso na sociedade mais ampla.

IHU On-Line - O que mais mudou no cenário religioso brasileiro com o surgimento do pentecostalismo?

Maria das Dores Campos Machado - O pentecostalismo surgiu no início do século passado e mudou muito ao longo deste período histórico, acompanhando os processos de transformação da sociedade brasileira. Existe uma vasta literatura relacionando os processos de urbanização, deslocamentos populacionais, a pobreza e a dificuldade de acesso aos serviços e equipamentos urbanos por parte de grande parte da população com o crescimento dos grupos pentecostais. E predomina, nos estudos da sociologia e antropologia da religião, a interpretação de que o pentecostalismo vem revelando certa plasticidade frente não só às outras tradições religiosas - catolicismo popular e expressões afro-brasileiras - como também às mudanças no campo da esfera política e dos movimentos sociais. De forma que alguns autores preferem hoje falar em pentecostalismos no plural em vez de generalizar as características de determinados grupos para todas as denominações pentecostais. De qualquer maneira, a expansão do pentecostalismo expressa mudanças na correlação de forças no interior do campo religioso com a instituição historicamente hegemônica, a

“A conversão fornece uma nova visão de mundo e uma nova forma de interpretar e lidar com os problemas cotidianos”

Igreja Católica, passando a enfrentar a competição não só pelos fiéis, mas também pela influência na política institucional - que vai desde as parcerias com as agências governamentais para implementação das políticas sociais e de saúde até a distribuição de concessões dos meios de comunicação e a influência na política eleitoral. Um aspecto interessante é, por exemplo, o surgimento e a formação de atores políticos individuais das camadas populares e/ou em ascensão social, que antigamente ocorria preferencialmente nos movimentos sociais ligados à igreja católica, e que, nas últimas décadas, também tem se dado no campo pentecostal. Além disso, as próprias estruturas eclesiais são atualmente percebidas como atores coletivos importantes na política brasileira, e a competição entre pentecostais e católicos tem favorecido o deslocamento crescente da igreja hegemônica para o campo do conservadorismo moral. De modo que, com o crescimento dos pentecostais, o que parecia como “natural” ou intrínseco à sociedade brasileira no passado, a presença da igreja católica em diferentes espaços sociais, políticos e assistenciais passa ser visto como um privilégio de uma confissão religiosa que pode ser questionado. Este crescimento dos pentecostais, o grande interesse de determinados grupos pela política institucional e o uso da identidade religiosa como um atributo eleitoral nas disputas políticas produziram também, nos últimos anos, um debate sobre a laicidade do Estado e o espírito republicano que me parece muito interessante e importante para a sociedade brasileira.

De qualquer forma, a participação dos pentecostais na política partidária e o envolvimento de muitos deles em escândalos econômicos nos governos passados têm ajudado a desqualificar a estratégia de se adotar a pertença religiosa como atributo eleitoral. E o número de parlamentares eleitos a partir de seus vínculos com as comunidades pentecostais caiu nos últimos processos eleitorais.

IHU On-Line - Como a diversidade sexual aparece no discurso religioso do pentecostalismo? Qual é a ética sexual pregada e difundida pelas religiões pentecostais?

Maria das Dores Campos Machado - É preciso deixar claro que a diversidade sexual, na forma como colocada hoje pelos movimentos sociais LGBT e alguns teóricos/as do feminismo é uma expressão da luta política pelo sentido da sexualidade na sociedade contemporânea. Assim sendo, não só o pentecostalismo como as demais tradições religiosas que participam deste embate resistem - algumas mais, outras menos - à possibilidade de que se desenvolva uma moral sexual de caráter secular e desvinculada da moral religiosa. Temos que lembrar que, na medida em que a ciência foi se desenvolvendo e que os discursos religiosos tornaram-se um entre os muitos discursos em disputa nas sociedades, foi crescendo também a possibilidade de que a esfera da moral sexual ganhasse certa autonomia em relação às fontes tradicionais de moralidade, que são as crenças religiosas. Hoje temos não só os discursos médicos e das áreas psi, mas também o discurso das ciências sociais e dos direitos humanos, que têm introduzido novos parâmetros nesta disputa pelo sentido da sexualidade. No caso do Brasil, fizemos, na Escola de Serviço Social da UFRJ, uma pesquisa recente sobre a percepção das lideranças religiosas das tradições cristãs - católica, protestante histórica e pentecostal -, mediúnicas - espírita e afro-brasileira- e a judaica no Rio de Janeiro, e constatamos que existe uma pluralidade de discursos no interior de cada um destes grupos (ver www.ess.ufrj/diversidadeseaxual). Esta pluralidade de percepções resulta da ca-

pacidade diferenciada dos segmentos religiosos realizarem negociações cognitivas com os outros discursos existentes na sociedade, em especial com os discursos dos direitos humanos, que é transversal aos movimentos sociais e às ciências humanas. No caso dos líderes estudados, observou-se que os pentecostais, assim como os judeus ortodoxos e os carismáticos católicos, resistem muito ao processo de revisão do sentido tradicional e naturalista da sexualidade humana e tendem a ser mais intolerantes frentes às demandas dos movimentos LGBT.

Diversidade sexual e vulnerabilidade social

De todo modo, a capacidade de mobilização destes movimentos acabou por colocar os temas das homossexualidades, adoção por casais do mesmo sexo, união civil de gays e de lésbicas, entre outros, na pauta de discussão destes grupos, e algumas poucas lideranças revelaram-se mais suscetíveis ao diálogo cognitivo com outros discursos ou formas de interpretar as múltiplas formas da sexualidade, pelo menos no que se refere à união civil e à adoção de crianças. Mas, sem dúvida alguma, os pentecostais encontram-se entre os que mais rejeitam as percepções que valorizam as dimensões culturais no embate em torno do sentido da sexualidade humana. Como a base social deste movimento é constituída pelos setores de pouca escolaridade e baixa renda, que são justamente os segmentos que apresentam mais dificuldade para acessar os aparatos jurídicos e policiais em defesa de sua integridade física e dos direitos individuais, esta realidade acaba por colocar os membros dos grupos pentecostais que não se enquadram na heteronormatividade numa situação de grande vulnerabilidade social. Neste sentido, a ética sexual pentecostal é resultado da articulação de proposições naturalistas, e mais especificamente do modelo heterossexual de arranjo sexual, com a ideologia familista tradicional que associa o exercício da sexualidade com o casamento.

IURD: teatro, templo e mercado

Para Leonildo Silveira Campos, a Igreja Universal do Reino de Deus escapa às tentativas tradicionais de enquadramento e compreensão de fenômenos culturais e religiosos em geral

POR GRAZIELA WOLFART E MÁRCIA JUNGES

“O sucesso nacional e internacional da IURD é inegável. É uma instituição com pouco mais de 30 anos (fundada em 1977), que atrai, para seus cultos, cerca de três milhões de pessoas, em uma estimativa considerada bastante baixa, e movimenta por volta de um bilhão de reais por ano em arrecadação. O sucesso da IURD dentro do campo religioso se deve a sua facilidade em atrair pessoas que percebem os seus lugares de culto como espaços de teatralização, de ritualização e de troca de dinheiro por bens simbólicos”. A explicação é do professor Leonildo Silveira Campos. Na entrevista a seguir, concedida à **IHU On-Line** por e-mail, ele explica por que usa três metáforas para definir a Igreja Universal do Reino de Deus: “A partir da ideia de metáforas, pudemos imaginar a IURD, em primeiro lugar, como um ‘teatro’, pois, nela, há um processo de dramatização da religião, do qual as cenas de cura e de exorcismo são excelentes exemplos. Em segundo lugar, esse espaço foi visto como um ‘templo’, pois, ao contrário do que pensam os seus críticos, o espaço de culto da IURD é um cenário próprio para ritos religiosos, que geram emoções e práticas, as quais ultrapassam as relações entre mágico e clientela. Finalmente, usamos a metáfora do ‘mercado’ (...) para designar o espaço de culto iurdiano como um espaço em que trocas estão acontecendo, onde o monopólio católico, protestante tradicional e pentecostal, está sendo objeto de novas regras oriundas do pluralismo religioso”.

Na visão de Leonildo, “o fenômeno Igreja Universal do Reino de Deus seria impossível sem o surgimento do moderno mercado, do círculo de consumidores, do estabelecimento de uma perfeita ligação entre produtores e consumidores ao redor de uma linguagem exteriorizada pelos meios de comunicação de massa. Nessa Igreja, a velha fórmula catolicismo-protestantismo-pentecostalismo, de séculos de sucesso, é ultrapassada por um empreendimento dinâmico e, ao mesmo tempo, flexível, tal como o capitalismo liberal espera para os operadores no grande mercado dos bens religiosos”.

Leonildo Silveira Campos é graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Mogi das Cruzes, e em Teologia pela Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Seu mestrado e doutorado foram realizados na Universidade Metodista de São Paulo - Umesp, com a tese *Teatro, templo e mercado: uma análise da organização, rituais, marketing e eficácia comunicativa de um empreendimento neopentecostal - a Igreja Universal do Reino de Deus* (Petrópolis: Vozes, 1997). Atualmente, é professor da Umesp e da Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Por que a Igreja Universal é, ao mesmo tempo, “teatro”, “templo” e “mercado”?

Leonildo Silveira Campos - Ao preparar a minha tese de doutoramento sobre a Igreja Universal do Reino de Deus (1996), que se transformou em livro (publicado em coedição da Editora Vozes, Simpósio e Editora da Umesp) no ano seguinte, senti a necessidade de trabalhar com algumas metáforas para falar de algo que eu ainda considero ser de difícil classificação. Isto porque a IURD escapa às tentativas tradicionais de enquadramento e compreensão de fenômenos culturais e religiosos em geral. Por exemplo, se usarmos o critério de Weber-Troeltsch¹, que separa os fenômenos em “igreja” e “seita”, a rigor, a IURD tanto é uma coisa como outra. Se fôssemos manter a separação tradicional entre religião e comércio, fé e negócio, ou organização religiosa e empresa produtora e distribuidora de bens, também a IURD poderia se encaixar em todas elas. Optei em minhas pesquisas pelo termo “empreendimento religioso”, evitando-se assim os enquadramentos tradicionalmente aplicados às organizações religiosas-comerciais.

Quando do preparo de minha tese, o Prof. Antonio Gouvêa Mendonça (1922-2007), meu orientador, tinha enormes resistências em considerar tais agrupamentos de pessoas em busca de milagres, sinais, prodígios ou atos mágicos (segundo ele) como “igrejas” ou “comunidades cristãs”. Para Mendonça, os movimentos religiosos que ofereciam tais artefatos culturais, poderiam ser enquadrados com sucesso por meio da expressão “sindicato de mágicos”, até porque a relação entre as pessoas e as lideranças passava pelas relações utilitaristas e monetaristas. Para ele, a IURD não estava conseguindo criar comunidades de fé.

Quando terminei as pesquisas que resultaram no livro *Teatro, templo e mercado* (1996), até onde eu sei somente duas dissertações de mestrado tinham sido apresentadas sobre a IURD: a de Christina de Rezende Ru-

“A religião no sistema capitalista pode operar com sucesso, e o faz muito bem, usando, para isso, os mecanismos propostos pela lei da oferta e da procura”

bim, “A teologia da opressão” (Unicamp, 1991) e a dissertação de Ricardo Mariano, “Neopentecostais: o pentecostalismo está mudando”, (USP, 1995). A minha tese de doutorado foi a primeira a respeito da IURD. Hoje, entre dissertações e teses, temos cerca de 100 trabalhos acadêmicos, dezenas de livros e centenas de artigos. Mesmo assim, a IURD continua despertando interesse dos pesquisadores situados ou não na academia.

Porém, a minha hipótese, diferente de meu orientador e interlocutor, era que a IURD exigia do analista um passo adiante e que, em momentos como esses, em que se espera avanço de conhecimento sobre um objeto ainda pouco pesquisado na academia, somente podem ser palmilhados caminhos sinalizados por metáforas. A inspiração veio de Gareth Morgan (*Imagens da organização*, Atlas) que propôs a “utilização das metáforas para ler e compreender as organizações”. Apos-tei nessa linha e percebo hoje que tais metáforas conseguiram concretizar o que pensávamos a respeito dessa nova Igreja.

A partir da ideia de metáforas, pudemos imaginar a IURD, em primeiro lugar, como um “teatro”, pois, nela, há um processo de dramatização da religião, do qual as cenas de cura e de exorcismo são excelentes exemplos. Em segundo lugar, esse espaço foi visto como um “templo”, pois, ao contrário do que pensam os seus críticos, o espaço de culto da IURD é um cenário próprio para ritos religiosos, que geram emoções e práticas, as quais ultrapassam as relações entre mágico e clientela. Finalmente, usamos a me-

táfora do “mercado”. Esta última precisou de explicações, dado o caráter preconceituoso que esse termo pode assumir ao se aplicar a um espaço religioso. Contudo, ao analisá-la como um mercado, quisemos designar o espaço de culto iurdiano como um espaço em que trocas estão acontecendo, onde o monopólio católico, protestante tradicional e pentecostal, está sendo objeto de novas regras oriundas do pluralismo religioso.

A IURD assumiu com clareza que, em um ambiente competitivo, onde há defasagem entre a demanda e os produtores tradicionais, a melhor resposta seria assumir de uma vez por todas as chamadas “leis do mercado”. Edir Macedo colocou em prática, dentro de uma teoria muito próxima da “escolha racional” proposta por Rodney Stark e W.S. Bainbridge (Teoria da religião), que a religião no sistema capitalista pode operar com sucesso, e o faz muito bem, usando, para isso, os mecanismos propostos pela lei da oferta e da procura.

IHU On-Line - Que razões fazem dessa religião um fenômeno sociológico importante?

Leonildo Silveira Campos - O sucesso nacional e internacional da IURD é inegável. É uma instituição com pouco mais de 30 anos (fundada em 1977), que atrai, para seus cultos, cerca de três milhões de pessoas, em uma estimativa considerada bastante baixa, e movimenta por volta de um bilhão de reais por ano em arrecadação. O sucesso da IURD dentro do campo religioso se deve a sua facilidade em atrair pessoas que percebem os seus lugares de culto como espaços de teatralização, de ritualização e de troca de dinheiro por bens simbólicos. A sua ação é tida por milhares deles como eficiente e eficaz para resolver os problemas práticos da vida cotidiana que afeta uma boa parte da população brasileira, tais como: doença, desemprego, conflitos pessoais e grupais, e assim por diante. Sociologicamente, a IURD oferece uma filosofia da prosperidade com um forte lastro religioso. Como instituição, ela é percebida, pelo menos nos depoimentos midiáticos dos que tiveram suces-

¹ Ernst Troeltsch (1865-1923): escritor e teólogo alemão que, ao lado de Max Weber, elaborou alguns conceitos relacionados à religião. (Nota da IHU On-Line)

so, como uma Igreja que oferece bons resultados e que justificam aos olhos deles a relação entre custo-e-benefício. A sua presença na mídia levou a uma estratégia de se tornar um império de comunicação social. Dezenas de estações de rádio e de televisão são de sua propriedade. Um eficiente esquema de eleição de deputados estaduais, federais e até de senador, conseguiu uma visibilidade tão significativa que até mesmo o atual vice-presidente da República é um de seus simpatizantes. Milhares de pessoas atestam que a sua autoestima e esperança de vida melhoraram ao manterem contato com o “teatro”, “templo” e “mercado”.

IHU On-Line - Em termos religiosos, qual é a expressão da IURD no neopentecostalismo brasileiro?
Leonildo Silveira Campos - O termo “neopentecostalismo” ainda se refere a uma realidade sociológica não tão bem definida como os cientistas sociais da religião gostariam. Isto porque, até que ponto a IURD é uma expressão novidadeira da religião cristã (católica, protestante e pentecostal)? Se analisada do ponto de vista da ruptura com tradições religiosas anteriores, a IURD possui vários traços que sugerem ser ela uma nova expressão do pentecostalismo “clássico” (surgido nos EUA, no início do século XX). Porém, ela também apresenta uma notável continuidade com formas mágicas e de religiosidades populares presentes no catolicismo popular, nos cultos afro-brasileiros, no kardecismo, e até em certas expressões do protestantismo tradicional. Essa face da IURD levou alguns a pensar que se trata de uma manifestação religiosa pós-protestante e pós-pentecostal.

Todavia, não se pode negar que, após o surgimento da IURD, outros grupos, chamados muito apropriadamente de “igrejas clones” pela pesquisadora francesa Marion Aubree, operam com a mesma fórmula e ingredientes que deram fama para a Igreja Universal do Reino de Deus. Entre elas temos a Igreja Apostólica Renascer em Cristo, a Igreja Internacional da Graça de Deus e, mais recentemente, uma que concorre com a IURD diretamente na área dos milagres - a Igreja Mundial do

“Até que ponto a IURD é uma expressão novidadeira da religião cristã?”

Poder de Deus. Pelo menos as duas últimas resultaram de propostas religiosas nascidas no interior da IURD, cujos empreendedores simplesmente modificaram a fórmula em alguns pontos e continuaram pregando sinais miraculosos e prodígios, sempre por meio da televisão. A IURD trouxe, para o espaço do pentecostalismo, a competição acirrada, portanto, uma nova dinâmica na disputa por fiéis, competitividade essa dinamizada pelo emprego maciço da mídia, alavancada pelo sucesso do caixa único de contribuições.

IHU On-Line - Quais motivos fazem a IURD ser, também, um fenômeno empresarial?

Leonildo Silveira Campos - Tenho trabalhado com a hipótese de que Edir Macedo é um gênio empreendedor. Há especialistas nos estudos organizacionais, como Thomas Wood Jr., professor na Fundação Getúlio Vargas, que, em diálogo conosco, e que aparece em um de seus livros, chamou o Bispo Edir Macedo de “fundador de uma escola macediana de gestão”. Ele conseguiu, ao optar por um caixa único, em que os recursos estão à disposição de uma autoridade única, em um sistema episcopal e vertical de poder. Dessa maneira, Macedo criou um corpo administrativo capilar, uma rede de subordinados, que reúne bispos, pastores, obreiros e obreiras, que, a partir de templos espalhados por todo o Brasil e em dezenas de países, fazem fluir as contribuições em dinheiro diretamente para um único controle. Com isso, Macedo consegue o que nem a Rede Globo de Televisão consegue, que é investir recursos em seus empreendimentos que não custam um centavo sequer de juros, pois, não há financiamento. Os recursos do templo (arrecadados sem impostos) fluem

para os demais empreendimentos, especialmente, os investimentos na área de comunicação social. Somente um dos empreendimentos, cujas ações estão em nome de Macedo e de sua mulher, a Rede Record de Televisão, é avaliada em três bilhões de reais.

IHU On-Line - A que tipo de estratégias de marketing a IURD recorre? Qual é o seu sucesso nessa iniciativa?

Leonildo Silveira Campos - Aqui estamos, novamente, abordando um tema capaz de explicar parcialmente o sucesso da IURD na atração de adeptos nos últimos 30 anos. Podemos começar com a sua forma peculiar de fazer propaganda ou, como alguns preferem falar, fazer publicidade de seus “produtos religiosos”. Nas estratégias dessa Igreja/Empreendimento, sua ação é racionalmente calculada e planejada. Raramente Macedo agiu na história de sua Igreja por ensaio-erro. Gostem ou não seus inimigos, adversários ou concorrentes, Macedo parte de uma espécie de pesquisa de mercado. Sua organização tem um faro voltado para os anseios, sonhos e desejos de um público ávido por soluções práticas para seus problemas. Porém, Macedo superou a fase dos empreendedores religiosos que colocavam à disposição dos “consumidores” produtos simbólicos (curas, milagres, prodígios e soluções religiosas) já “fabricados”, empilhados em prateleiras cobertas de poeira da tradição. Muito pelo contrário, o Bispo carioca acompanha a evolução dos desejos, a trajetória dos sonhos, e rapidamente adapta a sua linha de produtos, ou produz novos produtos, para um rápido atendimento da demanda. Suas decisões são rápidas, e a um produto religioso “genérico”, ele produz uma nova roupagem, de modo que os fiéis oriundos do catolicismo, dos cultos africanos, kardecistas ou mesmo do meio protestante, sentem-se cativados e identificam nos “novos” antigos “produtos” que, em outros centros religiosos, não eram adequadamente distribuídos ou gerenciados.

Portanto, graças a uma maior sintonia entre produtor e consumidor, a demanda é satisfeita. A propaganda de sua Igreja se fundamenta na antiga fórmula:

“Trabalho com a suspeita de que a origem do preconceito contra a IURD se deve às disputas pelo controle dessa fábrica de mitos, de sonhos e de ilusões, e pelo controle do imaginário coletivo”

“o freguês sempre em primeiro lugar”. Em outras palavras, toda a autoridade é dada ao cliente e às suas exigências, e não mais ao que tradicionalmente as hierarquias e tradições religiosas ofertaram ao longo de dois mil anos de história do cristianismo. Sem dúvida, o fenômeno Igreja Universal do Reino de Deus seria impossível sem o surgimento do moderno mercado, do círculo de consumidores, do estabelecimento de uma perfeita ligação entre produtores e consumidores ao redor de uma linguagem exteriorizada pelos meios de comunicação de massa. Nessa Igreja, a velha fórmula catolicismo-protestantismo-pentecostalismo, de séculos de sucesso, é ultrapassada por um empreendimento dinâmico e, ao mesmo tempo, flexível, tal como o capitalismo liberal espera para os operadores no grande mercado dos bens religiosos.

IHU On-Line - Por que a mídia normalmente se refere com preconceito à IURD?

Leonildo Silveira Campos - É curioso que o movimento pentecostal, quando surgiu publicamente nos EUA, recebeu uma forte dose de críticas por parte dos jornais da época. Os fenômenos que aconteciam no velho templo da Rua Azuza, em Los Angeles, eram descritos com muita ironia, como se estivessem falando de velhas e ridículas práticas religiosas. Neste sentido, o pentecostalismo sempre foi notícia por parte da mídia sensacionalista. Por outro lado, o seu rápido crescimento entre a população negra, pobre e imigrante nos EUA, em oposição a outras religiões encasteladas nas camadas sociais mais altas, reforçou os mecanismos formadores de preconceitos antipentecostais. No Brasil, no entanto, o neopentecostalismo iurdiano, 12 anos depois de sua fundação no Rio de Janeiro, era descrito em órgãos da imprensa paulista como se fosse uma desconhecida seita carioca. Toda-

via, já no ano seguinte, após a compra da quase-falida Rede Record de Televisão, a IURD começa a afetar os interesses hegemônicos dos donos da mídia televisiva no país. Imaginemos o risco: um “fanático” (nem tanto assim) religioso, de posse do mais moderno modelador do imaginário coletivo brasileiro e fabricante de mitos - a televisão - com um notável apetite político. Além do mais, como ficou comprovado, um competidor com acesso a recursos gratuitos, quando seus concorrentes precisam pagar juros a bancos, mesmo que sejam subsidiados para o BNDE, por exemplo.

Trabalho com a suspeita de que a origem do preconceito contra a IURD se deve às disputas pelo controle dessa fábrica de mitos, de sonhos e de ilusões, e pelo controle do imaginário coletivo. Os riscos políticos, não somente do Rio de Janeiro, são enormes, especialmente quando a IURD, por meio de Edir Macedo, amplia suas conquistas na televisão, na Internet e na mídia impressa. Por outro lado, antigos agentes religiosos, em especial a Igreja Católica, é afetada diretamente pela concorrência da IURD. Talvez, somente o crescimento do Movimento de Renovação Carismática e a sua presença já significativa na mídia poderão afastar o risco do Brasil deixar de ser o maior País católico do mundo para ser o que já é, o maior país pentecostal do mundo.

LEIA MAIS...

>> Leonildo Silveira Campos já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line:

* *Mídia e religião no Brasil*, publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU, em 16-12-2009, e disponível em <http://migre.me/FE4w>

* *A Reforma. 500 anos depois de Calvino*, publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU, em 22-11-2009, e disponível em <http://migre.me/FHMG>

LEIA MAIS...

A IHU On-Line já produziu diversas outras edições sobre o tema das religiões. Elas estão disponíveis na nossa página eletrônica (www.ihu.unisinos.br):

* *Para onde vai a Igreja, hoje?* Edição 320, de 21-12-2009, disponível em <http://migre.me/EVpR>;

* *Calvino - 1509-1564*. Teólogo, reformador e humanista. Edição 316, publicada em 23-11-2009 e disponível no link <http://migre.me/EVqw>;

* *Sabedoria, mística e tradição: religiões chinesas, indianas e africanas*. Edição 309, de 28-9-2009, disponível no link <http://migre.me/EVqU>;

* *Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica. Possibilidades e impossibilidades*. Edição 308, de 14-09-2009 e disponível no link <http://migre.me/EVrr>;

* *Novas comunidades católicas: a busca de espaço*. Edição 307, de 8-9-2009, disponível no link <http://migre.me/EVrQ>;

* *As religiões da profecia: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo*. Edição número 302, de 03-08-2009, disponível em <http://migre.me/EVsq>;

* *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*. Edição 297, de 15-6-2009, disponível no endereço eletrônico <http://migre.me/EVsz>;

* *Paulo de Tarso: a sua relevância atual*. Edição número 286, de 22-12-2008, disponível no link <http://migre.me/EVtw>;

* *Lutero. Reformador da teologia, da Igreja e criador da língua alemã*. Edição número 280, de 3-11-2008 e disponível no link <http://migre.me/EVtW>;

* *Max Weber: A ética protestante e o espírito do capitalismo Cem anos depois*. Edição número 101, de 17-05-2004, disponível em <http://migre.me/EVuh>;

* *Jesus e o abraço universal*. Edição número 248, de 17-12-2007 e disponível no link <http://migre.me/EVv4>;

* *Projeto de Ética Mundial. Um debate*. Edição 240, publicada em 22-10-2007 e disponível no link <http://migre.me/EVvK>;

* *Os rumos da Igreja na América Latina a partir de Aparecida. Uma análise do Documento Final da V Conferência*. Edição 224, de 20-6-2007. Disponível no endereço eletrônico <http://migre.me/EVw9>;

* *Teologia da Libertação*. Edição 214, de 2-4-2007. Acesse no endereço eletrônico <http://migre.me/EVwC>;

* *Por que ainda ser cristão?* Edição número 209, de 18-12-2006 e disponível no link <http://migre.me/EVwZ>;

* *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*. Edição 175, de 10-4-2006. Acesse no link <http://migre.me/EVxA>;

* *Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? Gaudim ET Spes: 40 anos*. Edição 157, de 26-9-2005. Acesse a versão eletrônica no link <http://migre.me/EVyl>;

* *Delicadezas do Mistério. A mística hoje*. Edição número 133, de 26-3-2005. Disponível em <http://migre.me/EVyo>;

* *O cristianismo e a ultramodernidade. Limites e possibilidades do seu futuro*. Edição 128, de 20-12-2004. Disponível em <http://migre.me/EVzs>;

* *Deus e a humanidade: algo a ver? Karl Rahner 100 anos*. Edição 102, de 24-5-2004. Acesse no endereço <http://migre.me/EVzP>;

* *Ó Cristo, onde estás? Os caminhos da fé cristã na contemporaneidade*. Edição 88, de 15-12-2003. Acesse no link <http://migre.me/EVAe>



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU **ON-LINE**

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Brasil em Foco

Reestruturação geopolítica favorece países emergentes

Segundo Amir Khair, a crise das economias desenvolvidas está acelerando um novo arranjo geopolítico do capitalismo, o qual consiste no fortalecimento de países emergentes

POR PATRICIA FACHIN

Economias sólidas e desenvolvidas “consumiram, artificialmente, por meio do sistema financeiro, muito mais do que poderiam pagar”. Esse é, na avaliação do especialista em finanças públicas, Amir Khair, um dos motivos que tem levado países desenvolvidos a atravessarem crises financeiras. Na entrevista que segue, concedida, por telefone, à IHU On-Line, Khair diz que, a partir da crise da Grécia e da União Europeia, é possível que ocorra uma “continuação da depreciação do euro perante outras moedas”. Esse processo, assegura, pode se transformar numa vantagem para o bloco europeu no que se refere à exportação. “A moeda deles estando mais depreciada irá favorecê-los como players internacionais mais fortes para a colocação de seus produtos no mercado”.

Segundo ele, as crises financeiras estão acelerando o novo arranjo geopolítico, que consiste na reorganização do capitalismo. Nesta reestruturação, países emergentes ganham destaque, enquanto Europa, EUA e Japão perdem “capacidade competitiva no mercado internacional, fundamentalmente, pelo diferencial salarial que praticam em relação aos emergentes”. Khair destaca ainda que os países desenvolvidos chegaram “a um patamar de saturação do ponto de vista de crescimento, e os países emergentes se mostram mais competitivos e em maiores condições de expansão”. Por isso, segundo ele, a maneira que as economias desenvolvidas “terão para poderem competir em condições de maior vigor no comércio internacional será por meio da depreciação de suas moedas”.

Khair é mestre em Finanças Públicas pela Fundação Getúlio Vargas - FGV-SP. Foi secretário de Finanças da Prefeitura de São Paulo na gestão da prefeita Luiza Erundina (1989-1992). Atualmente, é consultor na área fiscal, orçamentária e tributária. Confira a entrevista.

IHU On-Line - A crise da Grécia e da UE estão relacionadas apenas ao déficit público e à dívida pública do Estado grego, ou elas também têm uma relação com o setor privado, com o déficit em conta-corrente e a dívida externa de outros países?

Amir Khair - Elas têm relação com ambos. Tudo isso confluíu para pôr em evidência os frágeis fundamentos macroeconômicos não apenas da Grécia, mas de vários outros países da Europa.

IHU On-Line - Há risco para um crash do euro? Quais os efeitos disso para a

economia global?

Amir Khair - Sim, há um risco, desde a extinção do euro, como também no sentido da depreciação do euro perante outras moedas. Assumindo essa segunda hipótese, a qual acho mais provável, há uma questão vantajosa para o bloco europeu como um todo no sentido da exportação. A moeda deles estando mais depreciada irá favorecê-los como players internacionais mais fortes para a colocação de seus produtos no mercado. Isso, no meu entender, vai na mesma direção do que está acontecendo também com EUA

e Japão, que são países que deverão continuar um processo de depreciação de suas moedas para fortalecer as suas posições exportadoras. Eles perderam capacidade competitiva no mercado internacional, fundamentalmente, pelo diferencial salarial que praticam em relação aos países emergentes, especialmente do leste da Ásia. Assim, a maneira que eles terão para poder competir em condições de maior vigor no comércio internacional será por meio da depreciação de suas moedas, caminho que eu vejo quase que inexorável e que será acelerado em decor-

rência dos trilhões de dólares emitidos para salvar seus sistemas financeiros.

IHU On-Line - É por isso que o senhor diz que a crise serviu para acelerar um novo arranjo geopolítico em construção nas últimas décadas? Em que consiste esse novo arranjo e quais países que fazem parte dessa nova reorganização?

Amir Khair - Há mais de 20 anos, vem ocorrendo, no mundo, uma alteração geopolítica. Esse processo consiste basicamente na lógica do próprio desenvolvimento do sistema capitalista, que terá uma fase nova no sentido de ser um capitalismo mais bem estruturado do que é hoje.

O sistema capitalista sofreu e, deverá ainda sofrer, períodos de crises de superprodução. Nestas condições, os países emergentes foram beneficiados, de uma forma mais geral, por processos no qual o capital, querendo se reproduzir com mais força e seguindo a sua lógica, foi em busca de mão-de-obra mais barata e de mercados com maior potencial de expansão. É de se observar que, há vários anos, o crescimento dos países emergentes como um todo é cerca de 3 a 4 vezes maior do que o dos países desenvolvidos. É como se os países desenvolvidos chegassem a um patamar de saturação do ponto de vista de crescimento, e os países emergentes se mostram mais competitivos e em maiores condições de expansão. Assim, o capital começou a se dirigir para países em desenvolvimento, criando empregos e massa de salários maiores, ampliando o consumo. Ao fazer isso, o capital atrai mais investimentos para esses locais. Esse processo terá continuidade e isso ocorrerá a ponto de, internacionalmente, se ter uma redução do diferencial de salários entre países desenvolvidos e emergentes. Nesse sentido, vejo a globalização como um instrumento positivo sob o aspecto comercial. Já sob a perspectiva da globalização financeira - que é a destruidora do sistema capitalista -, se não forem impostas regras rígidas, ela será o algoz do sistema capitalista.

IHU On-Line - A que atribui a fragilidade financeira, monetária e fiscal

“Não vejo como a Grécia possa pagar esse volume de dívidas que acumulou. Ela terá de desvalorizar fortemente essa dívida na semelhança do que fez a Argentina e, então, ela irá encontrar um novo caminho”

dos países desenvolvidos?

Amir Khair - Esses países consumiram, artificialmente, por meio do sistema financeiro, muito mais do que poderiam pagar. A questão é que o sistema financeiro ainda aposta neles e está disposto a emprestar dinheiro.

Os países se endividam tanto que, num determinado período, o próprio mercado financeiro começa a desconfiar da capacidade deles pagarem os seus compromissos. Ou seja, tanto EUA quanto Europa e Japão são países que consomem mais do que a sua própria capacidade de pagar. Com isso, eles foram criando déficits externos bastante pesados. O epicentro disso é os EUA. Só que a China, a Alemanha - que é uma exceção na Europa -, e os países produtores de petróleo, inclusive o Brasil, ajudaram a fechar o rombo externo americano da ordem de 5% a 8% do PIB, que ainda são considerados os de maior segurança do mundo. Isso está retardando a verdadeira crise americana que ainda poderá vir.

Em algum momento, os países perceberão que esses títulos não têm essa segurança; que títulos de outros países são mais seguros porque têm condições macroeconômicas melhor assentadas. Isso tende a se deslocar, primeiramente, para a China, que é um país que tem estruturas macroeconômicas mais sólidas, porém com riscos muito grandes porque o país ainda oferece pouca segurança institucional, além de ter

uma proteção social baixíssima.

Nessas condições, vejo que esse deslocamento tende a continuar do ponto de vista comercial, porém, do ponto de vista financeiro, essa questão de “quebrar o galho” do excesso de consumo sob a capacidade de pagamento tem limites. A falta de solução para esse problema só irá acelerar essa mudança geopolítica.

IHU On-Line - O senhor também analisa o processo da crise econômica, financeira e social dos países desenvolvidos por meio do esgotamento do modelo de desenvolvimento experimentado desde o início da revolução industrial. Como isso contribuiu para a crise econômica?

Amir Khair - A base disso é a crise periódica que vive o sistema capitalista de excesso de produção. Essas crises, se não forem analisadas no devido termo, acabam por mostrar a fragilidade do sistema de concentração de renda. Não creio que possa ter um sistema harmonioso no mundo, no qual haja uma desigualdade de renda em termos internacionais tão elevada quanto a existente hoje. Então, quando houver um sistema de distribuição de renda melhor posicionado e não tiver tanta convivência entre grandes fortunas e grandes misérias, aí, sim, se terá condições sociais de maior justiça social dentro do sistema mundial, e condições de ter um novo sistema que supere o capitalismo. Esse novo sistema seria uma presença mais forte de regras internacionais e nacionais, como, por exemplo, regras de fortalecimento do processo de valorização da pessoa humana, dos seus direitos perante a comunidade. Essa questão está muito longe de ser estabelecida, mas é inexorável que se caminhe nesse sentido. Quem sabe, serão colocadas regras bastante fortes ao controle das empresas com posição oposta ao *laissez-faire*, que foi permitido no sentido de a empresa e o mercado serem os deuses, e o Estado, o demônio.

Embora se fale nos países democráticos como Estados democráticos, esses não o são de verdade porque pensar em Estado democrático é pensar Estado de bem-estar global para a população, em mídia democrática, por

exemplo. Nesse ponto, a Internet terá um papel decisivo na questão democrática. E, então, haverá um sistema mais voltado para o homem e menos voltado para a diferenciação de homens e, portanto, para a primazia do capital sob o trabalho.

IHU On-Line - De que maneira as crises financeiras geram crises sociais?

Amir Khair - As crises financeiras sempre acabam sendo pagas pela população. Veja o exemplo da Grécia. Acumulou-se dentro do país um processo de grandes perdas do ponto de vista das suas transações correntes e da situação fiscal do país. Para resolver seu problema, a Grécia teria de pagar uma soma absurda de recursos que foram se acumulando, a qual ela não tem condições de pagar. Então, está se empurrando o problema para frente. Isso já está sendo percebido pelo mercado. Há essa euforia no sentido de que finalmente o Banco Central Europeu, o FMI e os líderes europeus se deram conta de que o processo grego poderia contaminar o conjunto da Europa e, quem sabe, o resto do mundo e, aí, resolveram fazer um pacote para auxiliar o país.

O adversário da “solução” financeira para a Grécia é o povo grego. Se for feita uma restrição tão forte quanto à colocada ao povo, irá ocorrer uma rebelião social lá, sem sombras de dúvida. Algumas demonstrações já ocorreram. Esse mesmo processo só pode ser solucionado com a moratória. Eles usam uma expressão diferente para mostrar que não é uma moratória, mas seria uma readequação da dívida. Não vejo como a Grécia possa pagar esse volume de dívidas que acumulou. Ela terá de desvalorizar fortemente essa dívida na semelhança do que fez a Argentina e, então, ela irá encontrar um novo caminho, o qual terá de se adaptar a gastar aquilo que o povo realmente tem como recursos e não exacerbar esses gastos que beneficiaram economias, em especial a alemã, exportando para a Grécia.

IHU On-Line - Então a União Europeia não deve ajudar a Grécia e outros candidatos à falência?

Amir Khair - Os que querem “ajudar”

os candidatos à falência devem encarar com realismo o fato de que se esses países tiverem de se submeter a regimes de pagamentos que inviabilizem social e politicamente seu país, eles não o farão.

IHU On-Line - O euro pode ser a moeda comum de tantos países, tão diferentes? Quais as vantagens e desvantagens de unificar a moeda num continente?

Amir Khair - A vantagem seria de ter um comércio fluído entre o bloco euro, que daria uma preferência nas transações comerciais de todos os países. Então, se teria condições de privilégios do ponto de vista de colocação de seus produtos em relação a produtos de fora dessa área. A desvantagem é que, ao unificar a moeda, cada país cede a sua capacidade de fazer políticas cambiais diferenciadas. Então, eles ficam sem condições de poder usar um elemento macroeconômico importante, que é a política cambial, no sentido de adaptar-se a essa grande concorrência internacional, criada pela globalização, e às assimetrias econômicas existentes entre os países da zona do euro. A restrição ao uso de política cambial é a questão crucial. A China, por exemplo, faz uma política cambial que é criticada pelos EUA, a qual consiste na depreciação sistemática da sua moeda, acompanhando a depreciação do dólar. Outros países reclamam disso porque perdem seu poder competitivo do ponto de vista internacional.

Mas penso que um país, para ter solidez macroeconômica efetiva, precisa se basear não no mercado internacional como prioridade número um, mas no desenvolvimento do seu próprio mercado doméstico, que me parece o grande movimento que está dominando os países emergentes.

IHU On-Line - É possível sair da crise sem mudar a política do euro?

Amir Khair - Penso que sim, desde que haja a desvalorização da moeda. Isso poderá criar condições para que esses países exportem mais e importem menos porque eles não têm capacidade para pagar a conta da sua dívida, que deverá sofrer forte redução à seme-

lhança do que fez a Argentina. Assim, aos poucos, eles poderão se adaptar a uma realidade nova, mais compatível com o equilíbrio macroeconômico.

IHU On-Line - Deseja acrescentar alguma coisa?

Amir Khair - Podemos tirar, dessa crise, um exemplo para a própria economia brasileira. Sem me estender muito, diria que há um diagnóstico, para mim totalmente equivocado, mas majoritário entre os economistas, de que no Brasil não pode crescer muito porque isso pode gerar inflação e um desequilíbrio nas contas externas. Eles pregam que o Banco Central pratique taxas de juros cada vez maiores para conter esse crescimento econômico que consideram elevado.

Meu ponto de vista é oposto e espero que o próximo governo pratique uma política mais inteligente do que essa que está colocada por estas análises. A chave de sucesso de um país, sob o aspecto fiscal, social, econômico e das contas externas, está no crescimento econômico forte, com redistribuição de renda. Esse crescimento se faz pelo estímulo ao consumo das camadas da população de menor renda. É exatamente o que fez o presidente Lula, ou seja, há uma diferença fundamental de política econômica entre o governo dele e dos anteriores: fazer a economia crescer com base no estímulo à base da pirâmide social. Isso se traduz em programas de valorização do salário mínimo, programas como Bolsa Família e a criação do crédito consignado. Esses programas ampliaram a classe média no Brasil, que tende a continuar crescendo se for mantida essa política de redistribuição de renda pelo Estado. Com isso, o país tem condições não apenas resolver seu problema fiscal, mas baixar esses juros malucos que o país tem há mais de uma década. Nessas condições, o Brasil irá surfar na onda de crescimento mundial e, de uma forma muito mais sólida, com muito mais força do Estado, como grande agente propagador desse crescimento, pela sua função redistributiva de renda que compete exclusivamente a ele, e não ao setor privado.

Entrevista da Semana

O “Bem” está mal acompanhado

As pessoas se valem do conceito “Bem” para justificar atos de ignomínia. A partir disso, diz o filósofo Vladimir Safatle, constatamos que o “Bem” anda muito mal acompanhado. Além disso, não é necessário valores como “Bem” e “Mal” para fundar uma filosofia moral, aponta

POR MÁRCIA JUNGES

Categoria teológica “vaga, imprecisa, completamente maleável a partir dos interesses do momento”, o Mal está ligado ao prazer de fazer sofrer, e revela a tendência à destruição que existe em todo o sujeito. A constatação é do filósofo Vladimir Safatle, na entrevista concedida, com exclusividade, por e-mail, à **IHU On-Line**. Podemos sublimar essa tendência, o que nos dá pistas para compreender “porque todo processo de criação está sempre envolto em dinâmicas de destruição. É interessante perceber que aquilo que estigmatizamos como o ‘Mal’ é, no fundo, a base dos processos criativos que admiramos”. Na opinião de Safatle, não tem sentido falarmos em Bem e Mal em nossos dias, já que há uma profusão de pessoas “que usam a defesa do Bem para justificar tortura, ‘guerras justas’, estigmatização da diferença e intolerância. Com defensores desta natureza, o mínimo que se pode dizer é que o Bem está mal acompanhado”. Não há necessidade de valores como “Bem” e “Mal” para fundar uma filosofia moral, continua, “até porque estamos longe de ter um acordo a respeito do que ‘Bem’ pode significar”. Safatle menciona os ensinamentos do apóstolo Paulo como importantes para compreensão que o Mal não é um valor supremo, mas adverte: “Não deixa de ser interessante observar que aqueles que mais repetem a centralidade dos valores cristãos são os menos dispostos a realmente levá-los a sério”.

Graduado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) e em Comunicação Social, pela Escola Superior de Propaganda e Marketing, Vladimir Safatle é mestre em Filosofia pela USP, e doutor em *Lieux et transformations de la philosophie* pela Université de Paris VIII, com a tese *La passion du négatif: modes de subjectivation et dialectique dans la clinique lacanienne*. Professor da USP, atualmente desenvolve pesquisas nas áreas de epistemologia da psicanálise, desdobramentos da tradição dialética hegeliana na Filosofia do século XX e Filosofia da Música. É um dos coordenadores da International Society of Psychoanalysis and Philosophy. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Filosoficamente, como o Mal pode ser explicado?

Vladimir Safatle - Não creio que o Mal seja uma categoria filosófica, mas meramente uma categoria teológica. Ou seja, do ponto de vista filosófico, não creio que precisamos operar com uma categoria como o “Mal”. Ela é vaga, imprecisa, completamente maleável a partir dos interesses do momento. Mesmo como categoria moral, ela é inútil, já que obscurece a compreensão das

dinâmicas psicológicas em operação na constituição da vontade e da ação.

IHU On-Line - Por que o senhor humano se compraz em praticar o Mal? Há em nós uma tendência irresistível a ele?

Vladimir Safatle - Se você partir da ideia de que o Mal está profundamente vinculado ao prazer de fazer sofrer, então é possível termos um pouco mais de clareza nesta discussão. Talvez fosse o caso de levar em conta a ideia de que

há, em todo sujeito, uma tendência à destruição. Este sim é o problema que nos atormenta, já que sabemos que ele está presente em todos nós. Podemos fazer três coisas com tal tendência:

- permitir que ela se desenvolva como tendência de autodestruição;
- deslocar tal tendência para um objeto exterior ou;
- sublimá-la.

A terceira hipótese talvez nos explique porque todo processo de criação

está sempre envolto em dinâmicas de destruição. Não deixa de ser interessante perceber que aquilo que estigmatizamos como o “Mal” é, no fundo, a base dos processos criativos que admiramos.

De toda forma, uma sublimação completa nunca é possível. Por isto, precisamos sempre compor com uma certa dose de masoquismo e sadismo. Estas operações estão longe de serem simples e estáveis. Em certos momentos da vida, precisamos recompô-las, sempre com o risco de tudo dar errado. Mas talvez precisamos aprender a viver com tal instabilidade. Se admitíssemos de maneira mais concreta nossa falibilidade, saberíamos lidar melhor com tal instabilidade.

IHU On-Line - Numa época tão niilista quanto a nossa e, portanto, relativista, qual é o sentido de falarmos em Bem e Mal?

Vladimir Safatle - Nenhum. Por sinal, o que mais temos hoje são pessoas que usam a defesa do Bem para justificar tortura, “guerras justas”, estigmatização da diferença e intolerância. Com defensores desta natureza, o mínimo que se pode dizer é que o Bem está mal acompanhado. De toda forma, não é a primeira vez que isto ocorre.

Aproveito para dizer que não precisamos de valores como “Bem” e “Mal” para fundar uma filosofia moral, até porque estamos longe de ter um acordo a respeito do que “Bem” pode significar. Talvez precisamos de uma filosofia moral fundada na noção de “conservação das condições de conflitos sobre valores”. Ela precisaria ser também uma moral das consequências onde a exigência de se reconhecer no sofrimento do outro seria seu princípio central.

IHU On-Line - O Mal ganha requintes de exacerbação com o ressentimento, que se converte em vingança. Como analisa a tríade vingança-perdão-memória em nossa sociedade? Somos cada vez mais vingativos e não conseguimos perdoar?

Vladimir Safatle - Só é possível perdoar aquele que reconhece o crime que fez. No entanto, vivemos em uma sociedade onde crimes sequer são nomeados como tal. O exemplo da questão

da tortura no regime militar é extremamente ilustrativo. Do ponto de vista jurídico, sequer houve crime, já que não houve nenhum processo onde agentes do Estado tiveram de declarar terem cometido atos de tortura (o único caso é o coronel Ustra¹, ainda em julgamento). Tudo o que posso dizer é: se não há crime, então nunca haverá perdão.

IHU On-Line - Acredita que existe perdão, num sentido de reconciliação nacional, ou o que acontece apenas é um esfriamento, um distanciamento dos fatos?

Vladimir Safatle - Esta é uma boa questão. Sociedades nunca são uma unidade. Elas são sempre divididas a respeito do que queremos, do sentido da história. Por exemplo, os debates em torno da Lei de Anistia demonstraram que não há uma História do Brasil. Há pelo menos duas, absolutamente antagônicas. No entanto, uma certa reconciliação ocorre quando encontramos, para além destes antagonismos, um solo comum de recusa. Algo como: isto todos nós nunca aceitaremos. Duro é descobrir que nem este solo comum nós temos. Por exemplo, para mim sempre foi claro que John Locke² tinha razão. Quando um Estado se torna ilegal, quando se torna uma tirania, toda ação contra ele é uma ação legal. Mas, no Brasil, há pessoas que conseguem estar aquém até mesmo de uma concepção liberal de democracia e de direito à resistência.

IHU On-Line - Qual é a importância do Cristianismo para a compreensão de que o Mal não é um valor supremo, que não triunfa sobre o Bem?

Vladimir Safatle - Talvez o melhor legado do cristianismo seja a afirmação do apóstolo Paulo³, segundo a qual, no

1 Carlos Alberto Brilhante Ustra: coronel reformado do Exército Brasileiro e o primeiro oficial a ser declarado torturador em uma sentença judicial. Comandou o DOI-Codi de São Paulo de setembro de 1970 a janeiro de 1974, órgão que perseguiu opositores do regime militar brasileiro a partir de 1964, após um golpe de estado. (Nota da IHU On-Line)

2 John Locke (1632-1704): filósofo inglês, predecessor do Iluminismo, que tinha como noção de governo o consentimento dos governados diante da autoridade constituída, e, o respeito ao direito natural do homem, de vida, liberdade e propriedade. Com David Hume e George Berkeley era considerado empirista. (Nota da IHU On-Line)

3 Paulo de Tarso (3 - 66 d. C.): nascido em Tarso, na Cilícia, hoje Turquia, era originariamente

final dos tempos, o Anticristo virá falando como os cristãos, repetindo a todo o momento “Senhor”, “Senhor”, mas ele poderá ser identificado por seus atos. Não deixa de ser interessante observar que aqueles que mais repetem a centralidade dos valores cristãos são os menos dispostos a realmente levá-los a sério.

IHU On-Line - Como é possível diferenciar o dever de mantermos a memória de uma simples vitimização?

Vladimir Safatle - A vitimização dá ao outro a condição de mera vítima que deve ser objeto de cuidados terapêuticos, feitos por um poder que deve ser reconhecido como tal. Ela é o bloqueio de toda transformação do sujeito em sujeito político. O sofrimento da vítima é particular. No entanto, o dever da memória demonstrar como o sofrimento deste particular é, no fundo, uma injustiça feita contra toda sociedade, ele é um sofrimento social, mola de transformações políticas.

LEIA MAIS...

Vladimir Safatle já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Confira:

- *Totalitarismo: uma reflexão político-social e libidinal*. Revista IHU On-Line, número 265, de 21-07-2008, disponível para download em <http://migre.me/Etg2>
- *Racionalidade cínica, raiz da anomia social*. Revista IHU On-Line, número 282, de 17-11-2008, disponível para download em <http://migre.me/Etjl>

chamado de Saulo. Entretanto, é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. É considerado por muitos cristãos como o mais importante discípulo de Jesus e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. Paulo de Tarso é um apóstolo diferente dos demais. Primeiro porque ao contrário dos outros, Paulo não conheceu Jesus pessoalmente. Era um homem culto, frequentou uma escola em Jerusalém, fez carreira no Tempo (era fariseu), onde foi sacerdote. Educado em duas culturas (grega e judaica), Paulo fez muito pela difusão do Cristianismo entre os gentios e é considerado uma das principais fontes da doutrina da Igreja. As suas Epístolas formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que ele foi quem verdadeiramente transformou o cristianismo numa nova religião, e não mais numa seita do Judaísmo. Sobre Paulo de Tarso a IHU On-Line 175, de 10-04-2006, dedicou o tema de capa **Paulo de Tarso e a contemporaneidade**. A versão encontra-se disponível para download no sítio do IHU, <http://migre.me/FCOK>, de 22-12-2008, é intitulada *Paulo de Tarso: a sua relevância atual*, disponível em <http://migre.me/FC10>. (Nota da IHU On-Line)

Livro da Semana

VATTIMO, Gianni. *Addio alla verità* (Coleção Le melusine, volume 42. Roma: Meltemi, 2009, 143 p.)

Recebemos e publicamos, a seguir, a resenha do livro de Gianni Vattimo, *Addio alla verità*, escrita por Omar Lucas Perroux Fortes de Sales, doutorando em Teologia pela FAJE. No artigo, ele defende que esta obra representa o esforço de exprimir a situação paradoxal na qual se encontra nossa cultura atual. “De um lado, instituições (sobretudo a Igreja Católica) saudosistas do passado regido por uma verdade única e objetiva; de outro, a crescente constatação de que o sujeito pós-moderno não admite a existência da verdade absoluta”.

Omar Fortes de Sales possui graduação em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora e mestrado em Teologia Moral pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Atualmente, faz doutorado em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Confira o artigo.

Esta obra representa, nas palavras do A., o esforço de exprimir a situação paradoxal na qual se encontra nossa cultura atual. De um lado, instituições (sobretudo a Igreja Católica) saudosistas do passado regido por uma verdade única e objetiva; de outro, a crescente constatação de que o sujeito pós-moderno não admite a existência da verdade absoluta. A clássica concepção grega da existência da verdade única e objetiva se apresenta cada vez mais distante e inviável. Tal concepção constitui justificativa política de totalitarismos. Em face do cenário cada vez mais pluralista da pós-modernidade, urge conceber a verdade como possibilidade e abertura ao novo na história. Os chamados mestres da suspeita já nos remetiam a essa questão, ao dirigirem críticas à pretensão da verdade absoluta. A crise da verdade na metafísica se desenvolve em conexão com a queda das condições políticas de um pensamento universal. O ser revelado de uma vez por todas impede a possibilidade de abertura e de liberdade na história. Por isso, a metafísica deve ser superada.

O A. reflete acerca do que acredita compor o grande desafio para a proposição da verdade no mundo pós-moderno: a construção de um consenso reconhecido

por todos em relação às escolhas singulares. A verdade não reside no império metafísico do uno e do imutável, mas na trama das subjetividades e liberdades a configurar o mutante cenário da história. A realidade se apresenta como um jogo de interpretações em conflito. Estabelecer o diálogo e acordar a partir dos opostos conflitantes desenha o caminho pelo qual podemos pensar a verdade hoje. Não se trata, segundo o A., de apologia à fragmentação da verdade ou exaltação do relativismo. Trata-se, porém, do reconhecimento das possibilidades de discussão e afirmação de escolhas a partir do diálogo de interpretações da coletividade da cultura, da ciência e da comunidade que, se pautadas pela caridade, promoverão vida para a sociedade.

O A. fundamenta e amplia sua reflexão ao advogar que repensar a noção de verdade só foi possível a partir do pensamento de Nietzsche¹ e Hei-

¹ Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número

degger². Ambos criticaram a verdade

127 da IHU On-Line, de 13-12-2004, intitulado Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo, disponível para download em <http://migre.me/s7BB>. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela IHU On-Line edição 175, de 10-04-2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada “Nietzsche e Paulo”, disponível para download em <http://migre.me/s7BH>. A edição 15 dos Cadernos IHU em formação é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://migre.me/s7BU>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em <http://migre.me/FC8R>, intitulada *O biologicismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologicismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. (Nota da IHU On-Line)

² Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a IHU On-Line publicou na edição 139, de 2-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*, disponível para download em <http://migre.me/uNtf>. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível para download em <http://migre.me/uNtv>, e 187, de 3-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtC>. Confira, ainda, o nº 12 do Cadernos IHU em formação intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da*

como objetividade. Com Nietzsche tem lugar a proposição da verdade como subjetividade e abertura, e não simplesmente como objetividade absoluta. Heidegger desfere grande crítica à metafísica.

Nessa perspectiva, devemos compreender a realidade, situando-nos para além do mito da existência da verdade objetiva. Não possuímos verdades absolutas, mas interpretações da realidade. Ou seja, possuímos atitudes interessadas de aproximação do mundo. O próprio Cristo se apresenta como intérprete de uma tradição precedente.

Na convicção de posse da verdade reside o perigo dos autoritarismos que se impõem e justificam-se, pautados numa ordem desde sempre já dada, a “lei da natureza”, ou ainda, a essência do homem. Politicamente verdades são inventadas para sustentar a validade de guerras. As normas da Igreja Católica, para o A., têm como fundamento uma lei natural dada por Deus mesmo na criação: daí, a condenação do aborto, do divórcio, das uniões homossexuais etc. A Igreja utiliza tal discurso proibitório e coercitivo em nome da lei natural e da tradição. Nesse discurso, a Igreja se apoia também para dificultar o avanço de pesquisas no campo da biotecnologia. O papa, ao visitar a África e se posicionar contra o uso de preservativos, demonstra a atitude da hierarquia da Igreja a preferir ao Deus da ordem natural em detrimento à mensagem de Jesus, questionadora e subversiva dessa mesma ordem.

A segunda parte da obra ocupa-se da reflexão acerca do futuro da religião. O cristianismo não representa mais “a” religião do Ocidente. Há de se compreender, portanto, não como o grande arauto anunciador da verdade, mas como portador de uma mensagem de salvação cujo conteúdo é já interpretação e, no horizonte atual, uma interpretação dentre outras. No mundo globali-

metafísica, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtL>. Confirma, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em <http://migre.me/FC8R>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. (Nota da IHU On-Line)

“Em relação ao futuro, dupla tarefa interpela o cristianismo em marcha, a necessidade do empenho em abandonar o fundamentalismo e a missão de tornar-se uma religião não da verdade, mas da pura caridade”

zado em que vivemos, torna-se cada vez mais inverossímil conceber a salvação monopólio de uma única fé religiosa. A vocação do cristianismo hoje consiste em promover a dissolução dos dogmas e autoritarismos a favor da escuta de todos. Escuta que há de ser guiada pela caridade. A teologia, por sua vez, também atravessa momento paradoxal. Os meios de comunicação em massa dão visibilidade aos temas teológicos cada vez mais em contato com a discussão pública. Entretanto, a reflexão teológica como tal aparece cada vez mais pobre de obras e novidades relevantes. Diante dessas questões, diminui o interesse pelos dogmas e os conteúdos tradicionalmente centrais da doutrina da Igreja.

O problema do poder na Igreja apresenta-se como um fator de entrave ao progresso social e à constituição de um mundo mais justo. Constitui algo sempre mais intolerável o fato de uma autoridade terrena comandar e proibir em nome de uma divindade. Soma-se a esse fato o crescente número de fiéis escandalizados com o posicionamento público da Igreja Católica em termos de prescrições éticas. A mensagem moral da Igreja não comunica ao sujeito pós-moderno, soa-lhe carente de fundamentos plausíveis, razoabilidade e testemunho. De modo geral, as pessoas não questionam o dogma do Deus Trindade, nem tampouco o da encarnação. Por outro lado, divergem e ou ignoram o conteúdo da mensagem moral da Igreja.

Apesar de o pensamento cristão em-

penhar-se em ler os sinais dos tempos e dialogar com a modernidade, ainda a vê fundamentalmente como inimiga. Haja vista a constante insistência do papa sobre o perigo do relativismo. Para o A., a verdade da fé poderá salvar-se, reduzindo o peso da autoridade central e dos dogmas. O problema crucial da Igreja circula em torno do poder exercido, desejado ou imposto pela hierarquia.

O A. retoma a ideia já desenvolvida em sua obra “La fine della modernità”³: o niilismo como oportunidade e nossa única chance. Atesta que Nietzsche já havia proposto uma análise da cultura ocidental sob o cunho niilista. O niilismo deve ser visto não apenas como a dissolução dos princípios e valores, mas também como niilismo ativo, a chance de iniciar uma história diferente. Chance associada ao cristianismo na cultura ocidental. Aqui reside, a nosso ver, a grande provocação da obra do autor: que o niilismo seja a ocular interpretativa positiva da realidade política, cultural e cristã. Em outros termos, o niilismo compreendido como versão pós-moderna do cristianismo a salvá-lo da dissolução de suas pretensões absolutas ou do fim violento em guerras religiosas. O niilismo é cristianismo na medida em que Cristo veio ao mundo não para assegurar a ordem natural, mas para destruí-la em nome da caridade. O Deus que pode nos salvar, para o A., não é uma entidade metafísica, mas um Deus quenótico, o Deus que se faz ‘debole’ (fraco) e assume a história. A quênosis divina confere ao cristianismo a vocação relativista. Acreditar em um Deus quenótico, relativista, implica reconhecer o relativismo como qualidade própria do cristianismo, com a qual paradoxalmente a hierarquia não se cansa de debater. Para o A., o próprio relativismo se difunde na cultura ocidental pelas veias da Igreja. Ressoa através dos tempos o ensinamento subversivo de Jesus, relativizador da realidade: o sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado.

Em relação ao futuro, dupla tarefa interpela o cristianismo em marcha, a

3 VATTIMO, Gianni. *La fine della modernità*. 2.ed. Roma: Garzanti, 1998. Em português: *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna* (São Paulo: Martins Fontes, 1996) (Nota do autor)

“A obra apresenta intuições questionadoras e oportunas para o leitor interessado em se confrontar com a problemática da verdade em face do niilismo contemporâneo e da cultura ocidental”

necessidade do empenho em abandonar o fundamentalismo e a missão de tornar-se uma religião não da verdade, mas da pura caridade.

Por fim, o A. estabelece uma crítica à filosofia em dupla constatação, à luz da experiência das guerras. De um lado, o descrédito atribuído ao poder emancipatório da filosofia, da capacidade de produzir efeitos práticos sobre a vida da humanidade. De outro, a renúncia da filosofia à sua responsabilidade histórica e política. As últimas guerras revelam a ausência do pensar filosófico, das armas da crítica comprometida com as circunstâncias concretas à sua volta. Na perspectiva ética, a crise reside no choque com o niilismo, o qual remete o agir moral à carência de imperativos unívocos e ao persistente esforço pela busca de fundamentos últimos. A filosofia deve recuperar sua capacidade de, pela reflexão, antecipar os acontecimentos e profeticamente estabelecer críticas às ideologias.

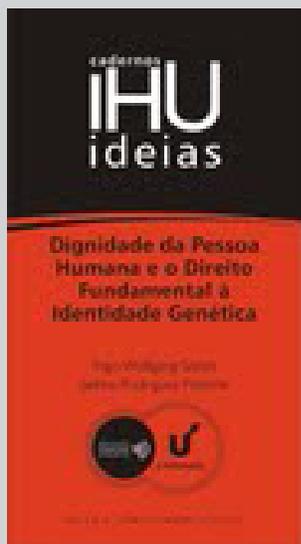
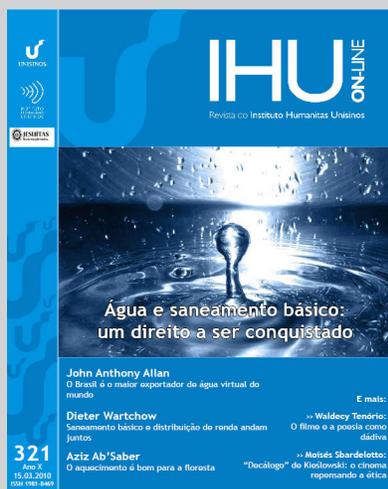
A obra apresenta intuições questionadoras e oportunas para o leitor interessado em se confrontar com a problemática da verdade em face do niilismo contemporâneo e da cultura ocidental. As relevantes críticas direcionadas ao cristianismo evocam os estudiosos comprometidos com a fé cristã a repensarem a relação Igreja instituição versus poder, e a analisar não apenas os desafios, mas sobretudo as possibilidades que se descortinam no horizonte do inegável relativismo.

SIGA O TWITTER DO IHU



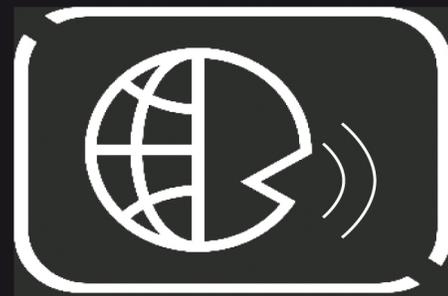
http://twitter.com/_ihu

CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA

WWW.IHU.UNISINOS.BR



O jornalismo econômico como porta-voz do capital financeiro

POR BRUNO LIMA ROCHA*

Reconheço não ser algo novo quando um pesquisador faz a crítica da cobertura midiática supostamente especializada da economia. Reconheço que o tema é algo redundante e justo por isso vejo sua importância. Tampouco se trata de novidade o uso de eufemismos e do emprego do jargão “técnico” como forma de mascaramento de situações factuais dos agentes econômicos. Em se tratando de grandes investidores de base especulativa, comprando, vendendo e repassando produtos financeiros, muitas das vezes aquilo que é midiaticizado encobre a ocorrência de atos criminosos. Neste texto, abordamos esse cruzamento, quando a produção de sentido gerada através do noticiário de economia, naturaliza, mascara ou alivia a letalidade dos atos premeditados de especuladores de distintas ordens de grandeza e os efeitos que causam no cotidiano de populações inteiras, tal é o caso hoje dos mais de 10 milhões de cidadãos gregos. Na atualidade, a luta entre os efeitos desse mascaramento com cumplicidade da indústria das mídias e a perspectiva do povo em movimento tem seu campo de batalha nas ruas e praças da Grécia.

A hipótese que aqui levanto é simples. Afirmo que a maior parte da cobertura jornalística em economia

oficia mais como porta-voz do capital financeiro e não como intérprete de seu acionar. E, por optar pela angulação da cumplicidade, os especialistas, colunistas e fontes da indústria da comunicação quase nunca narram o “jogo” como um cassino de roleta viciada. A contrapartida é desigual. Por vezes, a teoria da brecha jornalística se evidencia nas exceções. É quando especialistas que trabalham através da angulação crítica expõem seus pontos de vista, denunciando, através de uma base factual irrefutável, a selvageria criminosa dos agentes econômico-financeiros.

Em tese, o ato de especular deriva das informações fragmentadas e no risco. Desse modo, um gerente de operações de um Fundo de Investimento (*hedge fund*) teria a capacidade de antecipação, vendendo títulos e ações na alta e comprando-os na baixa. Nesse jogo, a aleatoriedade é a regra para evitar as fraudes. Logo, o acionar fraudulento é a combinação de vendas e compras em conjunto, manipulando o chamado comportamento de manada, quando em tese todos os investidores se moveriam na mesma direção. Além da conspiração, são formas típicas de burlar as regras: obter informação privilegiada (*inside information*), antecipando-se aos de-

* Doutor e mestre em ciência política pela UFRGS, jornalista graduado na UFRJ, docente de graduação, professor participante das cadeiras de economia política da comunicação do PPG-Com, pesquisador 1 vinculado ao Grupo Cepos da Unisinos. É editor-autor do portal Estratégia & Análise (www.estrategieanalise.com.br). Email: blimarrocha@gmail.com

mais especuladores; “maquiar” balanços de modo a elevar a apreciação dos papéis; rebaixar propositadamente os títulos de um país de maneira que custe mais caro para o Estado financiar sua dívida de curto prazo; negociar de forma “exposta” quando a capacidade de pagamentos está comprometida a ponto de não realizar-se. Todas estas “técnicas” de enriquecimento ilícito, embora usuais, são amplamente praticadas e, por sua vez, quase nada midiáticas.

Para quem não se recorda, a primeira crise do Euro tem sua origem no acionar fraudulento das vendas e revendas, em escala mundial, dos ativos tóxicos ou *sub-primes*. Estes “produtos” financeiros nada mais são do que carteiras de hipotecas cujos titulares estão inadimplentes e não poderiam pagar. As duplicatas destas carteiras sem lastro, empacotadas como “produtos de risco”, foram (e são) comercializadas mundialmente, e quase sem nenhum controle. Ora, se na base não há lastro, logo não há dinheiro para remunerar. Isso é classicamente conhecido como Esquema Ponzi, e também chamado nos termos contemporâneos de pirâmide ou corrente. A hipótese de ato criminoso, levando ao “estouro” da bolha imobiliária que levava à crise do capitalismo em geral, da economia estadunidense primeiro e, hoje, da Zona do Euro, não é apenas minha. Dezenas de especialistas difundiram essa angulação, o que poderia haver rendido centenas de reportagens in-

“É a própria indústria da mídia que amortece a possível ira popular diante da ação cúmplice, entre mandantes de governos em função-chave e criminosos de colarinho branco, operando com a especulação fraudulenta”

vestigativas. Estes seriam textos de primazia exemplar como as matérias clássicas de Bob Woodward e Carl Bernstein na cobertura do escândalo do edifício Watergate. Os dois repórteres, munidos do dever de investigadores públicos e empurrados pela coragem de suas chefias diretas, denunciaram um esquema também criminoso, o que levava à renúncia de um presidente dos Estados Uni-

dos, o republicano Richard Nixon em 8 de agosto de 1974. Infelizmente, este caso é uma exceção honrosa e heróica, e não a regra de comportamento da indústria da comunicação e de seus trabalhadores.

Ao contrário de exagerar, também aqui estou empregando eufemismos para atenuar a contundência verbal do texto. Qualquer operador ou analista sabe que, quando há informação perfeita, não pode haver equívoco no erro, e sim premeditação. Esta tese é corroborada pelo francês Jean-François Gayraud, comissário divisional para crimes financeiros (equivalente ao posto de coronel) da Direction de La Surveillance Du Territoire (DST), a agência de contra-espionagem da França. Gayraud sustenta que a “crise” da bolha estadunidense foi um ato criminoso de empresas especuladoras. Seus enunciados foram publicados na contracapa da edição de 25 de setembro de 2008 do jornal La Vanguardia, da Catalunha.

Assim, a possível fonte explicativa para investigar e denunciar mundialmente o crime da maior transferência de renda coletiva para cofres privados foi enunciado num conglomerado midiático e, logo após, posto ao léu, no limbo das pautas inconclusas. É a própria indústria da mídia que amortece a possível ira popular diante da ação cúmplice, entre mandantes de governos em função-chave e criminosos de colarinho branco, operando com a especulação fraudulenta.

PPGCC UNISINOS

Especialização · Mestrado · Doutorado

Fone: (51) 3591.11.22
Ramal 1356

Para a Compreensão da Economia Política da Teledramaturgia



NÚCLEO DE ANÁLISE DA
TELEDRAMATURGIA

www.grupocepos.net/nat

Contatos:

nat@grupocepos.net

Val.bri@terra.com.br

Kalikoske@hotmail.com

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 11-5-2010 a 14-5-2010.



As classes médias do Brasil

Entrevista com Amaury de Souza

Confira nas Notícias do Dia de 11-05-2010

Disponível no link <http://migre.me/EOH7>

Quem faz parte da classe média brasileira? Para Souza, existem duas classes médias no país: uma mais tradicional e outra emergente. As mudanças ocorridas nesse grupo, nos últimos anos, geraram transformações nas classes ditas mais baixas também.



O glifosato e a criação de superervas daninhas

Entrevista com Dionízio Grazziero

Confira nas Notícias do Dia de 12-05-2010

Disponível no link <http://migre.me/EOJ7>

Trinta anos depois da introdução da transgenia, a agricultura sofre com um monstro criado pela prática. O Roundup, herbicida já antigo, mas poderoso, utilizado em plantações de soja transgênica, está transformando as ervas daninhas que deveria eliminar em verdadeiras superervas, resistentes aos inseticidas disponíveis no mercado.



A escola e a favela: entre a segregação e a educação com êxito

Entrevista com Ângela Paiva

Confira nas Notícias do Dia de 13-05-2010

Disponível no link <http://migre.me/EOKC>

A pesquisadora fala sobre o crescimento do ensino básico e reflete sobre a relação da escola com o espaço onde os alunos vivem. Analisa a favela e descreve esse ambiente como “um lugar onde tem uma confluência perversa” de fatores negativos, como a baixa escolaridade dos pais, e isso, segundo ela, leva “a prática educacional a não ter êxito”.

“O capitalismo de desastre é uma resposta à crise”



Entrevista com Vânia Cury

Confira nas Notícias do Dia de 14-05-2010

Disponível no link <http://migre.me/EONo>

Criado pela jornalista e ativista canadense, Naomi Klein, o conceito de capitalismo de desastre revê questões relacionadas à obtenção de lucro em meio à calamidade. Segundo Vânia Cury, “essa exploração das situações de crise afetam as coletividades humanas, nos paralisa diante do medo, e nos torna impotentes diante da realidade”.

**Leia as Notícias do Dia no sítio do IHU
www.ihu.unisinos.br**



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU **ON-LINE**

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

XI SIMPÓSIO INTERNACIONAL O (DES)GOVERNO DA VIDA HUMANA

13 a 16 de setembro de 2010

Informações e inscrições: www.ihu.unisinos.br

ou Central de Relacionamento Unisinos - (51) 3591 1122

Local: Unisinos • Anfiteatro Pe. Werner • Av. Unisinos, 950 • São Leopoldo • RS

HU: NO BIOPOLÍTICO NA

apoio:



Promoção:



ACESSE OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE.



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA
WWW.IHU.UNISINOS.BR

Agenda da Semana

Confira os eventos desta semana realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

Dia 20/5/2010
IHU ideias (Pré - evento do XII Simpósio Internacional IHU: A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade) Profa. Dra. Beatriz Domingues - Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF Platão e os Guarani: uma leitura da obra de José Peramás Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Horário: 17h30min às 19h
Dia 24/5/2010
Evento: Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana Prof. Dr. Oswaldo Giacoia - Unicamp Nietzsche e o pensamento trágico Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Horário: 19h30min às 22h
Evento: EAD - Espaço de Espiritualidade I - ABRIR OS OLHOS (5ª Edição)

Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida

Conforme o físico Ivan Amaral Guerrini, o tema dos sistemas dinâmicos e complexos tem atraído a atenção de muitos pesquisadores do mundo todo, nos últimos anos. “Os sistemas dinâmicos e complexos são, na verdade, os sistemas que ocorrem na natureza, sendo que essa terminologia ficou conhecida a partir da emergência da Teoria do Caos e da Complexidade ocorrida na década de 60”, explica. Guerrini é o autor da edição nº 129 dos **Cadernos IHU ideias**, disponível para download em <http://migre.me/FEs4>. Segundo ele, caos e complexidade são temas bastante usados e unidos na atual fase “pós-moderna” da ciência, e há inclusive um neologismo para tratá-los de forma integrada: “caosplexidade”. Guerrini é professor titular da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável

Articular uma reflexão geral sobre tecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável, trazendo-a para a realidade com a introdução da variável nanotecnologia. Esse é o tema em debate na edição nº 130 dos **Cadernos IHU ideias**, de autoria de Paulo Roberto Martins, sociólogo e pesquisador do Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo. Com vasta experiência em trajetórias tecnológicas e meio ambiente, é fundador e coordenador da Rede Brasileira de Pesquisas em Nanotecnologia, Sociedade e Meio Ambiente (RENANOSOMA). Ele pontua que “é preciso analisar as inovações nanotecnológicas em relação a um ecossistema específico. Isso se faz necessário, para que possamos dimensionar a ‘mochila ecológica’ que leva consigo um determinado produto que contenha componentes nanotecnológicos”. Para conferir a publicação, acesse <http://migre.me/FEIP>.

www.ihu.unisinos.br

Eventos

Platão e os Guarani: uma leitura da obra de José Peramás

Livro do padre jesuíta espanhol faz várias referências a Platão e compara aspectos da obra do filósofo com a República dos Guarani. Real sociedade guarani seria uma combinação de Platão e cristianismo, destaca a historiadora Beatriz Domingues

POR MÁRCIA JUNGES

Que outra situação colonial teria propiciado a concretização de um Estado e sociedade cristãos, como aquela existente entre os guarani? O questionamento foi formulado pelo padre jesuíta José Peramás, autor de *A República de Platão e os guarani*. A obra estará em debate nesta quinta-feira, 20 de maio, no IHU ideias, que é pré-evento do XII Sim-
pósio Internacional IHU: A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade. A conferencista é a historiadora Beatriz Domingues, professora da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em Minas Gerais. De acordo com ela, “Peramás nos parece preocupado em demonstrar, com sua narrativa, que a experiência missionária dos jesuítas na América do Sul foi baseada no modelo de Cristo, e iniciada por seus apóstolos no Novo Mundo desde o século XVI”. Há várias referências a Platão ao longo do texto, e o “método” de Peramás é compendiar o que o filósofo escreveu “sobre diferentes assuntos, descrever o referido aspecto entre os guarani, citar ocasionalmente comentários de Platão e outros relatos sobre os guarani, e ‘deixar que o leitor decida’ se existiram mais afinidades ou discrepâncias entre os escritos de Platão e a vida concreta dos índios guarani”. Platão surge na obra de Peramás como um cristão avant la lettre: o amor pela verdade e pelo bem tem que superar o amor por si mesmo. Assim, de modo geral, completa Beatriz, “a real sociedade guarani apresentaria uma combinação de Platão e cristianismo”. As declarações foram dadas na entrevista concedida, por e-mail, à IHU On-Line.

Beatriz é graduada em História na UFJF, mestre em Política Internacional pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com a tese *A Modernidade Ibérica e a Revolução Científica do século XVII*. Coursou pós-doutorado na University of Maryland System, nos Estados Unidos. Escreveu *Tradição na Modernidade e Modernidade na Tradição: a Modernidade Ibérica e a Revolução Copernicana* (Rio de Janeiro: COPPE/ UFRJ, 1996); *A reinvenção da roda: a política nuclear no Brasil entre 1964 e 1978* (Juiz de Fora/ Rio de Janeiro: EDUJF/ COPPE, 1997) e *Tão Longe, tão perto: a Ibero-América e a Europa Ilustrada* (Rio de Janeiro: Editora Museu da República, 2007). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como a obra do Padre José Peramás ajuda a contar a natureza das missões jesuíticas na América?

Beatriz Domingues - A ideia de comparar os livros da *República* e das *Leis* de Platão com o tipo de administração que teve lugar nas missões ou reduções dos guarani no tempo dos jesuítas nasceu possivelmente da nostalgia de tempos passados e longínquos, vividos

intensamente como venturosos, mas agora perdidos. São memórias de uma experiência de vida, descrita com minúcias e exaltada com entusiasmo.

O título original, dado pelo próprio autor - *Diário do desterro* - indica claramente seu pertencimento à literatura produzida por seus colegas de batina, quando forçados a se afastarem de suas missões e/ou de suas “pátrias” no Novo Mundo. Também a biografia do

jesuíta em questão autoriza tal associação. José Manuel Peramás nasceu próximo a Barcelona, em 1723. Foi admitido entre os jesuítas em 1747, e então zarpar para o Novo Mundo. Viveu durante 24 anos no Paraguai, de onde foi expulso em 1767 juntamente com muitos outros inicianos expulsos da Espanha e de diversas regiões hispano-americanas e enviado para Faenza, Itália, onde veio a falecer em

1793. Tratava-se de um humanista, influenciado por poetas latinos - Horácio¹, Virgílio² ou Ovídio³ - e pela prosa de Cícero⁴, e que percebeu a novidade e grandiosidade do que considerou “a terra eleita”. Sua obra expressa a condição de muitos jesuítas hispano-americanos exilados na Itália, que já não mais se consideravam propriamente espanhóis, mas americanos.

Eles representavam, segundo Miguel Batllori⁵, uma fase regionalista pré-nacional em termos de suas formulações patrióticas sobre o continente americano. Ao mesmo tempo, servindo-se do latim enquanto língua geralmente entendida nos círculos cultos da Europa, Peramás se inclui entre o grupo de espanhóis que não têm pruridos em defender a colonização espanhola na América contra os ataques derogatórios de filósofos europeus como Raynal⁶ e De Pauw⁷. Que outra situação colonial, ele se interroga, teria propiciado a concretização de um Estado e sociedade cristãos, como aquela existente entre os guarani?

Peramás opõe às opiniões desses pensadores “ilustrados de gabinete” - consideradas por ele falsas ou mal intencionadas -, o seu próprio testemunho ocular, vivido ou lido em documentos de primeira mão (uma prática historiográfica corrente entre os jesuítas exilados, mas ainda pouco difundida nos círculos intelectuais setecentistas). Em seu texto, há muitas

“Comparações com as projeções platônicas parecem ter a função ‘pedagógica’ de mostrar ao leitor europeu do século XVIII - mais ou menos familiarizado com a polêmica em torno das missões guarani - que elas superam o projetado na utopia platônica e, naturalmente, a realidade corrompida das sociedades europeias do próprio século das luzes”

memórias do trato afetuoso e delicado de pessoas com as quais conviveu em vários momentos difíceis, acrescidos de referências a documentos jesuíticos e a obras de filósofos do passado e de seu tempo, as quais podiam ser lidas em uma cidade como Faenza, em fins do século XVIII. A lista e variedade de citações e referências são provas consistentes de que Peramás teve acesso a uma boa e seleta biblioteca, utilizada com critério e sagacidade. É também um bom historiador, erudito e preciso na citação das fontes.

IHU On-Line - Por que o Padre José Peramás intitulou sua obra como *A República de Platão e os guarani*? Beatriz Domingues - Embora o contraponto explicitamente anunciado na obra do jesuíta seja Platão⁸ e a repú-

blica por ele idealizada, uma observação mais incisiva e detalhada sobre o texto não parece reforçar que Platão seja, de fato, o seu principal interlocutor, ou mesmo o mais importante ponto de partida. Peramás nos parece preocupado em demonstrar, com sua narrativa, que a experiência missionária dos jesuítas na América do Sul foi baseada no modelo de Cristo, e iniciada por seus apóstolos no Novo Mundo desde o século XVI: daí ter rendido frutos desconhecidos em outras partes do globo. Esta parece ser também a opinião do jesuíta e historiador Bartolomeu Melià⁹, ao afirmar que, se Peramás chegou a Platão, não foi a partir de Platão, mas de um método e de uma prática de missões: a missão por “redução”, delineada desde 1503, nas *Leis das Índias*, tentada, abandonada, corrigida e ajustada em diversas experiências em toda a América.

Certamente muitas referências a Platão estão presentes no texto. O “método” do jesuíta consiste em compendiar o que Platão escreveu sobre diferentes assuntos, descrever o referido aspecto entre os guarani, citar ocasionalmente comentários de Platão e outros relatos sobre os guarani, e

República e o Fédon. Sobre Platão, confira e entrevista “*As implicações éticas da cosmologia de Platão*”, concedida pelo filósofo Prof. Dr. Marcelo Perine à edição 194 da revista IHU On-Line, de 04-09-2006, disponível em <http://migre.me/uNq3>. Leia, também, a edição 294 da Revista IHU On-Line, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em <http://migre.me/uNqj>. (Nota da IHU On-Line)

⁹ Bartolomeu Melià: jesuíta espanhol Bartolomeu Melià, pesquisador do Centro de Estudos Paraguaio Antonio Guasch e do Instituto de Estudos Humanísticos e Filosóficos. Sempre se dedicou ao estudo da língua guarani e à cultura paraguaia. Doutor em ciências religiosas pela Universidade de Estrasburgo, acompanhou e conviveu com os indígenas Guarani, Kaingangue e Enawené-nawé, no Paraguai e no Brasil. É membro da Comissão Nacional de Bilinguismo, da Academia Paraguaia da Língua Espanhola e da Academia Paraguaia de História. Entre suas publicações, citamos *El don, la venganza y otras formas de economia* (Assunção: Cepag, 2004). Confira a entrevista *As missões jesuítas nos sete povos das missões*, concedida por Melià à edição 196 da Revista IHU On-Line, de 18-09-2006, disponível em <http://migre.me/vMqJ>. Na noite de 26-10-2010 Melià profere a conferência *A cosmologia indígena e a religião cristã: encontros e desencontros de universos simbólicos, dentro da programação* do XII Simpósio Internacional IHU - A Experiência Missionária: território, cultura e identidade. Confira a programação completa do evento em <http://migre.me/vMs5>. (Nota da IHU On-Line)

1 Quinto Horácio Flaco (65 a.C. - 8 a.C.): poeta lírico e satírico romano, além de filósofo. É conhecido por ser um dos maiores poetas da Roma Antiga. (Nota da IHU On-Line)

2 Públio Virgílio Marão (70 a.C. - 19 a.C.): também conhecido como Vergílio ou Virgílio, foi um poeta romano clássico, mais conhecido por três obras principais, as *Éclogas* (ou *Bucólicas*), as *Geórgicas* e *Eneida* - apesar de vários poemas menores também serem atribuídos a ele. (Nota da IHU On-Line)

3 Publius Ovidius Naso (43 a.C. - 18 d.C.): poeta romano. (Nota da IHU On-Line)

4 Marco Túlio Cícero (106 a.C. - 43 a.C.): filósofo, orador, escritor, advogado e político romano. (Nota da IHU On-Line)

5 Miquel Batllori i Munné (1909-2003): sacerdote e historiador espanhol. (Nota da IHU On-Line)

6 Guilherme Thomas François Raynal (1713-1796): religioso e filósofo francês. Utilizou o nome L'Abbé Raynal quando pertenceu à Companhia de Jesus. (Nota da IHU On-Line)

7 Cornelius Franciscus de Pauw or Cornelis de Pauw (1739-1799): filósofo holandês, geógrafo e diplomata da corte de Frederico, o Grande, da Prússia. (Nota da IHU On-Line)

“deixar que o leitor decida” se existiram mais afinidades ou discrepâncias entre os escritos de Platão e a vida concreta dos índios guarani. Apresenta os capítulos segundo os temas - em Platão e entre os guarani -, enfatizando os aspectos da vida indígena que comprovam que, longe de serem selvagens, eles ultrapassavam em civilidade os preceitos de Platão e/ou a realidade existente na Europa. Desta forma, o autor apresenta à Europa setecentista uma sociedade tropical mais civilizada que a europeia devido as suas semelhanças com o cristianismo primitivo, um aspecto também presente nas utopias do século XVI. Tais semelhanças tornam-se mais interessantes na medida em que, como já dito, o jesuíta não toma como parâmetro utopias como aquelas escritas por Morus¹⁰, Bacon¹¹ e Campanella¹²; o que ele oferece é a “descrição de uma realidade construída a partir do ensaio-erro”, na qual conviveu por 24 anos. Comparações com as projeções platônicas parecem ter a função “pedagógica” de mostrar ao leitor europeu do século XVIII - mais ou menos familiarizado com a polêmica em torno das missões guarani - que elas superaram o projetado na utopia platônica e, naturalmente, a realidade corrompida das sociedades europeias do próprio século das luzes.

Cristão *avant la lettre*

Um exemplo interessante da estratégia de Peramás recorrer a Platão para discutir questões polêmicas de seu próprio tempo é quando se refere à Inquisição. Segundo ele, uma prova de civilidade guarani é a inexistência, entre eles, de vícios e crimes que necessitem um tribunal da Inquisição. Diferentemente do que proclamam os

10 Sir Thomas More, ou Thomas Morus (1478-1535): advogado, escritor, político e humanista inglês. Foi executado por ordem do rei Henrique VIII e posteriormente canonizado pela Igreja Católica com o nome de São Thomas Morus. Sua obra mais famosa é *Utopia*, de 1516. (Nota da IHU On-Line)

11 Francis Bacon (1561-1626): político, filósofo e ensaísta inglês. Sua principal obra filosófica é o *Novum Organum*. (Nota da IHU On-line)

12 Tommaso Campanella (1568-1639): filósofo, teólogo, astrólogo e poeta italiano. (Nota da IHU On-Line)

“Ainda segundo Bartolomeu Melià, se Peramás sente-se próximo das ideias de Platão, mostra-se distante e até horrorizado pelas novidades da Ilustração e pelas ideias e ideais da Revolução Francesa”

“filósofos liberais” (ilustrados), Platão propunha um tribunal da inquisição “mais duro e severo que o nosso”. Porque Platão “sabia muito bem que nada perturba tanto a República como quando se sacodem os fundamentos da religião”. Daí ter proibido que se cantassem, em público, canções que não tivessem sido antes aprovadas pelos magistrados. Platão aparece no texto de Peramás como um cristão *avant la lettre*: o amor pela verdade e pelo bem tem que superar o amor por si mesmo. Apesar dessas considerações sobre a utilidade de uma inquisição, somos informados pelo jesuíta que os guarani não estão submetidos ao tribunal, mas apenas “aos seus curas, a outros religiosos e aos cidadãos espanhóis”. E nem seria necessário, já que inexistem entre eles vícios e crimes que necessitassem a repressão do referido tribunal, como também era o caso da Ilha de Utopia, de Morus.

Já os filósofos ilustrados, que ele classifica como “filósofos desenfreados”, fazem um panegírico da lei natural. Em sua defesa, alguns chegam a “admitir o Hades; outros, que o homem vive somente da matéria e que se compara com as bestas; outros, enfim, são ateus”. Mas não há, segundo Peramás, sociedades que vivam mais de acordo com a lei natural do que aquelas regidas pelo cristianismo. Em contraste com os “filósofos liberais” que querem explicar o progresso das

sociedades sem a religião, o autor reafirma o papel fundamental que o evangelho exerceu e exerce na civilização (um aspecto tão valorizado pelo pensamento ilustrado). Isso seria verdade tanto para os germanos como para os guarani.

IHU On-Line - Quais eram as particularidades nas missões jesuíticas com os guarani que as aproximavam do modelo da República de Platão?

Beatriz Domingues - Ainda segundo Bartolomeu Melià, se Peramás sente-se próximo das ideias de Platão, mostra-se distante e até horrorizado pelas novidades da Ilustração e pelas ideias e ideais da Revolução Francesa. O mundo europeu da época parece, ao autor, estar demasiadamente “civilizado”, demasiadamente materialista e individualista para ser humano e, conseqüentemente, cristão. A caracterização da obra como utopia, no entender de Melià, advém do fato de não serem mais possíveis, na Europa, os modos de vida mais antigos, ao mesmo tempo mais solidários e mais fraternos. Já na segunda metade do século XVI, era mister reconhecer que sequer o cristianismo era capaz de manter a pureza de costumes e a vida de caridade consideradas essenciais em sociedades igualitárias e fraternas, moderadas em seus desejos, solidária, sem apelo monetário, porém com significativo progresso, como foi a república dos guarani.

Um ponto comum entre os escritos de Platão, Morus e o de Peramás era a questão da comunidade de bens. Peramás não aceitava tal proposta na forma como se apresentava nos livros de Platão - ainda que o considerasse um cristão *avant la lettre* -, ou na utopia do católico Morus. Segundo ele, mesmo se na nascente Igreja cristã houve uma perfeita comunidade e igualdade entre o grupo de fiéis, isto ocorreu “por singular obra do Espírito Santo, que quis dar lustre à doutrina de Cristo com tão exímio exemplo, para atrair para si uns e outros”. Já entre os guarani, havia bens comuns, mas não todos os bens. O trabalho da população em seus respectivos campos comuns, conforme o antigo costume romano, teria certamente sido aprovado pelo

“ilustre varão Tomás Morus, que queria que fossem agricultores todos os que se juntaram naquela sua república ou UTOPIA”. Thomas Morus segue Platão, mas se distingue dele em coisas essenciais: o estado ideal lhe serve para criticar a situação real da Inglaterra de seu tempo, e, em seu modelo de sociedade, não há classes sociais, e a comunidade de bens se estende a todos.

As referências de Peramás a Platão baseiam-se em edições existentes em sua época. O inaciano exilado de seu querido Paraguai propõe-se a mostrar que, na América do Sul, entre os guarani, existiu algo parecido com o concebido por Platão (e Morus), porém melhor. A real sociedade guarani apresentaria uma combinação de Platão e cristianismo. Mas ele faz questão de explicitar que admira algumas ideias platônicas, mas não todas: “não aquelas que vão de encontro à doutrina cristã”. Considera a felicidade dos povos proporcional ao cumprimento dos mandamentos de Cristo; quanto mais assíduos aos cultos divinos e mais firmes na fé são os povos, mais perfeitas e felizes são as sociedades. Nisso está de acordo com Campanella. Este é seu principal argumento para refutar os “ataques temerários e irreverentes dos atuais filósofos” (ilustrados). Platão entra aqui como um exemplo de pensador que, mesmo antes de Cristo, combinava religião e boa sociedade, possibilidade negada a partir do século XVI por Maquiavel¹³ e seus seguidores e, no século XVIII, por muitos filósofos ilustrados.

IHU On-Line - Nesse sentido, em que medida há conexão entre as concepções de Peramás e de Clovis Lugon sobre uma república comunista dos guarani?

Beatriz Domingues - A conexão é certamente possível. O jesuíta e historiador suíço Clovis Lugon¹⁴ se inclui no

13 Nicolau Maquiavel (1469-1527): historiador, filósofo, dramaturgo, diplomata e cientista político italiano do Renascimento. É reconhecido como fundador da ciência política moderna por escrever sobre o Estado e o governo como realmente são, e não como deveriam ser. Separou a ética da política. Sua obra mais famosa, *O Príncipe*, foi dedicada a Lourenço de Médici II. (Nota da IHU On-Line)

14 Clovis Lugon: jesuíta e historiador suíço,

grupo dos admiradores de Peramás e inimigos do Marquês de Pombal¹⁵, ou mais exatamente entre os defensores do modo de vida guarani enquanto um exemplo a ser seguido por outras sociedades. Já desde a publicação de seu *A república “comunista” cristã dos guarani*: 1610/1768 (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968), em 1949, era conhecido como o “vigário vermelho”, em grande parte devido às suas ideias igualitárias, que difundia entre a juventude. Mas seu livro é também um estudo da sociedade guarani que atenta para várias características das missões admiradas já durante os séculos XVII e XVIII (por Peramás, por exemplo), além da comunidade de bens.

Ele assinala, por exemplo, o assombro dos soldados portugueses e espanhóis diante da magnitude das igrejas missionárias, quando das batalhas finais da questão dos limites. Segundo ele: “Tudo lhes falava e os impressionava: os grandes confessionários de cedro, também rematados por estátuas, as pias batismais, a majestade deslumbrante e a profusão de vida e riqueza dos altares. A nobreza, a grandeza, a pureza e a doçura cercávamos, envolviam-nos inteiramente. Esses antigos cristãos da velha Espanha católica sentiram-se dominados. Alguns tiveram medo e recuaram, como se fossem bárbaros sacrílegos que, ao violarem um lugar sagrado, descobrissem um mundo superior. Os melhores sentiram-se humilhados e envergonhados, de armas na mão”¹⁶.

Outro exemplo seria a existência de uma língua geral. As missões guarani, segundo ele, constituíam uma grande nação formada por tribos diferentes, porém unificadas por uma língua geral. Ocupando um território cuja extensão suplantava a da Europa Continental, que se estendia dos pampas sulinos aos limites da Amazônia, causou espanto

autor de *A república comunista cristã dos guaranis* (Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1968). (Nota da IHU On-Line)

15 Sebastião José de Carvalho e Melo (Marquês do Pombal - 1699-1782): nobre e estadista português. Foi secretário de Estado do Reino durante o reinado de D. José I (1750-1777), sendo considerado, ainda hoje, uma das figuras mais controversas e carismáticas da História Portuguesa. (Nota da IHU On-Line)

16 LUGON, Clovis. *A república “comunista” cristã dos guaranis*, p. 151-152. (Nota da entrevistada)

aos conquistadores o fato de tantos povoados socialmente isolados manterem essa língua unificadora. Peramás já afirmava que língua guarani não perde em sofisticação e artifício nem para o grego, nem para o latim. Até porque as línguas seriam mais um dom de Deus que uma invenção dos povos. E Deus escolheu os guarani. Também ficaram impressionados com a perfeição da língua guarani, atribuindo-a a um dom de Deus, Domingo Bandeira, Cláudio Duret, Lorenzo Hervás y Panduro¹⁷ S.J., dentre outros.

IHU On-Line - Em que aspectos as missões jesuíticas concretizam a grande utopia humana de igualdade e da fraternidade?

Beatriz Domingues - O propósito enunciado por Peramás foi destacar a peculiaridade dos guarani em relação à república platônica - tomada por ele como parâmetro - e às utopias renascentistas, as quais ele faz poucas referências. Mas são referências importantes, no sentido de comprovar a tênue separação entre ficção e realidade, independentemente da intenção declarada dos autores. Diferentemente de Morus e Campanella, que alegavam estar descrevendo uma sociedade imaginária, para, através dela, criticar a sociedade em que viviam, Peramás anuncia que seu relato é o de uma sociedade concreta, na qual ele próprio viveu por um longo período.

Podemos sempre especular que quem anuncia estar escrevendo apenas ficção esteja sempre falando também de realidade, assim como o seu inverso, ou seja, que os que proclamam descrever exclusivamente o real, frequentemente lhe adicionam sua dose de ficção. Não é aqui o espaço para aprofundarmos nesta discussão, mas ela certamente perpassa minhas considerações sobre os escritos do autor em questão.

Concordo com a sugestão de Melià de que o texto seria mais propriamente definido como uma “utopia concretizada”, o que lhe dá uma feição bastante conservadora: é entusiasta, embora ingênua, idealista, mas polê-

17 Lorenzo Hervás y Panduro (1735-1809): jesuíta espanhol, famoso filologista. (Nota da IHU On-Line)

mica. Entra em atrito com o racionalismo da Ilustração francesa, mas não se atreve a propor o que havia de revolucionário em uma sociedade como a guarani das reduções; uma sociedade colonial em muitos de seus aspectos, localizada na periferia do sistema mercantil, mas que, ao mesmo tempo, concretizou os ideais cristãos não encontrados na Europa ou em nenhuma outra parte do mundo.

Analogias

Embora o autor do prefácio à tradução da obra de Peramás para o português atente para o fato de não existirem provas textuais para aproximações entre as orientações dos jesuítas e alguns modelos utópicos renascentistas (Thomas Morus, Campanella), é importante notar o fato de Peramás ter-se referido nominalmente a Morus (por exemplo, no capítulo onde discute sobre a comunidade de bens). Nele fica explícito que o jesuíta cita Morus como exemplo de utopia ficcional, para então contrapor o seu relato verídico de sua experiência em uma sociedade que superou quaisquer ficções ou projeções. Isso porque, segundo ele, suas fontes são documentais: além de suas próprias memórias, incluem narrativas e histórias “de pessoas balizadas” que já haviam tratado das missões com admiração e interesse.

Não só pela mencionada referência de Peramás a Morus, arrisco dizer que podemos, no século XXI, estabelecer analogias entre suas descrições da sociedade guarani e as utopias renascentistas cristãs, ainda que, no século XVIII, o gênero utopia não estivesse muito em voga. Isso talvez explique o fato de o próprio Peramás não considerar seu trabalho como tal. Não impede, contudo, que o contraponto ficção/realidade - que perpassou os textos renascentistas, os ilustrados e continua vivo até hoje - se tenha feito presente também na obra de Peramás. A coexistência entre ficção e realidade vem à tona na própria proposta do jesuíta setecentista de provar a total compatibilidade entre religião e a melhor sociedade possível, na linha proposta por Campanella no início do século XVII: a verdadeira sociedade justa, igualitária

“É importante salientar, uma vez mais concordando com Melià, que as muitas referências citadas por Peramás não são feitas somente para fins de erudição ou elegância: são premissas sérias e honestas para construir o diálogo dos guarani com o mundo moderno e com o da Ilustração”

e próspera tornou-se possível, precisamente, sob princípios cristãos. Com ou sem intenção, o autor dá continuidade também ao principal argumento de autores antimauquiavelistas - dentre os quais se destacavam os jesuítas, refutando o autor do “Príncipe”, embora jamais citado, desde o século XVI - que não aceitavam a máxima maquiavélica segundo a qual um bom príncipe tem que fingir ser um bom cristão, mas não sê-lo de fato. A sociedade construída pelos jesuítas entre os guarani na América do Sul, garante-nos Peramás, é “civilizada” e supera em muito qualquer outra idealizada pelos europeus, exatamente por ser exemplo único de sociedade regida por princípios cristãos, segundo a concepção humanista cristã de civilização: a frequência religiosa ao templo fecha a porta para vícios como a corrupção dos costumes.

Isso foi, segundo ele, reconhecido por muitos que conheceram *in loco*, ou através de “fontes confiáveis”, o empreendimento missionário jesuítico no Paraguai. Nem o autor nem outras testemunhas, nas quais ele se apara, jamais tinham visto um povo tão piedoso como o guarani. O próprio papa Benedito XIV¹⁸ teria reconhecido

¹⁸ Papa Bento XIV (1675-1758): nascido Pros-

a igreja guarani como modelo. Também Felipe V ficou conhecendo, pelo testemunho dos bispos, a grandeza e esplendor dos templos guarani, “impossíveis de superar em religiosidade, brilho e devoção”, e congratulou-se com os superiores do Paraguai e seus companheiros guarani.

IHU On-Line - Qual foi a novidade do tipo de sociedade vivenciada nessas missões em relação às outras formas políticas existentes àquela época?

Beatriz Domingues - Foi significativa. Dialogando com as utopias de Platão e dos renascentistas Morus e Campanella, Peramás mostrava aos seus coevos, em especial aos então inimigos europeus da Companhia de Jesus - cujas teorias sobre o Novo Mundo tinham por pressuposto e conclusão a inferioridade da América em relação à Europa - que existia, de fato, no continente americano, uma república indígena regida por princípios cristãos e igualitários. Diferentemente dos citados autores renascentistas, o jesuíta enfatiza a veracidade do seu relato sobre a experiência civilizadora dos inacianos entre os guarani, possibilitada pela longa vivência entre eles. Esta experiência *in loco* foi o argumento central utilizado por ele para demonstrar o equívoco das teses dos denominados “filósofos de gabinete” europeus contemporâneos a ele, como Cornelius de Pauw e Raynal. É interessante constatar, contudo, o aparente paradoxo de ser Peramás um crítico e, ao mesmo tempo, adepto de alguns pressupostos do pensamento ilustrado: sua crítica à Ilustração europeia coexiste com a adesão a alguns de seus princípios mais caros, como a oposição civilização/barbárie, bem como a preponderância do real sobre o ficcional acima mencionado.

Mas é importante salientar, uma vez mais concordando com Melià, que as muitas referências citadas por Peramás não são feitas somente para fins de erudição ou elegância: são premissas sérias e honestas para construir o diálogo dos guarani com o mundo moderno e com o da Ilustração. Os

pero Lorenzo Lambertini, foi Papa de 17 de agosto de 1740 até sua morte. Foi eleito com 50 votos entre 51 votantes do longuíssimo conclave de 1740. (Nota da IHU On-Line)

guarani, como poucos outros povos da América, penetraram na reflexão filosófica, política e religiosa moderna, dando lugar às mais curiosas interpretações e comentários. Isto é importante na medida em que possibilita estabelecer um diálogo de seu texto com a bibliografia pró e antijesuítica e/ou pró e anti-americana, que caracterizou a segunda metade do Século das Luzes, e que continuou a existir, sob outros formatos, nos séculos subsequentes.

IHU On-Line - Em que aspectos a experiência das missões continua a inspirar o povo latino-americano para uma outra política, mais justa?

Beatriz Domingues - A defesa da sociedade guarani no século XVIII por Peramás se alinha, por exemplo, com a de José Cardiel¹⁹. Mas tratava-se de um tempo em que as missões jesuíticas eram tema recorrente não apenas entre jesuítas. O empreendimento missionário foi certamente criticado por filósofos europeus como Voltaire²⁰, no *Cândido*. Por outro lado, é curioso que o “ateu” Voltaire tenha localizado o Eldorado - para ele sinônimo de uma sociedade civilizada e não somente rica em ouro - em algum lugar remoto da América do Sul. Mas se pode detectar também, mesmo em escritos de inimigos da Companhia de Jesus, referências positivas às missões, que foram excluídas da selvageria reinante no Novo Mundo por autores como Montesquieu²¹ e Raynal.

Posteriormente, por ocasião da Revolução Francesa e durante o século XIX, foram frequentes as associações das missões com ideais libertários e/ou socialistas. Dois entusiastas dignos de menção foram Paul Lafargue²², gen-

19 José Cardiel (1704-1782) foi um missionário jesuíta que se destacou como naturalista e geógrafo - e, particularmente, como cartógrafo -, e escreveu sobre a flora, fauna, e etnografia do Rio da Prata. (Nota da entrevista)

20 Voltaire (1694-1778): pseudônimo de François-Marie Arouet, poeta, ensaísta, dramaturgo, filósofo e historiador iluminista francês. Uma de suas obras mais conhecidas é o Dicionário Filosófico, escrito em 1764. (Nota da IHU On-Line)

21 Charles-Louis de Secondat (Barão de Montesquieu - 1689-1755): político, filósofo e escritor francês. Ficou famoso por sua Teoria da Separação dos poderes, atualmente consagrada em muitas das modernas constituições nacionais. Sua obra mais famosa é *O espírito das leis*. (Nota da IHU On-Line)

22 Paul Lafargue (1842-1911): revolucionário

“Pode-se detectar também, mesmo em escritos de inimigos da Companhia de Jesus, referências positivas às missões”

ro de Karl Marx, e Kautski²³, precursor do socialismo.

No início do século XX, penso que a combinação de marxismo com catolicismo por José Carlos Mariátegui²⁴ poderia se inserir na mesma linha. O pioneiro marxista peruano argumentou, nos *Sete ensaios sobre economia peruana* (São Paulo: Alfa-Ômega, 2004) que, na história da América Latina, não se aplicava a máxima marxista que interpreta a religião como ópio do povo. Segundo ele, desde Bartolomé de las Casas²⁵, no século XVI, representantes da Igreja na América Latina se posicionaram em favor dos oprimidos. E isto ainda era possível. Mariátegui foi uma das referências para a Teologia da Libertação²⁶.

jornalista socialista francês, escritor e ativista político. Foi genro de Karl Marx, casando-se com sua segunda filha, Laura. Seu mais conhecido trabalho foi *O Direito à Preguiça*, publicado no jornal socialista *L'Égalité*. (Nota da IHU On-Line)

23 Karl Kautsky (1854-1938): teórico político alemão, um dos fundadores da ideologia social-democrata. Foi uma das mais importantes figuras da história do marxismo, tendo editado o quarto volume de *O Capital*, de Karl Marx. (Nota da IHU On-Line)

24 José Carlos Mariátegui La Chira (1894-1930): jornalista peruano, filósofo político e ativista. Foi um escritor prolífico até a sua morte prematura, aos 35 anos de idade. É considerado um dos socialistas latino-americanos mais influentes do século XX. Algumas de suas obras foram traduzidas para a língua portuguesa: *Do sonho às coisas: retratos subversivos* (São Paulo: Boitempo, 2005), *Por um socialismo indo-americano* (Rio de Janeiro: UFRJ, 2005), entre outras. (Nota da IHU On-Line)

25 Frei Bartolomé de las Casas (1474-1566): frade dominicano, cronista, teólogo, bispo de Chiapas, no México. Foi grande defensor dos índios, considerado o primeiro sacerdote ordenado na América. Sobre ele, confira a obra de Gustavo Gutiérrez, *O pensamento de Bartolomeu de Las Casas* (São Paulo: Paulus, 1992). (Nota da IHU On-Line)

26 Teologia da Libertação: escola importante na teologia da Igreja Católica, desenvolvida depois do Concílio Vaticano II. Surge na América Latina, a partir da opção pelos pobres, e

Esta linha de autores tende a pensar a história das missões jesuíticas no Paraguai enquanto uma história pragmática, resultado da atividade do dia-a-dia, no ensaio-erro, na qual confluem decisões práticas com ideias teóricas. A explicação para o seu sucesso estaria na combinação de princípios evangélicos com regras do senso comum, conhecida como aculturação. Mas a conclusão do jesuíta Melià é que muitas das soluções podem ser provavelmente atribuídas mais aos guarani que aos jesuítas: sem os guarani, as missões seriam outra coisa.

Em 2009, o livro *Pedido de perdão ao triunfo da humanidade - A importância dos 160 anos das Missões Jesuítico-Guarani* (Porto Alegre: Martins Livreiro, 2009), escrito por José Roberto de Oliveira²⁷ em comemoração aos 400 anos das Missões, mostra a importância que as missões jesuíticas Guarani tiveram na concepção de um mundo fraternal-igualitário-possível e especialmente na formação da ideia de que a utopia do cristianismo se realizou durante 160 anos da experiência missionária na América do Sul (1609-1768.). O importante alerta dado por ele, pensando na realidade atual do Mercosul e do turismo missionário, é que o guarani não desapareceu, apesar do extermínio de grande parte deles: sua genética e cultura continuam vivas em países como Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai.

se espalha por todo o mundo. O teólogo peruano Gustavo Gutiérrez é um dos primeiros que propõe esta teologia. A teologia da libertação tem um impacto decisivo em muitos países do mundo. Sobre o tema confira a edição 214 da IHU On-Line, de 02-04-2007, intitulada *Teologia da libertação*, disponível para download no link <http://migre.me/FCLA>. (Nota da IHU On-Line)

27 José Roberto de Oliveira: foi vice-prefeito de São Miguel das Missões e também secretário de turismo da cidade. É autor de *Pedido de perdão ao triunfo da humanidade - A importância dos 160 anos das Missões Jesuítico-Guarani* (Porto Alegre: Martins Livreiro, 2009). Sobre a obra, confira a entrevista O milagre Guarani, concedida às *Notícias do Dia* do site do Instituto Humanitas Unisinos, em 07-05-2009, disponível para download em <http://migre.me/FDLr>. (Nota da IHU On-Line)

IHU Repórter

Marluza Marques Harres

POR PATRICIA FACHIN | FOTO ARQUIVO PESSOAL

Para a professora do curso de graduação e pós-graduação em História, Marluza Marques Harres, a escolha profissional foi algo natural e gradativo e está diretamente relacionada com a sua dedicação aos estudos. Há 20 anos trabalhando na universidade, ela já foi coordenadora do PPG em História, representante dos professores no CONSUN e hoje se dedica à pesquisa. Na entrevista que segue, ela relembra alguns momentos desta trajetória e resgata lembranças da época de estudante. Confira.

Origens - Nasci em Sananduva, uma cidade na área da colonização italiana, próxima a Passo Fundo. A família de meu pai é de Itaqui, da zona da fronteira, é de origem portuguesa (Marques) e espanhola (Escobar). Ele era funcionário público estadual e, por exigência do trabalho, acabou indo parar na área colonial, pois foi instalar as Exatorias Estaduais nessa região, primeiro em Lagoa Vermelha e depois em Sananduva. Foi quando conheceu a minha mãe, de origem italiana (Viacelli). Tenho mais três irmãos; eu sou a caçula. Quando os filhos começaram a crescer, meu pai resolveu pedir transferência para alguma localidade mais perto de Porto Alegre, passando a trabalhar em São Leopoldo. Então, moro na cidade desde pequena e me sinto leopoldense.

Estudos - Fiz a graduação em História na Unisinos. A minha trajetória está relacionada com os professores da graduação e com os colegas. Continuo trabalhando com alguns dos amigos que fiz no período da graduação, como as professoras Eliane Deckmann Fleck, Maria Cristina Bohn Martins, Luiz Fernando Rodrigues, Paulo Staudt Moreira e o Marcos Tramontini. Da graduação, tenho ótimas lembranças e, mais do que isso, considero fundamental o aprendizado que tive nessa etapa da minha formação. A professora Helga Piccolo nos ensinou os caminhos da pesquisa e dos acervos e nos deu outra visão

do que era a História, considerando efetivamente a perspectiva da pesquisa. O padre Ignácio Schmitz e a professora Ítala Becker também tinham essa vivência de pesquisa e conseguiram nos mostrar um outro horizonte de trabalho. Isso nos estimulou a seguir a carreira acadêmica. Já a paixão pelo curso foi uma herança da professora Beatriz Franzen.

Família - Casei muito nova, em 1976, e logo tive meu primeiro filho, Thiago. Nunca senti a família como um empecilho. Quando tive meus filhos, naturalmente, diminuí a intensidade do trabalho e dos estudos, mas nunca parei. Sempre contei com total apoio do meu esposo, e ele foi categórico no sentido de me incentivar a continuar minha vida profissional. Meu segundo filho, Pedro, nasceu sete anos depois. Apesar da diferença de idade, eles são amigos e parceiros. Thiago é advogado, formado pela UNISINOS, e trabalha num escritório de advocacia. Pedro cursou Relações Audiovisuais, na Unisinos, e é assistente de direção na produtora de Otto Guerra.

Vida em família - Sou muito apegada à família, estou sempre atenta e acompanhando a trajetória dos meus filhos. Também sou uma tia muito presente na vida dos meus quinze sobrinhos. Recentemente, eu assumi as festas da família e gosto muito de fazer esse trabalho



de conagração familiar. Considero fundamental o compartilhamento da memória que esses momentos proporcionam. Minha mãe mora em São Leopoldo. Tenho uma relação muito forte e intensa com ela.

Mestrado e doutorado - Morei no Rio de Janeiro por três anos, época em que fiz um curso de especialização no Museu Nacional, o que reforçou a minha determinação de fazer pesquisa histórica. A oportunidade de fazer esse curso apareceu em função da carreira do meu esposo, Silvio Harres. Ele é médico e foi estudar acupuntura no Rio de Janeiro, numa época em que essa terapêutica não era ainda reconhecida como especialidade médica, era um grande sonho para ele, buscava uma forma de tratar as pessoas que não dependesse tanto dos medicamentos. Quando retornamos para o estado, em 1988, ingressei no mestrado, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e, em seguida, cursei o doutorado na mesma instituição. Terminei o doutorado em 2002.

Trajetoária profissional - Meu primeiro emprego foi no Colégio Sinodal, trabalhando com o Ensino Médio. Depois fiz concurso na Fundação Liberto e trabalhei, aproximadamente uns cinco anos, lecionando história para os alunos dos cursos técnicos. Ingressei na

Unisinos, em 1989, quando recém tinha iniciado o mestrado. Sou professora da graduação e pós-graduação em História. Fui coordenadora do PPG durante os últimos dois anos. Foi uma experiência muito boa, mas, se tivesse de exercer o cargo por mais tempo, perderia minha identidade de pesquisadora. A gestão absorve muito e é difícil conciliar o ritmo da pesquisa com as tarefas da administração.

Não é fácil conciliar carreira profissional e família, mas acho que consegui fazer isso muito bem. Quando fiz o doutorado, minha família se queixava muito porque eu não participava dos encontros. Realmente, esse foi o período em que fiquei mais reclusa.

Penso que acabei sendo feliz na minha trajetória profissional, faço essa avaliação porque ela não foi racionalizada, planejada - sou uma pessoa mais intuitiva. Hoje, os jovens já têm de projetar o futuro. Para mim, isso foi algo natural e gradativo. Quando me pego pensando na época da graduação, vejo que nada naquela época me dizia que teria essa trajetória. Lembrando das conversas com os colegas, nós não pensávamos e nem sonhávamos com uma carreira naquele momento. Nem mesmo cursar História foi uma decisão pronta e totalmente segura, o certo é que eu sempre gostei de estudar. Então, a profissão, nesse sentido, possibilitou e ainda possibilita isso.

Área de estudo - Depois de um período atuando como professora na Unisinos, fui convidada, pelo Coordenador, prof. Dr. Arthur Blásio Rambo, a integrar o programa de Pós-Graduação em História na condição de pesquisadora em treinamento. Tive, então, a oportunidade, em atendimento a uma indicação da Pós-Graduação, de trabalhar como historiadora em um grande projeto interdisciplinar na área ambiental, liderado pelo curso de Geologia. O projeto abrangia toda a bacia do rio Camaquã e foi desenvolvido por bastante tempo, acho que ficamos de 1994 até 2004, dez anos, pesquisando sobre essa área. Descobri com essa experiência que trabalho muito

bem em equipe, com coletivos, tenho facilidade e sinto-me estimulada pelo diálogo e com as parcerias. Aprendi a observação *in loco* com os geólogos e, a partir desse trabalho, comecei a utilizar a metodologia da história oral. Meu doutorado nasceu da relação entre a história ambiental e a história agrária, pois, investiguei a política agrária do Governo Leonel Brizola (1958-1962) para essa região do Camaquã, que foi palco no surgimento do **Movimento dos Agricultores Sem Terra do Rio Grande do Sul - Master**, ligado ao Partido Trabalhista Brasileiro - PTB. Atualmente, continuo trabalhando sobre as questões do mundo rural, explorando outras formas históricas de organização, representadas pelo Cooperativismo rural.

Lazer - Temos um sítio na cidade de Igrejinha, e gosto muito de passar os finais de semana lá. Adoro cuidar do jardim, da horta ou do pomar. Faço ginástica para manter a saúde. É uma necessidade. Tenho que ter muita disciplina para manter a regularidade nas aulas, pois, nunca tive o perfil de esportista. Assisto à televisão, mas não muito, aprecio mais ir ao cinema. Nas horas de folga ainda prefiro ler.

Religião - Sou católica. Quando meu pai faleceu, minha mãe comprou uma casa no bairro Cristo Rei, em São Leopoldo. Essa área da cidade ficou, para mim, marcada pela lembrança do Padre Reus. Lembro que minha avó vinha do interior, e nós íamos sempre fazer uma visita ao santuário Padre Reus. Também íamos passear nos jardins do Cristo Rei. O universo católico é algo muito forte em minha família. Não faço nenhum trabalho junto à Igreja, mas prezo muito os referenciais cristãos e rezo sempre que sinto necessidade.

Sonhos - Tenho muitos. Minha meta em curto prazo é transformar meu doutorado em um ou dois livros. Estou envolvida num projeto da prefeitura de revitalização do centro antigo de São Leopoldo. Tenho muitas expectativas em relação a ele porque envolve a cidade.

de. A área central de São Leopoldo está necessitando de atenção.

Unisinos - A Unisinos passou por um crescimento muito importante. Fico surpresa porque fui aluna ainda na sede antiga. A universidade se transformou numa potência na região. Percebo que está se desenhando um novo projeto para a Unisinos por meio do desenvolvimento tecnológico. Vejo positivamente que o reitor, padre Marcelo Fernandes de Aquino, não está perdendo de vista o papel que deve representar a reflexão da área das humanas nesse processo. O avanço da técnica e da tecnologia desestabilizam nossos referenciais éticos. A área das humanas tem condições de oferecer subsídios para essa reflexão. As nossas referências do humanismo e da modernidade precisam ser repensadas, redefinidas. Precisamos nos situar nesse momento novo.

IHU - Sou admiradora do trabalho do IHU, embora perceba que professores e alunos acompanham pouco a intensa atividade programada. Achava que isso acontecia por falta de comunicação, mas avalio que também ocorre devido à intensificação do trabalho. Sou defensora de que se deva repensar a jornada de trabalho em geral. Houve um ganho de produtividade muito grande nos últimos 15 anos, e isso não está contabilizado. Essa é uma discussão muito incipiente, e o IHU tem contribuído ao tratar desse problema nas suas notícias e nos seus eventos. Trabalhamos muito hoje, e nossos alunos também. É difícil trabalhar, estudar e ainda encontrar tempo para participar dessas atividades e incorporá-las ao nosso processo de aprendizagem.

Um grupo de professoras e eu brincávamos que o IHU era uma casinha de bonecas, um lugar livre para brincar e sonhar. Ele consegue ser um polo arejado de pensamento e inovação na área das humanas. O PPG em História fez uma parceria com o IHU para realizar o **XII Simpósio Internacional IHU - A experiência missioneira. Território, cultura e identidade**. Estamos muito contentes.

Destaques

Platão e os Guarani: uma leitura da obra de José Peramás

A obra *A República de Platão* e os guarani é o tema em debate nesta quinta-feira, 20 de maio, no IHU Ideias pré-evento do XII Simpósio Internacional IHU: A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade. A conferencista é a historiadora **Beatriz Domingues**, professora da UFJF. De acordo com ela, a real sociedade guarani seria uma combinação de Platão e cristianismo. Confira a entrevista com a pesquisadora nesta edição.

Benjamin e o pensamento alegórico

Ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo judeu alemão, Walter Benjamin legou à humanidade um pensamento crítico que continua atual. Em suas pesquisas ligadas à Escola de Frankfurt, desenvolveu o conceito de pensamento alegórico, que será descrito no dia 26-05-2010 pela Profa. Dra. **Cláudia Castro**, da PUC-Rio no Ciclo de Estudos Filosofias da Diferença - Pré-Evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Confira a programação completa em <http://migre.me/FliS>.

Entrevistas do Dia

Diariamente, o site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, www.ihu.unisinos.br, publica uma síntese de notícias preparadas por sua equipe de jornalismo. São as **Notícias do Dia**. Dentro dessa síntese, merece destaque a **Entrevista do Dia**, produzida com exclusividade pela IHU On-Line, repercutindo temas de fundo, da atualidade. Você pode receber as **Notícias do Dia** em seu e-mail. Para isso, basta preencher o campo Cadastre-se, no site do IHU.

Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida

Conforme o físico **Ivan Amaral Guerrini**, o tema dos sistemas dinâmicos e complexos tem atraído a atenção de muitos pesquisadores do mundo todo, nos últimos anos. “Os sistemas dinâmicos e complexos são, na verdade, os sistemas que ocorrem na natureza, sendo que essa terminologia ficou conhecida a partir da emergência da Teoria do Caos e da Complexidade ocorrida na década de 60”, explica. Guerrini é o autor da edição nº 129 dos **Cadernos IHU ideias**, disponível para download em <http://migre.me/FEs4>. Segundo ele, caos e complexidade são temas bastante usados e unidos na atual fase “pós-moderna” da ciência. O autor é professor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Apoio:

